



Elizabeth Madureira Siqueira (Org.)

Dunga Rodrigues

Homenagem do IHGMT
pelos 112 anos de seu nascimento

paruna



**Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
IHGMT**

Conselho Editorial

Elizabeth Madureira Siqueira (UFMT/IHGMT)
Eduardo Mahon (IHGMT)
João Carlos Vicente Ferreira
Nileide Souza Dourado (UFMT/IHGMT)
Luiza Rios Ricci Volpato (IHGMT)
Renilson Rosa Ribeiro (UFMT/IHGMT)

Conselho Consultivo e Científico

História

Arno Welling (UF RJ/UNIRIO/UGF)
Giovani José da Silva (UNIFAP)
Leandro Mendes Rocha (UFG)
Fernando Tadeu de Miranda Borges (UFMT)
Luiza Rios Ricci Volpato (USP-SP)

Geografia

Cláudio Antônio Di Mauro (UFU)
Eliane Tomiasi Paulino (UEL/PR)
José Borzacchiello da Silva (UFC)
Rosimeire Aparecida de Almeida (UFMS)
Solange Terezinha de Lima Guimarães (UNESP)

Educação

Elizabeth Figueiredo Sá (UFMT)
Nicanor Palhares Sá (UFMT)

Áreas Afins

Rosemar Eurico Coenga (UNIVAG)
Cristina Teobaldo (UFMT)

Diretoria 2020-2022

Presidente: Neila Maria de Souza Barreto

1º Vice-Presidente: Allan Kardec Pinto Acosta Benitez

2º Vice-Presidente: Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa

1º Secretário: Fernando Tadeu de Miranda Borges

2º Secretária: Zuleika Alves de Arruda

1ª Tesoureira Geral: Isis Catarina Martins Brandão

2º Tesoureiro: Francisco Ildelfonso da Silva Campos

Conselho Fiscal

Suíse Monteiro Leon Bordest
Tereza Cristina Cardoso de Souza-Higa
João Eloy de Souza Neves

Conselho Consultivo

Sônia Regina Romancini
Nilza Queiroz Freire
Felipe Rodolfo de Carvalho

Elizabeth Madureira Siqueira (Org.)

Dunga Rodrigues

Homenagem do IHGMT pelos
112 anos de seu nascimento

Cuiabá
2020

© Copyright Elizabeth Madureira Siqueira, 2020.
Os direitos desta edição são reservados ao IHGMT.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M183 Madureira Siqueira, Elizabeth.

Dunga Rodrigues: Homenagem do IHGMT pelos 112 anos de seu nascimento / Elizabeth Madureira Siqueira (Org.). 1ª edição. Cuiabá-MT: Paruna Editorial, 2020, 180 p.

ISBN: 978-659902561-7

1. Dunga Rodrigues. 2. Literatura Mato-grossense. 3. Música. 4. Cuiabá-MT.
I. Título. II. Autor.

CDD: 013
CDU: 008

Revisão:

Elizabeth Madureira Siqueira

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:

Candida Bitencourt Haesbaert – Paruna Editorial

Fotos:

Acervo da Família Rodrigues e IHGMT.

Apoio:



IHGMT

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

Rua Barão de Melgaço n. 3.869 (Centro) - Cuiabá, MT – 78050-500

Acesse o site: [www//ihgnt.com.br](http://ihgnt.com.br)

Contato: ihgmt.com.br

“Não vou morrer.
Vou mudar de linguagem.”

Dunga Rodrigues



Capa do opúsculo
*Tributo a Dunga
Rodrigues*, 2001.

Prefácio

Atemporalidade, história e liquidez com Dunga Rodrigues

A obra, que ora prefacio, apresenta a liquidez proveniente da voz e das ações empreendidas por Maria Benedita Deschamps Rodrigues (1908-2001), a Dunga, em comemoração aos seus 112 anos. Uma pioneira na difusão da cultura escrita no estado de Mato Grosso. Afirmativa que pode ser constatada na leitura das produções aqui apresentadas, com as quais os pesquisadores / escritores abrem as janelas das próprias percepções sobre a produção da autora e desaguam na escritura fidedigna de Dunga, muitas inéditas, que expressam com dinamicidade e talento ímpar, o cotidiano dos habitantes da cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso.

Dunga morou na Rua Grande, no Bairro do Porto, atualmente Avenida 15 de Novembro e descreveu de forma ímpar as particularidades da Cuiabá de seu tempo, em distintos gêneros discursivos, os quais compõem o seu legado intelectual, conforme constata-se em dados documentais, historiográficos e literários. São escrituras que ultrapassam a localização geográfica e/ou histórica porque estão recheadas de memórias e de testemunhos de quem viveu em Cuiabá. Destaco o seguinte depoimento da autora: “Aprendizado para viver era o meu objetivo. Mas, minha avó vivia dizendo: a vida só se aprende vivendo. Observe muito, observe tudo: as pessoas, os fatos, os modos, a linguagem, seus pensamentos. Tudo isso é muito útil”. E, Dunga, não apenas observou, mas materializou o cotidiano do povo e o lugar em que viveu. Portanto, a cidade de Cuiabá é, sem dúvida, o núcleo de sua produção intelectual, conforme destaca Elizabeth Madureira Siqueira (2002, p. 22), pois: “[...] temia que a riqueza da cultura herdada por mais de dois séculos pudesse ser esquecida, ou melhor, relegada ao segundo plano frente ao intenso e vigoroso movimento migratório desencadeado em direção a Mato Grosso, especialmente pós-1970”. Assim, registrou em vários formatos a cultura do estado.

A estreia de Dunga Rodrigues, como autora de livros, aconteceu depois de mais de quatro décadas de contribuições em Jornais e periódicos na região, com *Reminiscências de Cuiabá* (1969), produção

escrita em comemoração aos 250 anos da cidade, que apresenta uma miscelânea de assuntos que compuseram a história do povo, nas esferas socioculturais. Exercendo também, muitas atividades públicas: professora, musicista, jornalista, pesquisadora, apresentadora de TV, historiadora e escritora. Por sua última função, sobretudo, ocupou a Cadeira de número 39, na Academia Mato-Grossense de Letras, desde 1984, tendo sido a terceira mulher a ocupar uma cadeira na instituição. As composições selecionadas para essa homenagem, bem como o estudo realizado sobre outras produções da autora, nos levam a apontar que ela esteve sempre enredada por uma rede protetiva chamada gratidão, não somente por expressar este sentimento em vários momentos de suas narrativas escritas, como também, a gratidão pela vida que ficou registrada em depoimentos e entrevistas.

Dunga Rodrigues herdou do pai, Firmo José Rodrigues (1871-1944), o talento intelectual, bem como o olhar amoroso sobre a cidade e seus habitantes, que também deixou um legado relevante para Mato Grosso, não apenas sobre a história da política ou como professor atuante, mas com registros escritos sobre a cultura da Cuiabá de seu tempo, recuperando inúmeras memórias históricas, especificadamente, na publicação de sua autoria em 2001, pelo IHGMT, intitulado *Diário de uma viagem*. Firmo foi major do Exército Nacional, professor e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, colaborou com vários jornais e revistas da região e publicou, também, em parceria com José de Mesquita e Rubens de Mendonça *Bibliografia Mato-Grossense*, de 1944.

Como historiadora, musicista e declamadora, nos reportamos aos *Cadernos Musicais da Cuiabania (1978-1979)*. Neles, Dunga exhibe as notas biográficas e partituras musicais de compositores que, também, contribuíram com a história da música em Cuiabá. Muitas informações dos cadernos estão presentes, ainda, em seu livro intitulado *Movimento Musical de Cuiabá (2000)*. Foram inúmeras sessões lítero-musicais organizadas pela autora que tiveram como palcos o anfiteatro do *Liceu Cuiabano*, a *Casa Barão de Melgaço*, o *Palácio Alencastro* e o *Conservatório de Música de Mato Grosso*. Na maioria das vezes, as exibições aconteciam ao som do piano, seguidas por declamações poéticas.

Como escritora, Dunga Rodrigues oferece poesia, música, lendas, contos, crônicas, receitas culinárias, entre outros gêneros. São materialidades discursivas focalizadas por memórias, descritas por Eclea

Bosi (2003), como ficção. A alegria, a jovialidade, o bom humor e uma sagaz ironia escorrem das veias de suas produções, proporcionando deliciosas viagens pelos becos da cidade, pelos quintais arborizados das casas geminadas, pelas vivências e intimidades dos habitantes do bairro do Porto, por histórias recheadas de humor, de musicalidade, de política, e, sobretudo, das teclas do piano que, muitas vezes, ressoaram homenagens aos seus conterrâneos.

Ao utilizar o termo liquidez, refiro-me à fluidez dos escritos ao percorrer campos de conhecimentos distintos que se amalgamam, como voz social, multifacetada, que emana dos textos e, por outro lado, como escritora que, de certa forma, problematiza a realidade, ao traçar a passagem de uma sociedade sólida para outra fluída. Neste viés, Zygmunt Bauman enfatiza que: “Os fluídos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, inundam’[...]” no entanto, “[...] para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas (Bauman, 2001, p; 08-22). Assim, diluída na voz da narradora, Dunga exibe a perspectiva imprescindível e humanizadora da literatura defendida por Antonio Candido (2004) em *O direito à literatura*, ao legitimar vozes sociais que ecoam dos textos, atribuindo aos habitantes da cidade, muitas vezes, o estatuto de personagens em narrativas literárias. E, também com isto, elabora fios que conduzem às pequenezes humanas, à excludente sociedade em que vivemos, tecendo narrativas de uma viajante em potencial, que soube filtrar na/pela memória composições musicais, históricas e literárias, com protagonismo e ousadia, diluindo-se no/em lugares múltiplos.

É, portanto, na teia de significações, também, diluídas nas vozes de escritores que compõem a unidade dessa obra, que mescla a história social e política à literatura escrita em Mato Grosso, que convido-os à degustação da escritura e agradeço o presente vindo das mãos pródigas da organizadora e professora Elizabeth Madureira Siqueira, foi com a sensação de alegria e de gratidão que saboreei cada página. Na oportunidade, enfatizo o trabalho minucioso, árduo, mas, sobretudo, primoroso, que o IHGMT empreendeu na digitalização e organização do espólio de Dunga Rodrigues, alocando objetos de primeira qualidade e de grande potencial à disposição de pesquisadores e de estudiosos de diversas áreas do conhecimento.

Por ora, destaco que como cuiabana de *tchapa e cruz* (nascida e criada em Cuiabá), como se autodenominou, Dunga apreciava os *tchás-co-bolo* (chá e guloseimas nos momentos de ócio), e, este livro constitui-se na oferta generosa de possíveis momentos vigorosos às sombras frondosas das árvores de seus quintais, em companhia do que há de mais arrebatador nas produções da autora. Estruturalmente a obra, está ainda organizada, com percepções de estudiosos(as) que conviveram e/ou que apreciam a produção da autora, ofertando memórias que anunciam teias tênues na rede da existência humana e que ratificam aspectos peculiares da herança intelectual dessa escritora digna da homenagem, ora prestada.

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira

Doutora em Estudos Literários/PPGEL-UNEMAT

Cáceres, lua nova, 25.06.2020

Sumário

Apresentação	13
Elizabeth Madureira Siqueira (Org.)	
Como tudo começou – Ruínas	18
Luiza Rios Ricci Volpato	
<i>Ruínas</i>	21
Poética	24
Lucinda Nogueira Persona	
<i>Bilhete Sideral</i>	27
<i>Reitores UFMT</i>	28
Cotidiano romanceado	30
Sônia Regina Romancini	
<i>Nos Campos do Sul</i>	33
Vultos da Literatura de Mato Grosso	40
Felipe Rodolfo de Carvalho	
<i>O lirismo de Antônio Tolentino</i>	43
<i>Palmyro Pimenta</i>	45
Educação	47
Zuleika Alves de Arruda	
<i>Escolas</i>	50
<i>Profissão do Magistério</i>	54
<i>Sovas</i>	55
Poder	58
Allan Kardec	
<i>A mesa</i>	61
<i>Os coronéis</i>	63
<i>Sinhara</i>	64
<i>Dona Ciríaca e o voto feminino</i>	69
<i>Anacleto Gorelli Conceição dos Santos</i>	69
Figuras Anônimas	78
Suíse Monteiro Leon Bordest	
<i>Manuel e Hermógenes</i>	80

Cotidiano em Cuiabá	83
Neila Maria de Souza Barreto	
<i>O primeiro dia do ano de 1962</i>	86
<i>Cantares de roda</i>	88
<i>Os abacaxis da profissão</i>	91
<i>Último recado</i>	92
<i>O homem de casaca verde</i>	93
<i>Saber viver</i>	96
<i>A surpresa do Nilo</i>	97
<i>Bailes</i>	99
Datas Festivas	101
Fernando Tadeu de Miranda Borges	
<i>Várzea Grande</i>	103
<i>Festa da fraternidade</i>	104
<i>Saudação ao Vigário da Paróquia de São Gonçalo</i>	105
<i>Aniversário de Cuiabá, 1969</i>	110
<i>Salve 8 de Abril</i>	111
<i>Ano Novo, Ano Bom</i>	118
Universo Mítico	121
Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa	
<i>Causos e lendas da nossa terra</i>	124
Casas Cuiabanas	130
Gabriel de Mattos	
<i>Casas cuiabanas</i>	132
Teatro	136
Nileide Souza Dourado	
<i>O teatro que eu vi</i>	139
<i>Uma apresentação</i>	149
A missão civilizadora de Dunga Rodrigues	151
Eduardo Mahon	
<i>Discursos dirigido aos Missionários Salesianos</i>	155
<i>Discurso pronunciado em 1947, por ocasião da posse da nova diretoria do Grêmio Literário Júlia Lopes, em nome da presidente eleita Maria de Lourdes de Oliveira</i>	157
<i>Discurso pronunciado no lançamento do livro Cuiabá ao longo de 100 anos, em parceria com Maria de Arruda Müller</i>	161
<i>Discurso de posse na Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira 39)</i>	163
<i>Discurso pronunciado por Dunga Rodrigues na formatura das alunas do Conservatório Mato Grosso</i>	179



Elizabeth Madureira Siqueira, Presidente do IHGMT, entregando flores à Dunga, por ocasião das comemorações dos 80 anos do IHGMT (1999). Acervo fotográfico IHGMT.

Apresentação

Elizabeth Madureira Siqueira (Org.)

O Ponto de Cultura do IHGMT, iniciado em 2019 e desenvolvido em 2020, contou com o apoio da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer – SECEL-MT que, em edital específico, selecionou 60 projetos-prêmios, tendo o do IHGMT sido contemplado.

A instituição, perseguindo sua vocação, escolheu duas vertentes de trabalho no campo da preservação da memória.

A primeira, incorporando ao acervo bibliográfico da Casa Barão de Melgaço a Biblioteca da Profa. Elizabeth Madureira Siqueira e referente a Mato Grosso e às áreas de História, Educação e Ciências Sociais. Levado para a sala do Ponto de Cultura, o conjunto de livros e álbuns foram devidamente catalogados e colocados em estantes, sendo duas delas doadas pela citada professora e as demais restauradas do mobiliário da Casa Barão de Melgaço, perfazendo um total de 2.309 títulos.

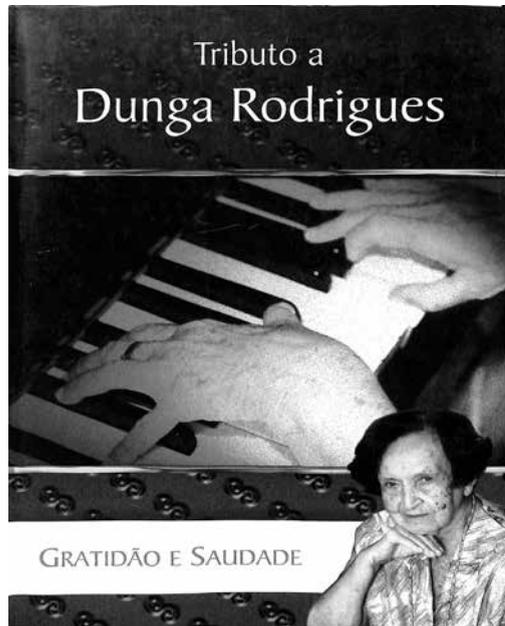
Como segunda e igualmente importante vertente, optou-se por digitalizar toda a originária produção intelectual manuscrita e impressa da Família Rodrigues, Firmo José Rodrigues e Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga), mas também o fantástico acervo fotográfico acumulado pelos dois, de cerca de mais de mais de 500 imagens.

Para conseguir identificar as fotos, solicitamos ajuda à sobrinha-neta de Dunga, D. Regina Saldanha, que se dispôs a acrescentar dados sobre as fotografias, indicando as pessoas, vinculação de parentesco ou amizade com a Família Rodrigues, assim como acrescentar dados que considerasse necessários. Essa ajuda foi de muita importância para explicar condizentemente as imagens fotográficas.

Firmo e Dunga publicaram seus escritos e poesias em livros e em diversos periódicos de Mato Grosso, entre as décadas de 1890 até 2000, aproximadamente. Nessa medida, buscamos digitalizar essa expressiva produção, porém, muitos escritos, especialmente os de autoria de Dunga ainda se mantiveram inéditos, o que nos levou a reunir uma parte deles e dar a lume neste livro.

Pai e filha escreveram muito sobre Cuiabá, seu cenário urbano, habitantes, hábitos, costumes e universo cultural, político e mítico, de forma única e muito particular e diferenciada da produção usual da época. Este livro é um presente que o IHGMT, através do Ponto de Cultura, oferece à Família e à comunidade em geral, pois ambos conseguiram recuperar em seus escritos paisagens, episódios e personalidades que estariam olvidados para sempre.

Depois de reunidos os escritos inéditos de Dunga, optamos por publicá-los, compromisso que o IHGMT assumiu em 2001 por ocasião da chegada das suas cinzas, pois ela faleceu na cidade paulistana de Santos, tendo sido ali cremada. No culto católico, organizei um opúsculo em sua homenagem, contendo notícias publicadas por ocasião de seu falecimento, assim como alguns artigos escritos por amigos.



Capa do Opúsculo
"Dunga Rodrigues, Tributo
de Gratidão e Saudade.

Meses após este evento, a Família entrou em contato com o Conservatório Dunga Rodrigues e comigo, na qualidade de Curadora da Casa Barão de Melgaço, oferecendo o acervo acumulado por Firmo e por Dunga, dando-nos total liberdade de escolher o que seria mais significativo.

Nessa medida, o Conservatório ficou com o piano, as partituras, e a Casa Barão de Melgaço ganhou a biblioteca, as fotografias, os manuscritos, objetos e também o mobiliário. O imenso acervo foi apoiado pelo CNPq/Projeto Norte, entre 2002 e 2004. Com o recurso disponibilizado foi possível treinar bolsistas (alunos do curso de História da UFMT), adquirir material permanente e de consumo. O projeto teve a duração de 2 anos, tendo recebido apoio imprescindível para que fosse realizado o trabalho de separação, higienização e catalogação, além do acondicionamento em caixas e restauro do mobiliário, o que garantiu sua preservação. Agora, a Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer (SECEL-MT) brindou o IHGMT com a aprovação do Prêmio Ponto de Cultura, possibilitando digitalizar toda produção publicada e inédita de Firmo e Dunga Rodrigues.

Assim, a presente obra está dividida por temáticas, a saber: *Como tudo começou, Poética, Cotidiano romanceado, Vultos da Literatura de MT, Educação, Poder, Figuras Anônimas, Cotidiano em Cuiabá, Datas Festivas, Universo Mítico, Casas Cuiabanas, Teatro e Discursos*, tendo o IHGMT convidado alguns de seus associados para fazer a apresentação dos temas.

Em cada um deles estão enfeitados textos hoje raros, preciosos e inéditos. Considerando que esta obra é fruto o esforço do IHGMT nos investimentos no Ponto de Cultura (SECEL), achamos por bem produzir um livro coletivo contendo as crônicas e poesias de Dunga Rodrigues. A quantidade de sua produção variou de acordo com os temas e foram manuscritas em pequenos cadernos, blocos ou em folhas avulsas, hoje digitalizada.

O cuidado editorial exigiu a digitação e posterior conferência das imagens com os originais, Foram muitas horas de trabalho minucioso e dela participaram os colaboradores Fabiana Silva Azevedo de Jesus, Júlio César de Abreu, Cleusa M. Zamparoni, Zuleika Alves de Arruda e Elizabeth Madureira Siqueira. De outro, todos os textos escolhidos passaram por um processo de digitalização revestido de muito esmero e executado pelo técnico Júlio César de Abreu, que capturou e gravou todas as imagens tendo por base uma digitalizadora adquirida com recursos do Ponto de

Cultura (SECEL), o que beneficiou e beneficiará, sobremaneira, os trabalhos presentes e os que serão realizados futuramente.



Digitalizadora adquirida pelo Ponto de Cultura e notebook da Profa. Elizabeth Madureira Siqueira (2020). Acervo fotográfico Casa Barão de Melgaço.

Dunga sempre dizia: *aqui em Cuiabá, uma festa resgata a outra*, e ela cumpriu até o final de sua vida esse princípio, tanto que se sentiu mal em um casamento de seu sobrinho neto, em Santos-SP, vindo a falecer. Durante o tempo que convivi com ela, estava sempre preparada para festas e muitos eventos, indo a todos, acompanhada de pessoas diferentes ligadas ao cinema, teatro, música, literatura, enfim, ela nunca deixava de comparecer a qualquer deles por falta de disposição.

Como literata, acho que ela e o pai foram pessoas que mais e melhor descreveram Cuiabá, seus hábitos, costumes, formas de viver e de pensar. Nisso sim, ela foi além da literatura usual e rebuscada da época. Dunga escreveu até os últimos anos de sua vida não só literatura, mas também diversas peças musicais.

A presente obra é um tributo e uma forma de agradecimento à Família Rodrigues, pela doação do acervo, e especialmente à pessoa de Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga), pelo muito que fez por Cuiabá, cidade onde nasceu, viveu e amou incondicionalmente, mas, sobretudo, pelo seu contributo à cultura mato-grossense.

A CHRYSALLIDA

Periodico da Mocidade do Lyceu Cuiabano

REDACTOR CHEFE:—Benjamin D. Mont'iro

COLLABORADORES:—Diversos

Publicação quinzenal—Redacção: Rua Joaquim Murlinho 169

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

N.º 21

Cuiabá, 15 de Maio de 1927.

ANNO II

"DATAS NACIONAES"

Trinta e nove annos são passados e ainda parecem soar nos nossos ouvidos as ovações ruidoras das multidões, que delirantes de alegria, aclamavam e bendiziam a "lei aurea", desde as regiões inhospitas do Oyapok até as verdejantes campinas do Sul.

Dois essa lei veio descortinar novos horizontes aquelles miseráveis filhos d'Africa, a qual, parecia já implorar misericordia aos Céus, nessas mesmas supplicas com que Castro Alves tão bem soube interpretar as suas dores:

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role atravez dos astros e do espaço

Perdão pra os crimes meus!
Ha dois mil annos em soluço um grito...

Escuta o brádo meu ha no infinito,

Meu Deus! Senhor, meu Deus!!

E tu, bandeira do Brasil que nos fortalece de fé e de esperança, com que nos conduzimos nos dias de paz e de guerra, não poderias ser a mortalha da Liberdade, alvo do odio e maldição de uma raça escrava!

Foi assim que os teus filhos, queimando a mata iniqua da escravidão, foram lançando as boas sementes, até que um dia viriam crescer e florir o arbusto bendito da Liberdade.

E pode dizer-se que a data de 13 de Maio foi apenas escolhida para assignalar a victoria de uma causa, que desde ha muito vivia nos corações: de Fustico de Queiroz, Visconde do Rio Branco, Barão de Cotegipe, de José do Patrocínio, de Joaquim Nabuco e muitos outros.

E o povo tambem, já não se conformava mais com esse estado de cousas: as consciencias já ouviam os gemidos que antes só

repercutiam no limite estreito de um carcere; os corações igualmente já se co doiam dos sofrimentos dos pobres filhos d'Africa.

Leis successivas foram quebrando os elos da corrente da escravatura.

Assim é que, a lei de 1850 extinguiu o trafico Africano; a de 1817 estabeleceu a liberdade das crianças que nascessem dessa data em diante; a de 28 de Setembro de 1885 declarou livres os escravos sexagenarios e finalmente a maior dellas, a lei de 13 de Maio de 1888, que abriu as portas da Liberdade para cerca de ottocentos mil escravos que gemiam sob o peso da escravidão por quasi dous seculos.

E essa lei abençoada por toda humanidade, que fez sorrir corações que não sabiam chorar, que deu a independencia a um povo que só sabia obedecer, trouxe "como collarario a promulgão da Republica".

Brasileiros! Dignifiquemos a nossa Republica! Levantemos o nosso civismo! Cultuemos as datas nacionaes!

Que espectaculos tristes não presenciámos por ali afora?!

Commerciantes e operarios trabalhando em pleno dia feriado, revelando ao par do seu incivismo, a sua falta de cultura, a sua ignorancia...

E mais do que isso, é de admirar-se o mau exemplo que lançam a essa infancia que ora desabrocha, certos soldados indisciplinados, que, em attitude de respeito, como fomos visto, permanecem em logares publicos, sem fazer a devida continencia, indifferentes ao toque de Hymno Nacional.

Acostumemo-nos a amar e venerar o nosso Hymno, que é a Patria quando nos falta e a nossa Bandeira que ao desfraldar "palpita" e resplandece como uma grande asa, sobre a definitiva patria, que queremos crear forte e

livre; pacifica, mas armada; modesta, mas digna; liberal, misericordiosa, suave, lyrica, mas esculpida de energia e de prudencia, de disciplina e de cohesão, de exercicio dextro e de marinha apparelhada, para assegurar e defender a nossa honra, a nossa intelligencia, o nosso trabalho a nossa justiça e a nossa paz!"

RUINAS.

A' beira da estrada polvorenta, descortinam-se as ruinas da velha casa!

Os seus muros, ruidos pelo descuido, cobrem-se de uma trepadeira agreste, que se enroscas pelas vigas do varandim já desvendado.

O semi-tecto que lhe resta, serve de ninho a môchos agorrentos.

Os passarinhos, com o seu estridular melodioso, são os únicos que dão uma nota viva aquelle caramanchão de ruinas!...

No salão, não mais se ouvem os risos crystallinos das senhoras...

E o piano não mais accorda com as suas notas sonoras, aquella solidão!

Na fonte de pedra, as aguas que cantavam aos borbotões, ha muito já seccaram; só algumas flores parasitas, que não se importunaram com as invasoras sylvestres, e recordam os vestigios de um jardim.

Abandonada, aquella velha estancia parece chorar os tempos que já se foram!...

E aquellas paredes desbotadas pelas intemperies, se fallar soubermos, o que não nos contariam?!

Ah!... como carpiriam os tradicionaes saraus, em que, engalnardas com os leques de burity, esperavam ansiosas, os genitils convivas!

Como tudo começou - Ruínas

Nuances

Luiza Rios Ricci Volpato

Conheci Dunga Rodrigues logo que cheguei a Cuiabá. Pouco depois, com a criação do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso nos tornamos colegas de trabalho, atuando ambas naquele setor. Dunga, já reconhecida como musicista e professora, compilava e transcrevia as lendas cuiabanas, trabalho posteriormente publicado. Eu dava os primeiríssimos passos na pesquisa em história de Mato Grosso.

Foi ela também quem me apresentou o rasqueado, os ritmos e a música cuiabana. Além de interprete e concertista, Dunga desenvolveu estudos sobre as manifestações musicais de Mato Grosso em especial de Cuiabá. Possuidora de formação tanto musical como histórica, percorreu os caminhos da pesquisa copilando, catalogando e transcrevendo acervos da memória musical da região.

Anos mais tarde, nos tornamos congreiras, quando fui aceita como membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Sua presença nas reuniões era marcante, mas mais interessante ainda era ouvi-la após o término das mesmas, quando liberada de formalidades ia relatando detalhes de pesquisa, indicando livros e textos e, como não poderia deixar de ser, comentando fatos pitorescos do cotidiano da vida da cidade. Foi numa dessas ocasiões que conversamos sobre a indicação do nome de seu pai, o professor Firmo José Rodrigues para uma das escolas municipais de Cuiabá e em outra ela me presenteou com livros escritos por ele, entre os quais *Figuras e coisa de nossa terra* (1959).

Alegre, acolhedora, dona de um irresistível senso de humor irônico e irreverente, Dunga sempre foi uma pessoa cativante. Não se submeteu a padrões estereotipados de comportamento, soube fazer suas escolhas e ser fiel a elas.

O gosto pelas artes e pela literatura se manifestou logo cedo e ainda adolescente iniciou sua participação em saraus e recitais.

Seu primeiro texto publicado foi a crônica *Ruínas*, apresentada no periódico *A Crysallida*, publicação da Mocidade do Lyceu Cuiabano, em 15 de maio de 1927, pouco antes da autora completar 19 anos. Como o título sugere, o texto se refere a uma edificação deteriorada, desgastada pela passagem do tempo e pelo descaso. Trata-se do relato comovido de alguém que olha para uma casa no passado exuberante, antigo palco de cenas de alegria e que então se encontra vazia e desabitada. A crônica fala de saudade e de abandono.

Mas mesmo nesse cenário triste, os passarinhos ainda cantam. Conexão entre o passado e o presente exposto aos olhos da autora, o cantar das pequenas aves trazia um toque de vida e alegria ao ambiente despojado e frio.

Dunga chama a atenção para o tronco da cumeeira, salientando que apesar do desgaste da construção o mesmo se mantinha sólido, mesmo que apoiado em paredes já então desgastadas. Seguindo seu curso, a crônica narra a história desse tronco, anteriormente árvore altiva e viçosa em seu local de origem. Robusto, forte o cedro se comprazia da companhia de seus iguais e suportava as intempéries do bosque que habitava, até ser cortado pelo fio do machado. Despido de seus galhos e de sua cobertura natural, tronco é transformado em a madeira, a viga que sustentaria o telhado de casa que se construía.

Ao ler esse parágrafo, não é difícil estabelecer uma analogia com a história do avô paterno de Dunga: natural do Rio de Janeiro, Bento José Rodrigues ainda jovem, fora recrutado pelo Exército Brasileiro e destacado para combater na guerra entre a Tríplice Aliança e a República do Paraguai. Findo o conflito, deu baixa em Cuiabá e embora fosse seu desejo, não tinha recurso necessário para retornar à Corte. Mas permanecendo na capital de Mato Grosso, aqui Bento José constituiu família e se tornou tronco de sólida e ampla descendência.

Semelhando-me à Dunga, também me sinto enternecida e curiosa diante velhos casarões. Gosto de imaginar os sonhos que teriam se concretizado naquelas paredes e cômodos, as histórias, alegrias e também tristezas ali vividas. Cada construção antes de existir habitou o desejo e a imaginação de alguém.

O texto de Dunga é pungente. Se refere a um possível passado exuberante, mas enfatiza a situação de abandono da construção e a solidão do tronco transformado em cumeeira.

Que aspecto da personalidade de sua autora essa crônica nos apresenta? Que tristeza permearia o coração daquela jovem, que sempre cativou a todos com sua alegria e espontaneidade? A irreverência e o humor zombeteiro ainda não haviam aflorado, estariam se robustecendo para ultrapassar barreiras e se expor?

É possível, pois aparecem nas crônicas mais tarde escritas, contando episódios pitorescos de Cuiabá e da vida da autora e publicadas em livros como por exemplo *Colcha de retalhos* (2000) e *Cuiabá ao longo de 100 anos (em parceria com Maria de Arruda Müller* (1994).

A crônica *Ruínas*, distante desse tom irreverente que a caracterizava, evidencia a capacidade de Dunga de se comover com coisas simples de se enternecer com aspectos pouco atrativos da paisagem local. E traz a lume uma melancolia, uma tristeza mesclada de saudade. E assim, confirma a crença na multiplicidade da alma humana, permeada por diversos sentimentos e nuances. Mesmo Dunga, sempre tão alegre e irreverente, possivelmente trazia dentro de si uma faceta pouco conhecida, onde a tristeza, a saudade e a solidão encontravam abrigo.

Ruínas

Dunga Rodrigues

À beira da estrada poeirenta, descortinam-se as ruínas da velha casa!

Os seus muros, roídos pelo descuido, cobrem-se de uma trepadeira agreste que se enrosca pelas vigas do varandim já desnudado.

O semi-tecto que lhe resta, serve de ninho a mochos agoirentos.

Os passarinhos, com seu estridular melodioso, são os únicos que dão uma nota viva àquele caramanchão de ruínas!

No salão, não mais se ouvem os risos chrySTALLINOS das senhoras...

E o piano não mais accorda, com as suas notas sonoras, aquella solidão!

Na fonte de pedra, as águas que cantavam aos borbotões, há muito já seccaram; só algumas flores parasitas, que não se importaram com as invasoras sylvestres, e recordam os vestígios de um jardim.

Abandonada, aquella velha estância parece chorar os tempos que já se foram!

E aquellas paredes desbotadas pelas intemperies, se fallar soubessem, o que não nos contariam?!...

Ah!... como carpiriam os tradicionaes saraus, em que engalanadas com os leques de burity, esperavam ansiosas os gentis convivas!

E as confidencias?... quantas não puderam escutar através das jarras de samambaia e que o seu silencio argilico, impede-as de revelar-nos!...

E a cumieira do centro, que até hoje se conserva altiva, erguendo os seus braços, como que implorando misericórdia àquelles andrajos que a sustem!...

Esse legendario cedro, como não prantearia, se lagrimas tivesse, os belos tempos em que garboso se ostentava com toda exuberancia dos seus galhos verdes?...

Fora lá, nos ermos daquela floresta imensa, que ele nascera...
La vira crescer toda sua prole, que quando arbustos, vicejavam sorridentes, à margem de um recato que serpenteava entre as suas raízes.

Ora, em violentas contorções, lutava contra o vendaval, que pretendia desgarral-o ao sólo; e ora, docemente se embalava à voz da briza que balançava confidente, a sua fronde e a de seus irmãos.

Mais tarde, em seu busto athletico sentira o golpe frio do machado do serralheiro, cujas mãos hábeis escolheram-no para a nova construção.

Depois, fora conduzido por uma junta de bois à casa do carpinteiro: lá despiram-no, esculpiram-no e a cumieira foi transplantada para a “casa nova”, onde o senhor e toda gente da villa fôra assistir ao seu levantamento.

Foi um ato solene este. E houve festa e danças em seu louvor.

Depois... tudo mudou...

Essa gente toda que ella agazalhára, para onde foi?...

Essa gente, que hoje passa indiferente, não lhe compreenderá o isolamento?

Pobre cedro!... Tudo isto lamentarias se tivesses o dom da palavra, ou se uma alma palpitasse em ti.

Hoje, ninguém se compadece do teu infortúnio.

E tú, só tú, na tua muda aflição, pareces sentir as saudades do tem passado extincto!...

[Este artigo respeitou a ortografia original da edição do jornal *A Chrysalida*, 1927]



Dunga ao piano e a cantora lírica Roma nos
100 anos de D. Maria de Arruda Müller.
Acervo Família Rodrigues.
Arquivo da Casa Barão de Melgaço.

Poética

Dunga Rodrigues: A sonora linguagem

Lucinda Nogueira Persona

No momento em que o IHGMT reúne a produção inédita e rara de Dunga Rodrigues, elegendo, portanto, a cultura em uma de suas manifestações mais genuínas e notáveis, se me impõe (ao distinto convite) não somente a responsabilidade, mas também o grato desafio de descobrir a fórmula precisa para buscar os acordes dessa artista que tão lúcida, formosa e profundamente penetrou no espírito de sua gente, concebendo e realizando em seus escritos um extenso painel do elevado sentimento de seu chão natal.

Dunga Rodrigues, professora, pianista, pesquisadora, escritora, entre outras contribuições, representa uma das vozes mais versáteis de todos os tempos, legando subsídios perenes à cultura em Mato Grosso e revelando uma combinação extraordinária de vigor musical e engenho literário.

Quando se tange um sino, as suas vibrações comunicam-se à atmosfera circundante, em ondas. Assim era o coração de Dunga Rodrigues, quando tocado pelas forças do mundo. Sua energia vibratória expandia-se nas manifestações da arte que lhe sorriera desde o nascimento. Arte que a levou também ao campo da poesia, compondo, em verso e música, o poema "*Bilhete Sideral*", homenageando os 100 anos de vida da amiga, professora e escritora Maria de Arruda Müller. A composição de Dunga Rodrigues orientou-se para a forma harmoniosa, fluindo de modo encantador e vivaz como lhe era inerente. "*Bilhete Sideral*" exprime, num arrojo do espírito, o sonho do "eu" extraordinariamente afetuoso e diligente que (incorpóreo) se posiciona numa esfera nostálgica e imponderável para alcançar seu propósito.

De outra feita, Dunga Rodrigues valeu-se também dos versos para homenagear o então nomeado Vice-Reitor da UFMT Dr. Benedito Pedro Dorileo. Combinando e transformando em poesia aquele histórico momento acadêmico, ela se manifesta de maneira

espirituosa, fagueira, atenta e animada, dando às suas palavras o grau de sua admiração e apreço pela figura ímpar de Benedito Pedro Dorileo.

Múltipla, Dunga Rodrigues, soma à sua vocação primeira (a música) o conteúdo de uma prosa notável por sua força comunicativa, sua argúcia e expressividade. E eis que, no meio de toda sua faina literária, saltou da prosa para a poesia, cortejou a Musa e teceu, em palavra e som, o seu *"Bilhete Sideral"*.

Que vigor e que musicalidade!





Helena Müller oferecendo flores à Dunga.
Acervo fotográfico do IHGMT.

Bilhete Sideral

Dunga Rodrigues

(Composição em verso e música de autoria de Dunga Rodrigues composta em homenagem a sua amiga Maria de Arruda Müller, quando a mesma completou 100 anos de vida).

Quando anoitece, afasto as nuvens
E me ponho a te mirar
Embevecido, tal poeta, eu começo a versejar
Os teus encantos com carinho e muito leve
Hora em que a terra assim me prende num enlevo
Todas as noites, qual fiel enamorado
Eu te juro cada vez mais encantado
Os anos passam e você sempre tão bela
Fico eu a contemplar tua janela, enternecido

estribilho Maria, meu bem, entre anjos do céu
Um rosto não tem belo como o teu

E eu saudoso e lento
Vou partindo
No sideral espaço
Vou subindo a mercê

A tua imagem
Impressa vou levando para o além
O coração
De saudades transbordando por você
Os anos passam e você sempre tão bela
Embevecido fico eu contemplar
Tua janela.

Reitores UFMT

Dunga Rodrigues

Mui Prezado Vice-Reitor
Dr. Benedito Pedro Dorileo:

Recebi o comunicado
da mui alta investidura,
para a qual foi nomeado,
com justiça a sua altura.

Quem já foi pai e babá
Da Fundação em criança,
já bem devia estar lá,
segurando a liderança

Para a Vice-Reitoria,
Só mesmo um cara legal,
como Vossa Senhoria
e todo o seu cabedal

De muita sabedoria,
em modéstia escondida,
Afim, com alegria,
Em vida, reconhecida.

Para o seu cargo atual,
você mete na galocha
quem está em principal,
num Vice de Marta Rocha.

Muito folgo em ver o trio:
Dori, Fifi e Tilinho,
homens de bem e de brio,
exaltados com carinho.



Dunga Rodrigues lançando o livro Colcha de Retalhos (2000). ACBM Acervo Família Rodrigues

Cotidiano romanceado

Apresentação

Sônia Regina Romancini

Por meio da crônica “*Nos Campos do Sul*”, Dunga Rodrigues introduz o tema dos estrangeiros no Sul que tiveram nos imigrantes europeus, sobretudo italianos e alemães, seus maiores representantes. Guiados por suas palavras, percorreremos os pampas gaúchos¹. Nesse contexto, a autora apresenta a vida cotidiana da protagonista Érica, à qual denomina de “alemãzinha gaúcha”, como uma referência à ascendência de sua família.

A crônica de Dunga Rodrigues apresenta a importância da vida cotidiana, analisada em suas minúcias, conforme destacado por Mesquita (1995, p. 19-20):

A observação no cotidiano é um exercício de atenção cuidadosa: supõe dois “agires”. Quem se auto-observa e simultaneamente observa os outros e os eventos em que se está envolvido, põe sua atenção sobre como e onde isto ocorre, portanto no território [...] É no cotidiano, no caso em que a heterogeneidade da vida moderna nos envolve, que as coisas se organizam em torno de afetos, trabalho, lazer.

Para entendermos o cotidiano, Carvalho (2012) pautado no pensamento de Agnes Heller, lembra que o cotidiano é a vida de todos os dias e de todos os homens em qualquer época histórica e que não existe vida humana sem o cotidiano e a cotidianidade. Sob esta perspectiva, “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade” (HELLER *apud* CARVALHO, 2012, p. 24).

1 O Pampa está restrito ao estado do Rio Grande do Sul, onde ocupa uma área de 176.496 km² (IBGE, 2004). Isto corresponde a 63% do território estadual e a 2,07% do território brasileiro. As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas. O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, etc. (Ministério do Meio Ambiente. Pampa. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/biomas/pampa>).

Portanto, não há sociedade sem cotidianidade, bem como não há homem sem vida cotidiana, uma vez que é nela que se dá o espaço-tempo de constituição, produção e reprodução do ser social (NETTO, 2012).

Sob a perspectiva da vida cotidiana, Dunga retrata a trajetória de Érica, a jovem de pele alva e olhos claros, com seus anseios e desejos. A autora conduz o leitor ao cenário do povoado, ambiente da seresta, do licor caseiro, dos bolinhos e, também, das paixões, dos encantos e desencantos. Local onde as pessoas viviam de forma harmônica, dedicadas ao trabalho que teria como fruto a prosperidade.

O vento frio que sopra do Sul não impedia o movimento que dava vida às manhãs, onde monjolos e pilões eram acionados para moer os grãos e produzir as farinhas que, possivelmente, eram utilizadas na padaria do pai da protagonista Érica. A pecuária extensiva, introduzida nos pampas pelos colonizadores ibéricos, gerou riqueza com a produção do couro, da carne e do leite, bem como práticas culturais que têm nas lides do gado muitas das suas representações.

A esperta menina tinha vivacidade e sonhos, entre eles o de ganhar uma boneca nova, com rosto de porcelana e olhos que se movimentavam, propiciando uma interação carinhosa das meninas com suas “filhinhas”. Mas o presente da madrinha vinha na forma de roupas novas, que nos tempos difíceis aqui retratados, eram muito bem aceitos pelos pais.

A rotina da menina Érica demonstra que ela conciliava os estudos com uma jornada de trabalho junto à família. Cansada, recolhia-se cedo para dormir.

O passar do tempo revela que a menina Érica tornou-se uma moça bonita, disputada por cinco jovens “gabirus”, que agiam com esperteza para lhe conquistar. Após um deles ganhar-lhe o coração, vivencia os momentos mágicos reservados às noivas, com seu vestido branco, guirlanda de flores e festa de casamento.

Mulher aguerrida, com compromissos de mãe, de dona de casa e de mulher religiosa que despence seu tempo para se dedicar à igreja e às leituras sagradas. Uma vida simples, preenchida pelo cotidiano e pelo amor aos pampas, onde ela ancorava a sua identidade.

A crônica escrita por Dunga Rodrigues nos permite entrever o Sul por seu olhar perspicaz, por sua leveza e carisma nas palavras. O encanto está na narrativa da escritora cuiabana que por meio da jovem Érica conduz o leitor aos pampas gaúchos. Boa leitura!

Referências

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. Vida cotidiana: o centro da atenção de hoje. In: NETTO, José Paulo; CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. *Cotidiano, conhecimento e crítica*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 17-29.

MESQUITA, Zilá e BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Orgs.). *Territórios do cotidiano - uma introdução a novos olhares e experiência*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

NETTO, José Paulo. Para a crítica da vida cotidiana. In: NETTO, José Paulo; CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. *Cotidiano, conhecimento e crítica*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 65-89.

Nos Campos do Sul

Dunga Rodrigues

Aquilo que era uma espécie de arraial, comum a algumas famílias que nessa região dos pampas ergueram suas casinhas rústicas e numa convivência muito familiar iam trocando as suas experiências sobre agricultura, numa terra nova e promissora, onde todos tinham em mira prosperar e amealhar recursos para educar os filhos.

O terreno não tinha limites de muro ou cerca, mas todos se respeitavam mutuamente e procuravam colaborar com o progresso do pequeno povoado.

Eram todos muito trabalhadores e quem trabalha prospera.

Desde cedo, mesmo nas manhãs frias do sul, o monjolo funcionava, os pilões socavam, o gado berrava feliz de barriga cheia e as crianças não eram descuradas, marchavam contentes para a escola.

Felizes, sabiam trabalhar a terra que os retribuía com suas messes.

E a vida foi passando na mesmice de um lugarejo pobre, entretanto, no decorrer do tempo o seu desenvolvimento tornou-se notório.

Foi aí que nasceu Érica, a menina de olhos azuis, reconchudinha e muito esperta.

Os gabirus do povoado que não relaxavam os comentários aos acontecimentos, não regateavam elogios à alemãzinha gaúcha e procuravam até chamar-lhe a atenção quando a viam passar correndo: Turcão, Osvaldo, Hermeto Luigi e Rossini. O nome deste último não sei qual era, mas deram o nome do músico porque ele era excelente flautista de serenatas. Este capítulo é um preâmbulo de uma vida pacata e feliz de uma adaptação de estrangeiros nos pampas gaúchos.

Entre a Escola e o Trabalho

A infância de Érica, entre os estudos e o trabalho não lhe deu mo-
leza, ou melhor, ela se amolecia de cansaço e procurava dormir cedo.

Muito encabulada quando alguém lhe falava num suposto
namorado, ela deitava a cabeça sobre a mesa e a cobria com a

ponta da toalha. Mas a rodinha dos cinco gaviões, que se reuniam próximo a sua casa, já lhe notavam as formas de menina-moça e os traços de uma galega bem formadinha.

Não lhe poupavam comentários elogiosos, bem entendido.

Mas, a garota ainda pensava em bonecas, muitas destas imaginárias, pois a família só lhe pudera comprar uma.

Esperava ganhar outra da madrinha, porém esta lhe presenteara no aniversário com uma roupa forte e durável.

Roupa, roupa, ora bolas, só ganhara isto da madrinha... Por que não lhe dava uma boneca nova, de rosto louçado e com olhos de abrir e fechar?

Daqui a pouco ficaria mocinha e nunca mais boneca dos seus sonhos!

A mocidade já vinha chegando. Isto ela já vinha sentindo com a atenção dos cinco gaviões que se reuniam perto da pequena padaria de seus pais.

Ali se reuniam em debates escabrosos sobre coisas que não vão nem vêm: Turcão, Osvaldo, Hermeto Luigi e Rossini. Este último tivera o nome naturalmente em homenagem ao grande músico patricio. Talvez por isso se tornasse o seresteiro do grupo, embora fosse muito mal afinado. Valiam-lhe a boa vontade e a persistência, ausência total de autocrítica, que o faziam ser acolhido com licor caseiro e bolinhos, após ter esgoelado debaixo de alguma janela.

Isto me faz lembrar o claro que foi escuro e alguma doença esquisita fê-lo tornar branco. O rosto cobriu-se de uma camada de pele áspera de cor branca e meio escamosa.

Ele se retraía e só saía à noite. As mulheres, Estela e Helena contratavam-no para fazer serenatas em troca de carteira de cigarros, pois sua voz era muito bonita e sentimental.

Quem se aborrecia com isso era o meu pai, que começava a sua jornada de trabalho muito cedo, e assim tinha o sono interrompido com as cantarolas do rapaz.

Voltando à Érica, vamos deixá-la crescendo e se embonecando e chamando a atenção dos gabirus de esquina, que curtem o tempo fabricando o nada.

Nosso Encontro

Depois de experimentar meia dúzia de mocinhas (mas não tão jovens e já deixadas), todas serelepes, me afinei com a Érica, mais responsável.

Imagina que uma delas, separada do porteiro do prédio, ia flertando lá em baixo, na portaria, com o ex-marido, que das 7 hs passou a bater na porta às onze, e já então engravidada do próprio marido.

Desse calibre passaram seis cabeças de vento, numa demonstração de irresponsabilidade cabal.

Eu já estava desistindo de acompanhante, pois o cardume de cabeças de vento era do mesmo peixe.

Érica, baixinha, sôfrega, dependia de compromissos: a casa, a igreja, os filhos e imaginem um “Curso de Bíblia”. Sempre achei a interpretação da bíblia muito difícil. Optei apenas por ter fé, muito mais cômodo. Mas, ela destrinchava a seu modo, com aquela linguagem aparentemente simples, mas profética, e ainda repassava para os seus comparsas da igreja. Da igreja católica, diga-se de passagem.

Além disso, cuidava da igreja da paróquia, cuidando do salão de aulas que, a cada dia ficava em mísero estado. Lavava roupas de casa e as passava, cozinhava e creio eu ainda fofocava com a vizinhança.

Nunca perdendo aquele chamego das terras do sul, dos verdes pampas onde crescera. Aqui, por assim dizer, ela parece atada por uma frágil coleira. Se lhe derem panos para manga, desvenilha-se e corre de pés descalços para os pampas orvalhados da sua infância.

No rastro da vida, num vago olhar para trás, aquela jornada da luta cotidiana: trabalho e mais trabalho, monótona e pesada. Um amontoado de incertezas, privações, fugas, a preservação do lar e dos filhos. Quantas vezes recomeçar?

Uma verdadeira saga de lutas e sacrifícios corajosamente enfrentada e recompensadas outras tantas vezes.

O pior é recomeçar. Quantas vezes... Quantas? A conta já se perdeu. Também, o que importa isto hoje? O passado é o passado. Mas será fácil esquecê-lo? E por que recordá-lo?

Uma vida tão cheia de tropeços e tão imprevista, em que as boas recordações serão logo suplantadas pelos pesadelos e escaramuças que o destino parece haver traçado para cada indivíduo.

Noivado

Daqueles cinco gabirus que se reuniam na esquina: Hermeto, Turcão, Osvaldo, Luigi e Rossini, todos fulminavam com olhos cobiçosos a menina Érica, já nas suas formadas dimensões de uma mulher bonita e bem delineada.

Todos se viravam quando, ao passar correndo alguma diligência, fazia em função da padaria de seu pai.

Os contornos de um corpo jovem ou de menina-moça fazia os gabirus do quinteto virarem o pescoço para mirarem-na até o virar da esquina.

Engraçado, o mais bisonho, entretanto o mais audacioso do quinteto foi o primeiro, e, de então, o único a se aproximar da bela garota.

Hermeto, no seu retraimento, armou-se um dia de coragem e lhe entregou uma flor dizendo: receba, é o seu retrato, tão pura quanto bela.

Na época, foi um golpe de audácia. Ele próprio não soube explicar para si próprio onde fora buscar coragem e audácia para dizer-lhe estas palavras. Os lírios do campo, naturalmente, deram-lhe inspiração. Tão belos, tão puros e tão perfumados eram o retrato cabal da Érica, menina-moça.

No seu jeitão, meio encabulado, arrodando o chapéu para lá e para cá, falar baixo e respeitoso, Hermeto cumpriu o namoro e o noivado num ritual severo e muito policiado por toda parentela da namorada e noiva.

Que coisa mais chata, Deus do céu. Seria a mesma perspectiva da vida de casado? Não, Deus não permitiria, ou casaria ele com a família inteira, isto tendo que aguentar todo séquito de parentesco perto de si, ou seria definitivamente sério uma vida conjunta com toda família?!!

Não foi nada disso. Poderíamos dizer que as bodas tiveram pompa e circunstância, mas, mas, vamos pular a lua de mel e acompanhar a saga de um jovem casal.

Quando o casal é jovem, mesmo que visivelmente as coisas andem aos trancos e barrancos, tudo de apresenta cor-de-rosa a cor das maravilhas e das coisas mágicas e atraentes da vida.

O vestido da noiva e a guirlanda de flor de laranjeira cobrindo-lhe a testa pareceu-lhe um traje de contos de fada.

Ela atravessava um rio luminoso de promessas, na ingenuidade de uma noiva feliz.

E feliz o era. O melhor vestido da sua vida, de seda branca e tênue véu, e os sapatos de gata borralheira aos pés completavam a figura de um anjo caído do céu por descuido, como dizia Siá Mariana, parente ou achego da família da minha mãe, que pagava os pecados na casa do meu avô materno, com toda gurizada pedindo-lhe que contasse estórias e mais estórias, sem fim.

Casamento de pobre é farto em tudo. Leitão assado, dois ou três. A sobra se escovava pelos fundos com pratinhos destinados aos que não puderam fazer roupa para comparecer e ficaram em casa aguardando os sobejos da festança.

E poderíamos terminar aqui a narração que já se alonga dizendo que viveram muitos anos e foram muito felizes.

Mas, esta felicidade durou pouco. A fábrica onde Hermeto trabalhava fechou e se mudou para outro extremo da cidade. Mas, os três jovens, Hermeto, Luigi e Rossini, resolveram montar uma firma própria e continuar com a oficina.

Cada qual pôs a sua economia na mesa e o pacto foi consagrado. Não sei porque o Turcão, nem o outro, quiseram entrar nessa.

E poderíamos terminar aqui a narração que já se alonga dizendo que viveram muitos anos e foram muito felizes, mas não foi isto que aconteceu. Uma noite ela esperou em vão pelo marido, que não apareceu. Tomou um taxi, já bem tarde, e foi à casa da sogra, no outro extremo da cidade, a ver se ele lá se encontrava.

Esta fê-la retroceder nos calcanhares e procurar o marido no seu próprio bairro. Ao chegar, foram lhe metendo num carro que mais parecia um camburão do que uma ambulância e onde havia um corpo, ou não seria corpo, embrulhado num lençol.

Ninguém lhe respondia as perguntas, ninguém lhe dizia nada. Ao chegar ao hospital, desvendaram-lhe o mistério: o marido chegara bêbado e enfiara uma faca no peito, a qual resvalara,

mas não atingira o coração, só atingiu o pulmão, nem ela esposa ficou sabendo.

Apurou-se, mais tarde, que o marido ao chegar daquele dia à oficina fora barrado à porta. Ele insistiu pensando ser uma brincadeira, mas os dois outros se juntaram e foram empurrando-o pela porta da rua.

O motivo verdadeiro para esta atitude dos sócios nunca lhe esclareceram. O resultado foi uma bebedeira e uma tentativa de suicídio.

Com as mãos abanando, como se referem às pessoas que da noite para o dia ficam sem eira nem beira, mudaram-se para o lado oposto da cidade, onde logo nasceu o primeiro filho ou filha, não me lembro.

Entre bebedeiras e calma do marido, ela, sozinha, começou a reconstituir a vida. A casa... um luxo. Capricho de mulher e muito muque desgastado conseguiram dar-lhe um ar de coisa habitável.



Dunga Rodrigues nas festividades dos 75 anos da AML (1976).
Acervo fotográfico da Casa Barão de Melgaço.

Vultos da Literatura de Mato Grosso

Apresentação

Felipe Rodolfo de Carvalho

Intérprete e escritora; intelectual e amiga; acadêmica e religiosa...

Os textos que se seguem apresentam algumas das múltiplas faces de Dunga: o plural em forma humana.

Em *O lirismo de Antônio Tolentino*, Dunga atua como intérprete, intelectual e acadêmica. Conjugando rigor e sensibilidade, debruça-se sobre os versos do poeta, patrono da cadeira que ocupou na Academia Mato-Grossense de Letras – AML, a de número vinte e nove.

Da poesia de Tolentino recordou-se Dunga em seu discurso de posse na Casa Barão de Melgaço, ao comungar da memória a lembrança de ouvi-la declamada por seus tios Armando e Leonídio.

Não por acaso, os trechos glosados pela *empreiteira de composições*, como ela sugestivamente se denominou, aparecem citados na sua palavra inaugural, pronunciada na cerimônia de celebração da sua imortalidade.

O tema não lhe poderia ser mais caro: os encantos da sua terra gloriosa e gentil.

Dunga identifica nos poemas escolhidos para comentar a profecia do que seria este rincão por muito tempo ignorado, à distância das grandes metrópoles: um destino desejado, onde aportariam muitas gentes, recebidas e acolhidas como irmãs.

Conhecida e reconhecida por sua dedicação ao solo amado de Mato Grosso, a ponto de fazer dele um objeto fecundo do seu labor, Dunga interpreta cuidadosa e delicadamente as rimas poéticas, afinando-as ao mote que atravessa sua produção literária: o de que a realização do sonho de um mundo novo, alimentado pelo progresso, não se fizesse acompanhar do esquecimento e do apagamento das riquezas e das belezas culturais deste lugar.

É sua propensão memorialista que a faz igualmente tributar sua próxima composição a *Palmyro Pimenta* por ocasião do centenário de seu nascimento. Um sentimento misto de dívida e de pesar é confessado, numa espécie de declaração de mea-culpa, por ter se esquecido de agradecê-lo, ainda vivo, pela ideia de publicar as crônicas escritas por seu pai, Firmo Rodrigues, bem como pelo afinho em concretizá-la.

Aqui, por assim dizer, Dunga revela-se como escritora, amiga e religiosa. Penitenciando-se pela falta cometida, admite rezar pela alma do ente querido a Ave Maria.

Na pluralidade da sua condição, a *operária da arte*, por todos querida, deixa, num estado amalgamado de graça e de luto, muito bem aqui representado, delinear seu traço caracteristicamente humano.

Só pode sentir a *perda* de alguém aquela ou aquele que no *laço* com os outros encontra o próprio sentido da sua dimensão existencial.

Também neste quesito, Dunga, que, na abundância dos sentimentos, elege a *amizade* como o mais digno de apreço, se expressa no plural.

Um dado curioso entre os textos mencionados é sua referência a duas grandes e emblemáticas figuras desta unidade federativa, destacadas simultaneamente pela posição de eminência no mundo das *letras* e no universo do *Direito*.

Com efeito, tendo sido ambos membros da AML, atuaram profissionalmente no exercício de cargos jurídicos, numa mútua e rara demonstração de espíritos vocacionados para o *belo* e para o *justo*.

Antônio Tolentino, que frequentou a Faculdade de Direito de São Paulo, sem concluir, porém, o curso, exerceu a função de Promotor Público na cidade de Santo Antônio do Rio Abaixo, além de ter trabalhado como advogado provisionado. Palmyro Pimenta, por sua vez, formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, foi Delegado de Polícia, Promotor de Justiça, Juiz de Direito, Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso, do qual foi Presidente, bem assim Professor e Diretor da Faculdade de Direito de Cuiabá.

Tolentino e Pimenta não deixaram que a forma neutra exterior, que marca, delimita e estreita a compreensão do fenômeno jurídico, apagasse neles a sensibilidade requerida pela poesia e pela literatura como condição do encontro com a intimidade das coisas e dos seres.

Talvez por isto escrever sobre eles e para eles tenha sido uma forma descoberta por Dunga de ressignificar a escrita: inutilizá-la enquanto instrumento comercial de informações; reinventá-la como meio de estabelecer e manter relações.

O lirismo de Antônio Tolentino

Dunga Rodrigues

*“Quando estas virgens e colossais florestas
se fizerem dos homens conhecidas
e o cabo acordar das moles sestras,
chorando as horas que passou perdidas...”*

Certo serei para as nações do mundo
O paraíso por ninguém sonhado,
O tesouro mais amplo e mais profundo
O celeiro maior, o mais desejado.

Avante! Avante! com as asas cautas
Em busca da glória! Oh mocidade!
Pois serei os sublimes argonautas da felicidade!

Nestes três versos podemos constatar a alma profética deste grande poeta.

Nascido e vivendo a maior parte de sua existência na pequena vila de Santo Antônio do Leverger, tinha sonhos proféticos que hoje, em período tão breve, vemos realizar-se nesta onda de progresso que a expansão e inovação da ciência empurrou e continua levando massas ou magotes de aventureiros que aportaram à nossa terra e que, o que é mais interessante, procuram adotá-la irmanando-se com os filhos da terra, que também os recebe como irmãos.

“Nos peitos juvenis desperta o pátrio e o santo. Nunca apagando amor à terra brasileira, com teu verbo que prende, a raça e inflama tudo.

Verás, após o afã da luta gloriosa, tremular respeitada e ao vento a bandeira da pátria que sonhaste ativa e poderosa”.

O nosso poeta esparge o seu lirismo, não só com os seus sentimentos íntimos, porém fá-los transpirar nos eflúvios de belas rimas exaltando a sua pátria.

O seu viver bucólico, longo do burburinho cotidiano, fá-lo cantar a brisa da madrugada que o inspira a se voltar para o rincão ainda simples e puro dos barrancos e praias ribeirinhas em que nasceu e aí viveu.

O murmúrio das águas, as madrugadas anunciadas pelos cantos das aves madrugadoras, o céu anilado cobrindo o verde dos vastos campos do Mimoso, fá-lo sonhar com um mundo novo: progressista, porém sempre ligado à beleza bucólica do seu querido Santo Antônio do Rio Abaixo.

É então que sua alma se dilata e o coração lhe abre com pulsações mais fortes e sonhos mais realistas.

E aí está, meu grande poeta, a sua vila evoluindo, hoje é cidade. Suas usinas tombaram, mas outros progressos fazem-na caminhar passo a passo com o progresso.

Palmyro Pimenta

Dunga Rodrigues

Aproveito a data marcante do centenário de nascimento do desembargador Palmyro Pimenta para me penitenciar de uma grande dívida que tenho para com ele.

Culpo a minha inexperiência no trato com os livros e suas impressões.

Deixei passar duas grandes oportunidades devidas a esta falta de treino ou ignorância completa, deixando passar as oportunidades que tive.

Trata-se de um agradecimento extraído dos mais sinceros sentimentos pelo muito, ou melhor, pelo tudo que ele fez para que eu enfeixasse em livro as crônicas escritas por meu pai no jornal *A Cruz*.

A ideia foi sua, o empenho foi seu, foi ele quem ordenou as crônicas e quem fez a revisão quando o editor me remeteu as provas de São Paulo, e eu não tive a menor ideia de pedir-lhe um prefácio, ou de eu mesma dedicar-lhe umas palavras de agradecimento, ainda que tudo o que eu dissesse não serviria para retribuir o seu gesto de desprendimento e boa vontade, uma das características da sua personalidade.

Pois aqui estou penitenciando-me desta grande falta cometida contra um amigo, pessoa rara de se deparar em nosso caminho.

Já faz um bom par de anos que sinto aguilhoar-me a consciência, pois, ao me dar conta desta grande falta, ele já havia falecido.

O que tenho feito nestas contingências é rezar pela sua alma a Ave Maria.



Professoras e alunas da Escola Modelo Barão de Melgaço, Cuiabá. Acervo fotográfico Família Rodrigues.

Educação

Dunga e a Educação

Zuleika Alves de Arruda

Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues) foi, sem dúvida, uma das maiores musicistas, professoras e estudiosas da literatura e da cultura cuiabana. Em sua narrativa a respeito de sua trajetória acadêmica e profissional, Dunga apresenta como era a estrutura educacional em seu tempo, tanto no âmbito da educação formal quanto informal, ou seja, na estrutura familiar; o cotidiano no ambiente escolar e familiar permeado de ações de “rebelia” ou “traquinagem”, assim como a condição que a levou a exercer o magistério de forma tão apaixonante. No passado, devido à inexistência do “Jardim da Infância” na estrutura educacional brasileira, todo o processo inicial de alfabetização era realizado no âmbito familiar, por meio do método de associação de palavras e pelo uso do caderno de caligrafia.

Foi somente a partir de sua experiência no Asilo Santa Rita, como aluna externa, que teve a possibilidade de sair da formação no âmbito familiar para uma formação integral formal, nas mais diversas áreas do conhecimento, como: matemática, francês, aula de piano pelo Conservatório de Paris, desenho, pintura, bordado e gerente de cozinha. Essa formação, segundo Dunga, foi possível quando *“um grupo de irmãs francesas aqui se estabeleceu para a missão de cuidar de meninas desamparadas, gratuitamente. Foi quando a sociedade de Cuiabá solicitou ao arcebispo D. Carlos Luiz D’Amour que elas consentissem dar aulas a pessoas da sociedade local mediante remuneração. Tive sorte. Desconheci o preconceito. Só aos vinte anos tomei algum contato com pessoas preconceituosas”*.

Na Escola Modelo Barão de Melgaço, local onde estudou o 4^o e 5^o anos, Dunga sutilmente faz uma crítica ao modelo educacional tradicional sobre como era ministrado o ensino da língua portuguesa e da matemática e, conseqüentemente, o total desinteresse dos alunos pelas referidas disciplinas. Esse fato decorre por ser enciclopédico o ensino prevalecente na época, com objetivos lite-

rários e cuja estrutura curricular valorizava mais a arte de falar e escrever, abafando, desse modo, a criatividade do indivíduo. Dunga, ironicamente, chama a atenção para o fato de que *“foi então que me desenvolvi na escrita, barganhando em outras classes cada composição por uma fileira (ou freira) de queimada (balas de rapadura)”*.

No ensino médio, realizado no tradicional Colégio Liceu Cuibano, Dunga externou o seu sentimento de decepção a respeito da postura apática e alienada dos colegas e até do jornalzinho da escola, *a Crysállida*, frente aos acontecimentos políticos da época, por exemplo, a Revolução de 1930.

A sua atitude irreverente, crítica e permeada de atos de rebeldia frente aos modelos educacionais escolares tradicionais e familiares, ou pela tentativa em ajudar o(s) colega(s) nas avaliações escolares, constituíram motivos para que Dunga sofresse corretivos disciplinares na escola, aplicados pelos seus professores, ou em casa pelo seu pai representado pelas “sovas” (corretivo disciplinar) relatadas. Isso evidencia como a educação familiar coadunava com o modelo da educação formal: autoritário, disciplinar, onde a submissão e palavras proferidas pelas pessoas mais velhas e autoridades eram consideradas únicas e verdadeiras. A esse respeito, Dunga relata que: *“Vezo da minha família não fazia qualquer comentário desairoso sobre qualquer pessoa na presença das crianças. Na realidade, cresci pensando que os adultos eram os verdadeiros detentores da sabedoria”*.

O diploma em piano e harmonia pelo Conservatório Musical de Mato Grosso e pelo Conservatório Brasileiro de Música (RJ), com certificado registrado junto ao Instituto Villa Lobos, e o certificado de contadora pela Escola Técnica de Comércio de Cuiabá foram *“condições sine quibus non”* que respaldaram a sua luta pela inserção no mercado de trabalho de uma sociedade patriarcal, machista e onde os acordos políticos prevaleciam ao mérito do indivíduo.

Dunga pondera que, *“ao terminar o curso ginasial, teríamos que procurar, em terra estranha, o prolongamento de um curso universitário, o que seria muito dispendioso e contrário à opinião da época, que atribuía estes estudos aos rapazes que se tornariam prováveis chefes de família. Nos dizeres do Dr. Miranda Horta, deputado estadual pelo sul do Estado:*

O homem precisa estudar, progredir, porque será um futuro burro de carga. Quanto à mulher, será apenas carga para burro”.

Sem poder completar os estudos para atingir uma profissão liberal, Dunga Rodrigues optou por realizar concursos públicos. Nos dois concursos para o Ministério da Fazenda, embora ela obtivesse uma excelente classificação, não conseguiu ingressar devido à ausência de um “pistolão político”. É evidente que, tal situação enfrentada, além do contexto político de apadrinhamento e onde a meritocracia não encontrava espaço, estava implícito um preconceito decorrente da sua condição de mulher e, conseqüentemente, concorrer a um posto de trabalho realizado unicamente pela mão-de-obra masculina. Talvez Dunga, naquele momento, estivesse finalmente vivenciando o seu contato com pessoas preconceituosas que, na aurora de sua infância, desconhecera.

Tal realidade é corroborada a partir da oferta para Dunga de “uma cadeira de magistério”, uma profissão outrora exercida quase que exclusivamente pelo sexo feminino. Parafraseando Dunga, *“uma profissão malhada, desprestigiada e que trabalha como um estivador por um salário mísero e degradante”*. Entretanto, para Dunga Rodrigues, exercer a profissão de magistério foi a oportunidade de trabalhar em um ambiente de alegria, de movimento, de barulho e a escola, sob o seu olhar, parecia uma festa, com rostos alegres, corações abertos e receptivos. E, por fim, ela reconhece o quão enfadonho seria se tivesse seguido a carreira administrativa, outrora pleiteada, ao invés do magistério: *“Acho que, ficar o dia todo sentada, ante uma mesa cheia de papéis, numa sala silenciosa, bisonha, iria sufocar-me. Enquanto a sala de aula é alegria saudável, brejeira de crianças. Ao invés de adultos mal-humorados, você iria se deparar com adolescentes alegres, receptivos, felizes e amigo”*.

Dunga Rodrigues, mulher de múltiplos talentos: educadora, musicista, compositora e literata, que, apesar das muitas dificuldades encontradas na sua carreira profissional, desempenhou profissões capazes de fazê-la externar, em seus escritos literários e musicais, uma Cuiabá de outrora sempre animada, alegre e muito musical, seja como regente de magistério ou como professora de piano. Obrigada, Dunga, pelo seu legado!

Escolas

Dunga Rodrigues

Já contei alhures do meu extensivo Jardim da Infância. Não se falava nisso naqueles idos, mas eu me preparava, levava um lápis e uma caneta, uma folha de papel e com uma vizinha muito paciente comecei a fazer “em brancos”, como se dizia! A princípio cobrindo os riscos verticais, depois pegamos linhas retas, e por fim pegamos linhas retas e por fim umas “bolas” – as linhas curvas.

Tudo isso com direito a ver o que continha as suas panelinhas (como de quitute), uma deitada na sua cama para ouvir uma estória, que geralmente era sobre a sua vida.

No entanto, a associação de letras eu aprendi com um brinquedo.

Um pequeno suporte de papelão onde se podia enfileirar as letras.

A primeira palavra que formei foi “rato”. Daí para outras, foi um pulo.

Asilo Santa Rita, a primeira escola

Só no ano passado, 1994, fiquei sabendo porque nele havia tantas órfãos e tanta pobreza: é a meta desta congregação.

Um grupo de irmãs francesas aqui se estabeleceram para a missão de cuidar de meninas desamparadas, gratuitamente.

Foi quando a sociedade de Cuiabá solicitou ao arcebispo D. Carlos Luiz D’Amour que elas consentissem dar aulas a pessoas da sociedade local mediante remuneração.

Tive sorte. Desconheci o preconceito. Só aos vinte anos tomei algum contato com pessoas preconceituosas.

Excelentes Maestras: Ma Mère – Irmã São João; Soeur Marie Vincent – professora de piano pelo Conservatório de Paris; Souer Sentive, professora de matemática e francês; Souer Febronie, professora de trabalho; Souer Ivonnie, professora de desenho, pintura e bordado; Souer Celestine, gerente da cozinha.

Não contente de frequentar as aulas o dia inteiro, ia lá passar o dia, aos domingos.

Escola Modelo Barão de Melgaço

4º ano – Professora Ana Luiza Prado Bastos (Professora Galega), desvelava-se pelo aprendizado da língua. Segunda-feira: ditado, terça-feira: descrição de uma gravura exposta à classe, num cavalete de madeira, quarta-feira: uma carta (gênero epistolar), quinta-feira: um tema abstrato, à escolha do professor, sexta-feira: um tela de escolha individual. Hora de leitura todos os dias.

Foi então que me desenvolvi na escrita, barganhando em outras classes cada composição por uma fileira (ou freira) de queimada (balas de rapadura).

5º ano: Professora Alzira Valadares, muito competente para ensinar principalmente matemática, mas a turma já era do barulho. Uma bagunça maior nos deixou sem recreio uma semana.

Liceu Cuiabano

Aulas mistas – meninas e rapazes. Decepcionei-me com estes. Achei-os apáticos. Não vibravam com acontecimentos da época. A Revolução de 30 e outros fatos no limite do Estado. Não discutiam nada, não vibravam com nada.

Até o jornalzinho da escola – *A Chrysállida* era insosso. Por que seria? Eram bons colegas, mas lhes faltava um certo elam. Seria a distância de um grande centro que lhes embotava o ardor da juventude?

Curso de Comércio

Anos mais tarde, quando foi fundado, participei da 1ª turma, à princípio para fazer companhia para a amiga Dirce Nunes. Depois prossegui e o título universitário valeu alguns vinténs a mais.

Após 8hs de aulas diárias, às vezes mais, intercalando com as de piano, servia de repouso mental.

A escola era alegre, o pessoal camarada, divertido que a volta a pé, pela falta de gasolina, pois estávamos em plena Revolução não nos causava cansaço, nem reclamações. Foi um tempo ótimo e a escola muito bem dirigida. Para mim, a escola era um verdadeiro relax.

Certo dia, o Etevaldo Malpic vestiu um casaco meu e desfilou em plena aula da Professora Elizabeth Vargas, recitando o anúncio de um alfaiate conhecido.

Jaiminho Pitaluga, um colega muito espirituoso e brincalhão. Manuelito Souza e Estênio de Carvalho, colegas do bairro do Porto. Quando não havia luz na cidade, por motivo de racionamento, fazia a mim e Dirce marcharmos num acelerado para acompanhar-lhes o passo.

E na penúltima prova, eles deixaram nossos cadernos, que lhes emprestamos, no cabaré da Lourolinha, corredos da polícia, e lá os perderam.

Quando lhes pedíamos, respondiam de modo desaforado que os deixassem em paz.

E o professor que uma vez se embebedou e começou a chamar uma aluna, em plena aula, de “minha princesa”?

Havia um aluno que usavam uns neolins (hoje tênis), agasalhando forte chulé. Nas provas de taquigrafia, fazia-se amigo do professor, fazendo-lhe visitas prolongadas, até descobrir o texto que iria cair. À noite era a voz de comando: *Todos ao redor do chulé*, para salvar a média.

Numa última prova de estatística havia a turma do CPOR, o antigo Tiro de Guerra, que periclitava por obter média e perder a formatura. Coube a mim provocar uma arruaça com o professor Dr. Gervásio Leite, quanto o pessoal se desferrava na cola.

Comecei por tirar o ponto sorteado em lugar da Helena Müller, contra o regulamento, ao invés de dá-lo para que o professor abrisse. Eu mesma abri e li o número em voz alta. Foi o bastante para o professor recriminar, e aí começamos um retruque de contestações. Não houve ofensas, apenas um duelo de palavras inúteis que depois bandearam para o lado da Inspetoria Federal (Maísa Lara Pinto), que o diretor levou por um desrespeito à autoridade federal.

Quando o questionamento arrefecia, a retaguarda da classe pedia prorrogação, para conseguirem fazer algo que lhes garantisse a média. A certa hora, o Dr. Gervásio perdeu a paciência e me expulsou da sala.

Fui me refugiar em casa da minha irmã Olga, que morava atrás da escola, na casa do Desembargador Palmyro Pimenta, que se encontrava no Rio de Janeiro.

Cinco minutos depois, o inspetor de alunos, Cândido Esteves, foi chamar-me para fazer a prova. Tudo havia serenado.

Os rapazes do CPOR participaram da formatura, regada com muita cerveja.

Só eu não tomei parte na festa, pois meu pai falecera no dia 16 de junho deste ano. Eu não quis festejar nada.

Dois meses após a formatura, encontrei-me casualmente com o Dr. Gervásio, no bar do Chico Jorge. Pedi-lhe desculpas, porém ele jamais soube os motivos da minha insurreição encomendada.

Outra arte de rebeldia que pratiquei foi para socorrer o colega Benedito de Melo, que, muito conhecedor da língua portuguesa, abominava os números.

Não sabendo deslanchar nenhum problema, corria o risco de perder a média anual. O Salim Nadaf passou em papel todo o resultado e desenvolvimento da prova e mo entregou. Fiz disto uma rolha para um pequeno. Levantei-me e o entreguei ao atual Inspetor Federal, Orlando Nigro, pedindo-lhe levar o tinteiro ao Benedito Melo, já que a sua caneta havia secado. Eu não poderia fazê-lo para que a classe não me julgasse querer conferir a minha prova, olhando a prova dos outros.

Solenemente, o Inspetor atravessou a classe segurando o tinteiro até o destinatário. Enquanto isto, os colegas sussurravam, em cadeia, para os outros: *na rolha... na rolha!*

Mas quase o miserável pôe tudo a perder. A cada aviso *na rolha*, ia ficando mais vermelho e se enroscando todo.

Disse-lhe depois que precisava fazer um treino de malandragem.

Que nisso, aprendi muita coisa com meus alunos, é a pura verdade.

Profissão do Magistério

Dunga Rodrigues

Como a profissão de mestre é malhada e desprestigiada!!!
Professora? Nem morta!

Trabalha-se como um estivador por um salário mísero e degradante.

Às vezes, tenho um certo escrúpulo em me confessar feliz, muito feliz, por ter abraçado esta carreira.

Mas, no fundo, no fundo... parece-me a profissão que nos trás maiores alegrias e a mais pura felicidade!

Ao terminar o curso ginasial, teríamos que procurar, em terra estranha, o prolongamento de um curso universitário, o que seria muito dispendioso e contrário à opinião da época, que atribuía estes estudos aos rapazes que se tornariam prováveis chefes de família.

Dizia sempre o Dr. Miranda Horta, deputado estadual pelo sul do Estado: *O homem precisa estudar, progredir, porque será um futuro burro de carga. Quanto à mulher, será apenas carga para burro.*

Sem poder completar os estudos para atingir uma profissão liberal, atirei-me nos concursos públicos. Só para o Ministério da Fazenda fiz dois, obtendo excelente classificação (3º e 4º lugares). Mas, embora classificada, tudo dependia, naquela época, de um forte empenho político.

Em casa, ninguém era político e no 2º concurso, eu e António de Arruda, por falta de pistolões, fomos os únicos a não conseguir o emprego.

Foi quando me ofereceram uma cadeira no magistério. Foi um céu aberto. Já pensou trabalhar num ambiente de alegria, movimento, barulho e a escola parecia uma festa. Rostos alegres, corações abertos e receptivos.

Acho que, ficar o dia todo sentada ante uma mesa cheia de papéis, numa sala silenciosa, bisonha, iria sufocar-me. enquanto a sala de aula é alegria saudável, brejeira de crianças. Ao invés de adultos mal-humorados, você iria se deparar com adolescentes alegres, receptivos, felizes e amigos.

Sovas

Dunga Rodrigues

Na infância, naturalmente, porque, depois dos 12 anos ninguém me pegou mais. Levei duas memoráveis sovas do meu pai instigadas pelas minhas tias, porque ele não era homem de bater em ninguém.

A primeira nunca me perdoei. A segunda aos 18 anos, dei-lhe o meu perdão.

A primeira surra – um índio me levava e me trazia da escola todos os dias. Certa tarde em que ele se atrasou, o primo de minha mãe, tio Bueno, se ofereceu para levar-me para casa.

Mas, ao invés de o fazer, levou-me para sua casa. Vá brincar um pouco com a Nhanhá (a prima Maria Bueno). Lá chegando, brinquei, jantei e só voltei a noitinha, quando me levaram.

Encontrei meu pai com o chinelo nas mãos, circundado pelo conselho das tias que, naturalmente, o instigaram. Debalde quis justificar a minha inocência no caso, mas ninguém me dava razão.

Corri para o jardim numa escapada, mas uma seriema do meu tio Armando cercou-me. Com medo que ela me arrancasse os olhos, entreguei-me.

Nunca lhe perdoei por esta sova, achei-a muito injusta, pois a demora do meu retorno não dependia de mim.

2ª Sova

Foi bem merecida.

O Córrego da Prainha corria a céu aberto, atrás de casa e na época das chuvas transbordava e com frequência se unia às águas do Pirisal, e as várzeas ficavam todas alagadas. Canoas e batelões trafegavam com os canoeiros e amadores para desfrutarem da paisagem.

Desci o Beco do Caetano, com 10 crianças, para apreciar a enchente do Córrego da Prainha que estava prestes a cobrir a ponte que o atravessava neste local.

Neste instante, se abeirou da margem um grande batelão (como era chamada uma canoa grande) conduzida por dois remadores,

um profissional conhecido nas imediações ribeirinhas e o outro filho de família importante no bairro, tido como pessoa mui judiciosa, pelo menos na minha cabeça.

Vezo da minha família não fazia qualquer comentário desairoso sobre qualquer pessoa na presença das crianças. Na realidade, cresci pensando que os adultos eram os verdadeiros detentores da sabedoria.

Assim que os vi, pedi-lhes que nos levasse a ver a “boca do valo”, local onde o Córrego da Prainha desaguava no Cuiabá, muito perigoso na direção, então, pela forte correnteza.

Os dois, muito condescendentes, se abeiraram da barranca e nós lotamos o batelão. Foi um passeio maravilhoso, com muita algazarra.

E aqui, um fato curioso, Estava conosco uma amiguinha da minha idade, que viera para ver a enchente, e não tirava os olhos de uma presilha de cabelo, muito bonitinha, presente de D. Eufrosina, a proprietária da casa do mesmo nome. Primeiro, ela desfez muito da presilha, achou-a feia. Depois, perguntou o preço e onde encontraria igual. Tudo isso na canoa.

Ao fazerem, os canoeiros, um retorno, ela aparentou medo e deslizou com os dedos a presilha e atirou-a na água. Descobri, num átimo, que aquilo tinha sido um ataque de inveja. Não disse nada, mas acautelei-me.

Já nos aproximávamos do ponto de partida, quando vislumbrei meu pai de mão na cintura, nos esperando. Mas, na realidade, ele esperava por mim. Foi só tirando o cinturão e me enchendo de lambadas na subida do beco.

Surdo aos meus argumentos, enaltecia as qualidades do barqueiro, enaltecendo a perícia dos remadores exaltada na boca de todos que os conheciam.

Quanto ao outro, invocava a sua família muito ilustre, gente intocável.

Ao longo dos anos, eu mesma constatei, com meus próprios olhos, o meu engano. Ambos eram beberrões inveterados.

Perdoei meu pai a maior e mais pública surra que levei, pois, só então aquilatei o perigo que corremos.



Reunião de políticos 1906.
Acervo Família Rodrigues

O poder intelectual

O poder da realidade sobre as questões ideais na ótica de Dunga Rodrigues

Allan Kardec Pinto Acosta Benitez

A intelectualidade representa tudo aquilo que expressa a faculdade criadora do homem. O poder intelectual baseia-se na posse de certas formas de saber, doutrinas, conhecimentos e códigos de conduta, de modo a exercer influência nas atitudes e comportamentos de outros. Enquanto os cuidados com as relações com o cotidiano se prendem à realização de muitos, a ocupação dos intelectuais está na construção das possibilidades.

Sem inspiração ideal não se fazem reformas, grandes ou pequenas. O intelectual tem o dever de não deixar a sociedade ao sabor dos interesses, precisa pensar no novo, nas transformações. A aquisição de conhecimento não coincide simplesmente com a possibilidade de exercer o poder. Exerce-se o poder de toda forma, porém, o conhecimento formal, o acadêmico, com suas dissertações de mestrado e teses de doutorado, cria condições inegáveis para a expansão e desenvolvimento da civilização.

Francis Bacon, filósofo inglês afirma que o conhecimento é em si um poder. E o conhecimento é um poder porque consegue atingir a fronteira das possibilidades e verdades. Ou seja, a construção filosófica dá-se através da razão, ao invés de admitir apenas a prevalência do que é real. Isso coloca o indivíduo do saber enquanto detentor de poder. Diz Bacon (1979): “[...] ciência e poder do homem coincidem, uma vez que, sendo a causa ignorada, frustra-se o efeito. Pois, a natureza não se vence, senão quando se lhe obedece”. Na época em que fez suas reflexões, conseguiu imaginar em que medida a intelectualidade se desenvolveria enquanto força transformadora da realidade.

Bacon fala de conhecimento formal e sóbrio, que não envenena, nem infla a mente do homem e que não deve ser buscado com o fim de estabelecer superioridade, nem pelo lucro ou fama, ou qualquer outro sentimento inferior, mas pelo benefício e uso da

vida. Segundo o mesmo pensador, o poder intelectual e a compreensão humana não podem ser determinados por sentimentos e paixões que corrompem.

Os pensadores sempre estiveram cientes da existência de vários obstáculos que impediram o conhecimento do mundo. A maioria deles está localizada na capacidade cognitiva do próprio ser humano. Com a desintegração da sociedade medieval, uma nova abordagem científica ao conhecimento da natureza recebeu impulso e começou substituir a filosofia escolástica. Dessa forma, a contemplação teórica de um mundo hierárquico e sagrado foi substituída por uma concepção que valorizava a função prática e elevada do pensamento culto, dos estudos engendrados anos a fio.

A estruturação da sociedade depende da invenção criativa dos intelectuais. Em termos realistas, consideramos o intelectual de pés na terra, que reconhece seu poder e tem clareza da importância da correlação com outros poderes estabelecidos, o que é necessário para o êxito da tomada de influência nas atitudes dos indivíduos e grupos.

Ao discorrer sobre o poder intelectual, aprendi que não devem os intelectuais abrigar apenas discussões fechadas entre homens do mesmo nível de conhecimento, mas avançar áreas não antes exploradas para difundir ideias e influenciar decisões de grupos e governos, embora nem sempre seja possível executar o que é planejamento intelectual, todavia, o intelectual deve fazer concessões e calibrar seus escritos à realidade.

Dunga, cuiabana de nascimento, ao escrever aos homens comuns, mas também aos intelectuais sobre as instâncias de poder em sua terra natal, fê-lo utilizando uma escrita simples e inteligível aos dois segmentos, atentando unicamente com reflexões sobre realidade que viveu de forma intensa. Assim, em *A mesa*, crônica, estabelece uma conexão entre a mesa, enquanto representação de poder, e os que se encontravam atrás dela. Já em *Os coronéis*, Dunga relaciona a aparência dos mandatários locais enquanto demonstração clara de poder, visto seus medalhões e cordões de diamante e ouro, os quais atraíam e encantavam ilusoriamente os eleitores. Tive conhecimento de intelectuais entufados, figuradamente superiores. Na vertente do intelectual moderno, tive

contato com escritos preciosos de Dunga Rodrigues, elegante e extremamente crítica ao narrar a vida de *Sinhara*, uma moça que ao se casar não se dedicou ao forno e fogão, mas tomou gosto pelos livros, adquiriu conhecimento, intelectualizou-se e acabou nomeada professora na escola de Gomitá, chegando a diretora daquele estabelecimento de ensino e, anos mais tarde, tornou-se líder política na região. Ganhou poder e não houve quem perturbasse sua influência. Com o aumento dos eleitores a partir da inclusão do voto feminino, os candidatos se esmeravam para atrair a atenção do sexo feminino. A última crônica, *Anacleto Gorelli Conceição dos Santos* trata do reencontro da família de Dunga com este personagem, morador de um palacete em São Paulo, e que não media atitudes para impressionar os visitantes na demonstração de seu poder econômico. Enfim, Dunga tratou as diversificadas formas de expressão e representação do poder no imaginário social de Cuiabá.

Visto com desconfiança pela esquerda e pela direita, o papel do intelectual nem sempre é confortável. Apegado às atividades de espírito, é desinteressado quanto a finalidades práticas. Adotando como critérios reguladores princípios abstratos, como humanidade e justiça, tem como arma a escrita, o pensamento elevado, a articulação. Dunga quis deixar para a posteridade sua visão prática do poder, as formas de sua obstrução, assim como os mecanismos utilizados para sua manutenção, além do fascínio estético exercido sobre a população.

Fica, pois, a ideia de que a valorização do que seja um homem culto está intrinsecamente vinculada a seu valor na defesa dos valores da cidadania.

Referências

BACON, F. *Novum Organum*. São Paulo: Abril, 1979 (Os Pensadores).

BACON, Francis. *A Sabedoria dos Antigos*. São Paulo: EdUNESP, 2002.

A mesa

Dunga Rodrigues

Remonta à Antiguidade a origem da mesa onde se celebra o sacrifício da missa.

Desde o hebreus, realizavam eles ofícios religiosos no alto das montanhas, em mesas de pedra.

Também gregos e romanos, muito antes de Cristo, erguiam seus altares em mesas de pedra, nos locais mais elevados da cidade, para estarem mais perto do céu.

Depois, esses altares deixaram as simples mesas para se instalarem em retábulos de finos lavores, mas a mesa continuou como símbolo de sacrifícios.

Se temos os prazeres da mesa, em comes e bebes, é nela que repousamos os últimos instantes deste mundo, entre quatro círios. Nela, o homem moureja e repousa.

Foi Coelho Neto que lhe teceu a mais imaginosa descrição, quando teve diante de si, sobre a sua mesa de trabalho, o corpo inerte do filho atingido de paralisia renal.

Tão bela página, cintilante de palavras de fino lavor que provocou a conjeturas de alguém: “Como pode diante de tão imensa dor, rebuscar palavras e requintes linguísticos para expressar-se?”

Mas a mesa tosca ou marchetada continua como símbolo de sacrifícios.

Se você duvida, entre por entrar numa repartição e dirija-se a quem primeiro estiver atrás da mesa.

Você terá entrado com o pé direito se for imediata e cordialmente atendida.

Senão, repare como o sujeito procura um pretexto para descarregar em você toda a amargura de ser apenas um contínuo, ou funcionário subalterno.

Aconteceu-nos, certa vez, estar diante de um mesário que, pressentindo a nossa presença, aprofundou-se num papel que lhe parecia tão importante, como a presença da morte. Como consistia apenas numa lauda, e já o havia relido mais de uma vez, voltou-se para um boy que oportunamente lhe vinha em socorro.

Tratou este mensageiro com uma atenção especial, para continuar ignorando nossa presença.

Firmes, continuamos esperando até que ele terminasse um assunto com um colega, espichado à custa de repetições inúteis.

Finalmente, após vinte ou trinta minutos de espera, é a nossa vez de receber um cumprimento que não veio, pois, para início de conversa, fomos compelidos a fazer-lhe um rapapé, a fim de preparar o ambiente.

Manda o bom tom que o consulente espere que o mandem sentar-se. Mas, continuamos de pé, embora a condição de mulher nos desse o privilégio dessa cortesia.

Há também os que se refestelam, acomodados numa cadeira, num acesso de mal satisfeito complexo, extasiando-se com os próprios recalques, para os presentear com um retumbante “oh!!!

Tudo por culpa da maldita mesa que serve de pedestal ou recipiente, onde se esbanjam os sadismos.

Mas, nem tudo é negativo e assustador. Para um exemplo, vamos nos abeirar da Seção da Pagadoria do Tesouro do Estado, onde um rapaz de nome Sotero Conceição Silva, que nem se dá conta de estar jogando com um instrumento de suplício. Entra ano sai ano, ele está atrás de uma mesa, sempre sorridente e amável, atendendo aposentados nem sempre gentis, com a mesma solicitude e bondade.

Também encontramos diante de uma mesa trabalhada em madeira de lei uma criatura de estirpe: o Sr. José Gui Vilela Azevedo que reza pela mesma cartilha do Presidente do ISPS, que “considera o homem o meio e o fim de toda construção e manifestação social”.

É assim nosso Presidente da Caixa Econômica: um homem que não tripudia na sua mesa.

Os coronéis

Dunga Rodrigues

Eles talvez, instintivamente, quisessem afirmar aos olhos dos demais, o seu poderio econômico e político.

Assim, o medalhão pendente da *chatilaine* do Cel. Vivi, rico usineiro do Rio Abaixo, era crivado de diamantes lapidados, onde não se via o menor fio de ouro, pois se agrupavam como sementes de romãs no côncavo de um recipiente.

Era tal o seu brilho que despertou a curiosidade da menina de cinco anos.

E eu o persegui desde então. Onde eu avistasse o Cel., sempre dava um jeito de deixar a brincadeira para dar uma voltinha em frente ao medalhão.

Já a do Cel. Albuquerque, chefe político da Serra Acima, tinha um trabalho artístico mais elaborado, traduzindo o seu refinado gosto, que se expressava também no interior de sua morada citadina, com móveis trabalhados e estatuetas de biscois.

A do major Pinto Leque, delegado fiscal da Fazenda era bem mais simples. Medalha de funcionário categorizado, competente e probo, tinha poucos brilhantes, puríssimos entretanto, que atraíam os olhos.

Seria longo enumerar, pois havia ainda os solitários, maiores que grãos de milho, que os homens de posse ostentavam, já que as jóias miúdas, por mais delicadas, cabiam às mulheres.

Quanto as jóias apresentadas no Concurso Desfile, tenho a dizer que são belíssimas.

Pelos meus poucos conhecimentos sobre jóias verdadeiras: a gargantilha é um misto de arte moderna e despojada, quanto ao feito dos elos do colar.

– Mas, o pendente me parece lembrar as linhas da “*Art Nouveau*”, se bem me expresso.

O bracelete e o anel em chuva apresentam tipo bastão, com os brilhantes em chatões, como informou-me um joalheiro amigo e lapidação 8 x 8.

A pedra central, mais saliente, parece, como os antigos diziam, ser cravada em garfo.

Enfim, por que desejo essas jóias, e em particular a gargantilha? É que a vaidade, na mulher, acompanha-a do berço ao túmulo e embora não possuindo um colo de cisne e tendo-o bem lisinho sem auxílio de plástica, para ostentar um colar com brilhantes a que sempre aspirei e nunca possuí.

Quero usá-lo com faceirice e orgulho.

Mas se não obtiver, continuarei a alimentar o meu sonho, até que um dia Deus me receba com um colar de diamantes feito estrelas.

Pois sonhar e desejar não prejudicam ninguém.

Sinhara

Dunga Rodrigues

A política de Mato sempre foi acirrada, ferrenha, renitente, impiedosa e maldosa, pois mexia até com a espinha dorsal do indivíduo, corrutela de funcionários fazia-os oscilar na balança, elevados na vitória dos partidos e fazendo-os rastejar quando o mesmo era derrubado pela oposição.

Afora outros complementos: despeitas, xingamentos, desaforos que aniquilava de vez a personalidade de quem dependia dos cofres públicos para sobreviver.

O que talvez ainda ocorra hoje em todo Brasil nos estados de menor projeção política.

Atrás até hoje, política é isto mesmo. Antes e depois do voto secreto como, como de certa feita afirmamos ao Presidente Dutra na cidade do Rio de Janeiro.

Sendo recebidos por ele, a fim de solicitar-lhe a assinatura num livro de ouro, ouvimos desencadear uma catadupa de queixas e admoestações porque, quando da visita desta alta autoridade à sua terra natal, pessoas não simpatizantes cerram janelas e portas em sinal de nojo.

O Presidente se ofendeu e lastimou o atraso em que ainda vivia o seu torrão natal.

Rebatemos com a situação do Nordeste em que as divergências políticas terminavam em tocaias, fazendo correr sangue em acidentes muitas vezes fatais.

Aqui, os fatos se atenuavam com as demissões de quem estava de baixo.

Houve, entretanto, uma exceção que até hoje ninguém cogitou de explicar.

Subia papudo, descia perrengue ou vice-versa: ninguém derubava Sinhara da cadeira do Gomitá. Pelo contrário, ela chegou a diretoria, e mais tarde virou chefe política da região.

Sinhara era uma morena fortona, roliça e bonitona. Casada com Joaquim Nambu de apelido e Góis de nome.

O nome verdadeiro de Sinhara era bonito e soava bem, mas o apelido enterrou para sempre: Walkyria Moraes (de pai) de Góis (do esposo). Nome inútil sufocado pela alcunha muito em voga, Sinhara.

Quando menina, frequentou uma escolinha naquele sítio. Na cidade, cursou até o 1º ano da Escola Normal, saindo para casar.

Sinhara não era, entretanto, mulher de forno e fogão. Tomou gostinho pelas letras, devorou todos os livros que havia no sítio e estava sempre adquirindo novos. Não fazia distinção de temas ou estilo, tudo ansiosamente.

Em casa, a mãe recriminava de empregar as horas de folga em vez de costurar camisas do marido para pregar botões, ou pés de meia para remendar, a ler páginas e páginas recostada na cadeira de balanço no alpendre da casa onde havia profusão de luz.

Afilhada do coronel Gusmão e frequentadora da casa onde em solteira tudo era pretexto para ir passar semanaça, gostava das conversas políticas do coronel que em sua intimidade se expandia, derrubava ou enaltecia os figurões políticos da época.

Estes papos sempre a interessavam mais que ouvir os intermináveis flertes de Fhysinha, quando esta vinha de férias.

Depois de casada, a coisa mudou, mas não tanto. E foi numa destas dissertações sigilosas que o coronel aventou a nomeação de Sinhara para a escola isolada de Gomitá. Joaquim Nambu espantou pela rapidez com que a mulher, sem esperar pelo seu

assentimento deu resposta afirmativa, naturalmente, aceitando o cargo sem tempo de ouvir-lhe a opinião.

Foi grande a efusão da nova professora, acatada por todos que assim, de sopetão, derrotava a candidata do vizinho confronte, também proprietário de rezes e muares da mesma região.

Quase num acaso teve início a mais cruenta e disputada causa política do Estado.

Não pensem que discutiam a eficiência da professora mal e mal formada, nem os destinos da escola, nem dos benefícios que poderia trazer às crianças da redondeza.

Ninguém cogitava de nada, apenas se o candidato era Perrenque ou Papudo, isto se o coronel Pedro Celestino a mantinha ou se o senador Azeredo a derrubava.

Nada disso, Sinhara resistia incólume no topo da sua cátedra aos vendavais políticos. Até já se habituava com a substituição dos retratos que eram dois e se revezavam no paiol de arroz.

Quando o Coronel Pedro Celestino estava em evidência, lá vinha a sua figura franzina, mas retratando um homem de grande tirocínio político se sustentar em lugar de destaque na escola onde lhe eram tecidos os melhores encômios e os mais rogados pedidos de louvor.

Ao subir o partido de Azeredo, o coronel ia célere para o paiol apagando-se temporariamente do cenário político do Gomité a sua figura esguia de pernas longas que se enroscavam feito sacarrolhas e mais enroscadinhas ficavam aguardando por um quadriênio todo, talvez o seu revezamento no paiol.

Saía para fora o Senador Azeredo e ia se dependurar no lugar do outro. Era ele uma figura não decorativa com sua cabeleira branca, como a de um músico alemão. Bigodes fartos e o indefectível cravo na lapela.

Isto empolgava Sinhara na hora de deitar falas nas datas cívicas que a professora não deixava de comemorar num belo pretexto de cerrar as portas da escola mais cedo.

O senador talvez nunca sonhasse que existiu no mundo uma escolinha onde ele foi tão decantado e elogiado, como nunca o fora no Senado, onde mourejava e onde todos os acontecimentos históricos foram condignamente festejados e devidamente guar-

dados: batalha do Tuiuti, dos Guararapes, do Riachuelo, Canudos, de Tamandaré, Cerro-Corá e outras mais que pontilhavam na História pátria.

Todos iam para casa mais cedo, após a distribuição de pequenos cartões azuis de Honra do Mérito, distribuídos na escola, pelo esforço. Enfim, era uma escola festiva que não se descuidava dos deveres cívicos.

Certa vez, a cátedra de Sinhara perulitou, quase ruiu águas abaixo por ocasião da Caetanada, movimento que destituiu o presidente, vindo a substituí-lo numa Intervenção Federal. Desta vez, todos concordara: Sinhara cai! Além de aparentada com a família do general deposto, toda região quase pertencia aos parentes deste.

Qual não foi o espanto de todos quando o Interventor Camilo foi nas terras do Gomitá, saudando-o a gentil professora Whalkyria de Moraes Góis

Certo é que, já pelo fim do ágape, o chefe de estado elogiava gentilmente as compotas apresentadas por D. Sinhara.

O Dr. Floriano de Lemos, médico que viera na comitiva, teceu-lhe, em primorosos versos, elogios aos quitutes que naturalmente nem tinham sido feitos por ela, mas pela velha cozinheira.

Sinhara, que era mais dada às letras, como já vimos, agradeceu-lhe com bonitas palavras improvisadas. Este arremate serviu para solidificar mais o seu cargo que ninguém conseguia arrebatar.

Na verdade, a ilustre senhora estava cada vez mais bonita e cheia de encantos. A idade nada lhe roubava. Foi crescendo mais desembaraço e perfeição.

Nas campanhas políticas subseqüentes o Senador Villasbôas quantas vezes transferia os elogios partidários com o enaltecimento aos encantos de Sinhara, confundindo eficiência na arregimentação do eleitorado com os atributos da eleitora-mor. O que era muito bem merecido, porque ninguém a batia em morenice, de busto saliente e pródigo. O colo um verdadeiro ninho de anjos, como o pintou o poeta da caravana de D. Aquino em andanças no Gomitá.

Enfim, para rivalizar com a Sinhara, só a Baitarra do Bahú, morena, linda e brejeira e que botava banca em Cuiabá.

É de se estranhar que ninguém aludia a Joaquim Nambu, o digno consorte. Acontece que, para esconder o apelido que adquiriu num balaço na traseira, ao pular a cerca de um vizinho para abocanhar-lhe a filha em ato clandestino, ficou-lhe uma lesão que dava impressão de lhe terem podado um apêndice anal. Ficou com a bunda xôxa. Isto serviu para adquirir o apelido de Nambu ou cachorro sem rabo.

Longe de ser considerado um “corno manso”, dada a patenteada honestidade de Sinhara, cujos únicos deslizes não iam além dos lampejos de felicidade com que os seus olhos retribuía os elogios atribuídos a sua pessoa.

É que Joaquim Nambu logo se conformou o apagamento de sua pessoa. Foi se tornando cada vez mais xôxo e mais metido na sua desimportância, que o chefe político se tornou mesmo Sinhara. Despachada, decidida, usufruindo cada vez mais de prestígio, deixou de vez o marido na sombra.

Mas, o que ela não dizia e todos ignoravam é que aquele poderio todo quem dava força era o padrinho. Não tanto pela sua pessoa, como pela Força Pública que ele vestia e nutria, pois todos sabem que este movimento se iniciou verdadeiramente com virtuosidade do novo presidente General Caetano Faria Albuquerque se negou a exonerar os funcionários públicos adversários do Partido Republicano Conservador que o elegera. E dentre estes nomes o de Whalkyria Moraes de Góis encabeçava a lista.

Pode se dizer mesmo ter sido ela o pivô da Caetanada, pois com esta atitude do presidente os deputados federais Aníbal Benício de Toledo, Oscar da Costa Marques, Alfredo Mavignier e o coronel Antônio Manuel Moreira iniciaram um movimento de oposição que culminou com a renúncia do General e a nomeação de um interventor federal para Mato Grosso, a 10 de janeiro de 1917.

Dona Ciríaca e o voto feminino

Dunga Rodrigues

O nome é assim mesmo, Dona Ciríaca, com acento e tudo. Uma veemente eleitora, criação da Profa. Célia Nunes de Barros, que a modelou, vestiu e calçou, incentivando para a política, a fim de estimular mulheres a votar.

Quando foi concedido o direito do voto às mulheres, esperava-se que elas, as mulheres, engrossassem a fila das votantes, ávidas de usufruir de um direito que levou muitos anos para ser concedido.

Ledo engano. Como a filiação e data de nascimento saíam publicados no jornal, ao lhe ser concedido o direito de votar, muitas delas, a bem dizer a maioria se abstinha de conquistar este direito, só para não publicarem a idade.

Anacleto Gorelli Conceição dos Santos

Dunga Rodrigues

Eu tive muitos dias felizes, em minha vida.

Mais dias agradáveis que aborrecidos. Graças a Deus!

Pois, este dia eu não o esqueço nunca. De tão feliz parecia que eu ia voar. Aliás, toda a sensação de alegria me faz levitar. Por dentro, bem entendido, porque, na realidade, os meus pés não se despregam do chão, nem para nadar, que nunca tentei. Dentro de mim, tudo sai fora de órbita. Fico em posição horizontal, recolho o ter de aterrissagem, em plumo as azas e me solto pelo infinito.

Foi assim que me senti naquela dia, dêz que pus os pés fora de casa. Não eram pés, era um par de botinas brancas, de abotoar. O calçado branco, de qualquer feitio que se apresentasse, eu era louca por ele. É um mal de nascença, pois contaram-me que, ao descobrir um dia, aos três anos de idade, a existência do telegrafo, pedi que me amarrassem um bilhetezinho no fio o qual eu pedia às tias de Cuiabá que me enviassem urgente um par de sapatos

brancos pelos mágicos fios até Aquidauana, onde morava. No mais, preferiria andar descalça. Verniz sempre me agoniou. Depois, eu estava usando um vestido cheio de laços de fita. Nem sei bem se havia laços. A minha imaginação se incumbia de colocar um laço aqui, outro dali, onde eu quisesse. As nossas vizinhas teimavam em chamar de tope, tope de fita. Coisa feia, antiquada. Eu preferia dizer laço. Sempre aprendi rápido as palavras novas. Escutava, aprendia e repetia. Hoje não tenho mais este vício de dizer em primeira mão as palavras que entram em moda. Também a linguagem ficou siglomática e eu detesto siglas. Enquanto todo o mundo está no P.D.S., eu continuo no P.S.D. O P.T. é partido de muletas, falta-lhe o B ou D, quem entende?!

O mesmo aconteceu com os laçarotes que eu amava me enfeitar com eles. A ponto de, em casa, me apelidarem de Gisela. Personagem de uma coletânea francesa tipo – As meninas Exemplares, de Madame Sevigné, leitura para garotas comportadas de outras décadas. Gisela, muito vaidosa, foi a uma festa, empencada de laços em exagero. Tornou-se o pivô das diversões, com a garotada pendurada nas pontas das fitas, a rodá-la de um lado para outro. Hoje, abomino os laços. Quanto a vestidos brancos, era o meu fraco. De cintura, o que não adiantava muito. Eu era uma vara de magra. Lembro-me bem. De um resto de cortinas, do casamento de minha tia, a única que se casou, era de escumilha com flores tecidas, fizeram-me três roupas. Uma era tipo camisola. Achava-a linda. Descobri muito cedo que o importante é você sentir a sua própria importância dentro das roupas, independente da pobreza destas. E eu podia, com a imaginação, até mudar a cor dos meus vestidos, a hora que me aprouvesse. Se podiam, voar em tapete mágico, por que eu também não poderia, nesse dia, tomar um trem mágico, que rodava pelos trilhos, fustigando com o vento o meu rosto e... outra magia: balançando os meus ralos cabelos, para a frente e para trás, como eu gostaria que estivessem.

Com a imaginação espicaçada, tomei o trem rumo a S. Paulo, para embicar naquela cidade onde morava o Dr. Anacleto Gorelli Conceição dos Santos.

Dês que atentei para a conversa deste senhor com meu pai, na Confeitaria Colombo, na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro,

comecei a atazanar todo o mundo, em casa, para me levarem a S. Paulo. Na realidade, este passeio representava para mim, a novidade, andar de trem, partindo da Central do Brasil e percorrer as cidades paulistas que floresciam ao longo da Estrada. Aliás a vida, sempre a considereei uma grande novidade. Uma Caixa de Surpresas. A grande atração, eu sabia que era a voz no papo, do baleiro... balei... acentuando e prolongando a lei. E o vendedor de jornais e revistas, trazendo sempre o Tico-Tico. Eu vibrava com as aventuras do Chiquinho, o moleque Benjamim, Faustina, jagunço, o cachorro. Eu queria, porque queria sair do Rio, ir além daquela Estação do Engenho Novo, descobrir novas cidades.

Dessa vez, tanto azucrinei meu pai, que ele aquiesceu em levar-me de visita ao amigo que morava numa cidade do estado de S. Paulo, cujo nome me escapuliu da memória e hoje não tenho mais a quem perguntar. Não sei se a viagem foi longa ou curta, para o norte ou para o sul. Para mim ela representava as balas de ovo e o Tico-Tico. Sei que o amigo insistia para que o visitássemos, chegou a enviar telegrama convidando. Mais tarde fui compreendendo que ele estava doido para exibir sua opulência, para que o seu eco chegasse à terrinha, via um conterrâneo pobre, mas de peso.

— Quem sabe se ele se lembra de mandar um dinheirinho às velhas que o criaram e o mandaram estudar, com o lucro dos cigarros de palha que noite e dia faziam para vender?

Eram três senhoras simpáticas que tiveram de herança este sobrinho, filho da Mariana, morta de nó-na-tripa, dois meses após a criança nascer. O pai, Pedro da Conceição dos Santos, foi definhando de amargura, saudade e pobreza, morreu logo depois.

Mariana era a mais ousada da família. A única que laçou marido, quando o 53 B.C. chegou com um contingente de moços de fora. A única de iniciativa. Quando o menino nasceu, deu-lhe o nome de Ordep. Ordep Anacleto (nome do padrinho, mestre de obra do Arsenal de Guerra) da Conceição dos Santos. Seria desde o nome, o pai às avessas. Pedro dos Santos era tímido, encolhido, pacato, sem ambição, contentando-se com o ramerrã do dia a dia sem aspiração e maior idealismo. Ela queria o Ordep bem diferente, a antítese do pai.

Foi quando o padre Galbusera... aquele velho murchinho, que foi para Goiás e quando vinha à Cuiabá trazia fumo forte para meu pai, almoçava conosco e tirava uma boa sesta, na cadeira de balanço, para a impaciência de meus irmãos que queriam jogar bola e fazer barulho. Pois o padre embirrou com o nome que Mariana queria dar ao menino.

— Não, filha, isto não é nome de gente. Há tanto nome de respeito, por que virar o pai de trás para diante? Mariana foi empalidecendo de raiva. Ali, em frente a pia batismal e dos convidados à cerimônia. Mas tinha educação, não retrucou. Padre Galbusera aproveitou o silêncio, sugeriu o nome de um discípulo de D. Bosco, o fundador da Ordem Salesiana.

— Vamos chamá-lo: Carlos Gorelli Conceição da Silva. Mestre Anacleto não poderia ser preterido. Convencionou-se trocar pelo Carlos apenas.

Mariana escutou passiva. Quando o pequeno cortejo voltou a casa, ela se debulhou. Chorou a morte do seu Ordep, que daí por diante virou Anacleto Gorelli Conceição dos Santos.

Com a pequena cesta, onde levava duas mudas de roupa, porque criança suja muito, partimos felizes (falo por mim) ao mundo novo. Os subúrbios do Rio foram se escasseando e as novas cidades paulistas, surgindo promissoras, com pessoas, na maioria, jovens, apinhando-se nas Estações, com a exclusiva razão de passear e anotar os recém-chegados. Na maior delas nós ficamos e dirigimo-nos a um hotel. Isto, para mim, já era o máximo. Tomei um banho de gato e saí meio ensaboada! Não tinha a presença de minha mãe para me fiscalizar e a água do chuveiro saía muito fria! Não perdemos tempo com delongas estéreis e saímos à procura do doutor Anacleto. Seguimos a pé até a praça da Igreja. Esta era alta, porém de uma só torre. Em frente, a praça bem cuidada, bancos, coreto, nenhum cachorro. Eu tinha me separado recentemente da minha cachorrinha Biela, me fixava mais em cães do que em gente. Tomamos uma rua estreita, que desembocava numa longa avenida arborizada. Isto é um *boulevard*, explicou meu pai. No meio da guarda paramos. Uma casa verde, à frente um jardim da época, onde não faltavam um chafariz, num pequeno tanque, um caramanchão de pingo-de-amor, dando o seu colorido rosa,

ao verde da folhagem e penduradas no alpendre grandes bolas coloridas e brilhantes, azul, verde, vermelha. Achei deslumbrante.

A campanha soou. A cabeça de uma rapariguinha de olhos vivos apareceu.

— É a residência do doutor Anacleto Gorelli da Conceição dos Santos?

Ela arregalou os olhos e sumiu dentro da casa. Quem apareceu então foi um senhor de estatura média, sem sombras de gordura, enxuto, como se diria agora, e um riso muito simpático, abrindo os braços em nossa direção.

— Eu sabia que seria um amigo do tempo do Anacleto. Mas aqui, meu caro colega, eu sou o Cleto. Cleto Gorelli dos Santos, ou Cleto dos Santos. (Por que este colega? Ele médico e meu pai militar?!) E foi nos empurrando para o interior da casa, batendo palmadinhas amistosas nas costas de meu pai e me apontando de cara uma bombonière, cheinha de balas finas, que me fizeram vibrar de felicidade.

— Aqui só me conhecem pelo nome que adotei: Cleto dos Santos. Podei logo o Conceição, já imaginou, homem com este nome de mulher? Só artimanhoso daquelas velhas beatas. Livre do Conceição, pejei na Justiça para me livrar do Anacleto. Isto é nome para Papabanana, ou para aqueles opilados do Rosário Oeste, carregados de verminose. Aqui sou o dr. Cleto dos Santos, Conservo o Gorelli só para assinaturas, lembrando minha ascendência italiana. Cleto dos Santos é um nome sonoro, nome de escritor. Sabe que colaboro no *Jornal da Manhã* e na *Gazeta da Tarde*? Cleto dos Santos – guarde este nome, amigo. Nome fadado a por no chinelo o Augusto e o Ciro dos Anjos.

— Até ascendência italiana, arquitetara. Cabotino, desde jovem, por isso conservou o Gorelli. Em menino, pela piedade das tias, conseguiu uma bolsa de estudos no Colégio dos Padres, que o acolheram como um possível futuro sacerdote. A filha da lavandeira, que ajudava a mãe carregar as roupas, únicas mulheres de acesso ao colégio, frustrou-lhe a vocação. Foi desligado pelo flagrante constatado. Trabalhou um tempo na lida oficial. Ajuntou algum dinheiro e se mudou para o Rio. Notícia, dava sempre para pedir ajuda que, pontualmente lhe era remetida pela dedicação das

tias, que a arrancavam do cutelo da palha e dos rolos de fumo. Às duras penas fez-se doutor por obstinação e inteligência suficiente para vencer. Cresceu em nome e fortuna. Foi quando abruptamente deixou de dar notícias. Nem comunicou o casamento com Olindina, moça rica do Recife que viera conhecer o Rio.

E o esfuziante anfitrião falava sem parar, o Augusto é um escritor bolorento e o Ciro um poeta meloso. Eu escrevo a prosa documentada, faço história. Serei um dia o maior historiador de S. Paulo.

Bolando sobre absurda metonímia, travou uma parelha visionária no campo da literatura, para vencer Augusto ou Ciro dos Anjos.

Na certeza da vitória, porque os Santos na hierarquia religiosa eram superiores aos Anjos. Na época, eu não entendia nada do assunto, mas torci para que o Cleto vencesse. Ele tinha todas as chances: redundante no teatro, amável, sorriso acolhedor, elegante, sem barriga e aquelas balas todas só para mim. Aliás, tudo sobejava naquela casa. Eu teria muito o que ver. Embora quisessem se desfazer de mim, entregando-me à dona da casa.

— Olindina, tome conta da garota. Mas eu só arredei o pé da sala de visitas depois que apalpei todos os biscuits e revirei os álbuns de retrato, indagando sobre as fotografias. Interessante: lembrei-me de Cherubina Ludgera e Sebastiana, as três velhinhas que o sustentaram nos estudos. Eu as conheci bem, curtindo uma pobreza decente, sempre à procura de um portador que levasse ao estudante compotas de frutas do quintal. D. Nhala Rondon uma das raras senhoras a visitar a Capital Federal, inutilizou um vestido com vinho de jabuticaba que levava gentilmente ao Anacleto. Nenhuma palavra sobre elas. Nem pediram notícias de Cuiabá. Outra vez, quiseram desviar-me da Biblioteca. Esta me atraía, consegui escapulir-me e penetrei aquele salão todo emparedado de armários, plenos de livros encadernados, azuis, verdes, vermelhos.

— Couro da Prússia, colega. Legítimo couro da Prússia.

Ia mostrando a meu pai, coleções completas disto e daquilo, e seus respectivos preços

— Não compro livros em sebos. É anti-higiênico. Nos espaços livres penduravam-se os diplomas emoldurados, que se estendiam até a sala de jantar, a procura de paredes disponíveis.

— O que deveria ter feito este homem, para receber tantas honorarias? Absorvida nestes pensares, nem pressenti dona Olindina, que me oferecia uma romã madurinha, mostrando seus dentes rosados, que me sorriam pela rachadura da casca.

Acho que ao entrar na casa entreparei com olhos cobiçosos, fitando a romanzeira, que ela se apressou em oferecer-me o fruto.

— Um pé de romã, no jardim da casa, vale por abundância de dinheiro e evita o mau olhado. Por isso que éramos pobres. As casas e Cuiabá se fixavam à beira da rua, sem jardim fronteiro, nem lateral. As plantas viçavam ao fundo, no quintal.

Xingando os mais velhos, abri a parte de baixo dos armários. Comecei a espirrar. A papelada velha acumulada aí desordenadamente, deu-me cócegas às narinas. Fechei rápido, antes de ser surpreendida. Era a chave que só mais tarde se me desvendou. Ao casar com dona Olindina, tornou-se bem calçado de fortuna e bom nome. Oviedo Abranches, da sogra, e do lado paterno os Cavalcanti de Albuquerque davam o respaldo. A medicina ficou à margem e a carreira política guindou-o à Intendência Municipal, numa cidade paulista, onde pretendia clinicar. Subiu como um balão. Um arremedo de incêndio no Paço Municipal foi pretexto para que aquela papelada toda fosse removida para a casa do prefeito. Arquivo Público, Arquivo Histórico, Atas, Memorandos, Correspondência oficial, foi. Mas se voltou, após a restauração do prédio, ninguém informou. A política mudou, trocaram-se os chefes e o nosso Cleto se manteve incólume, reeleito várias vezes.

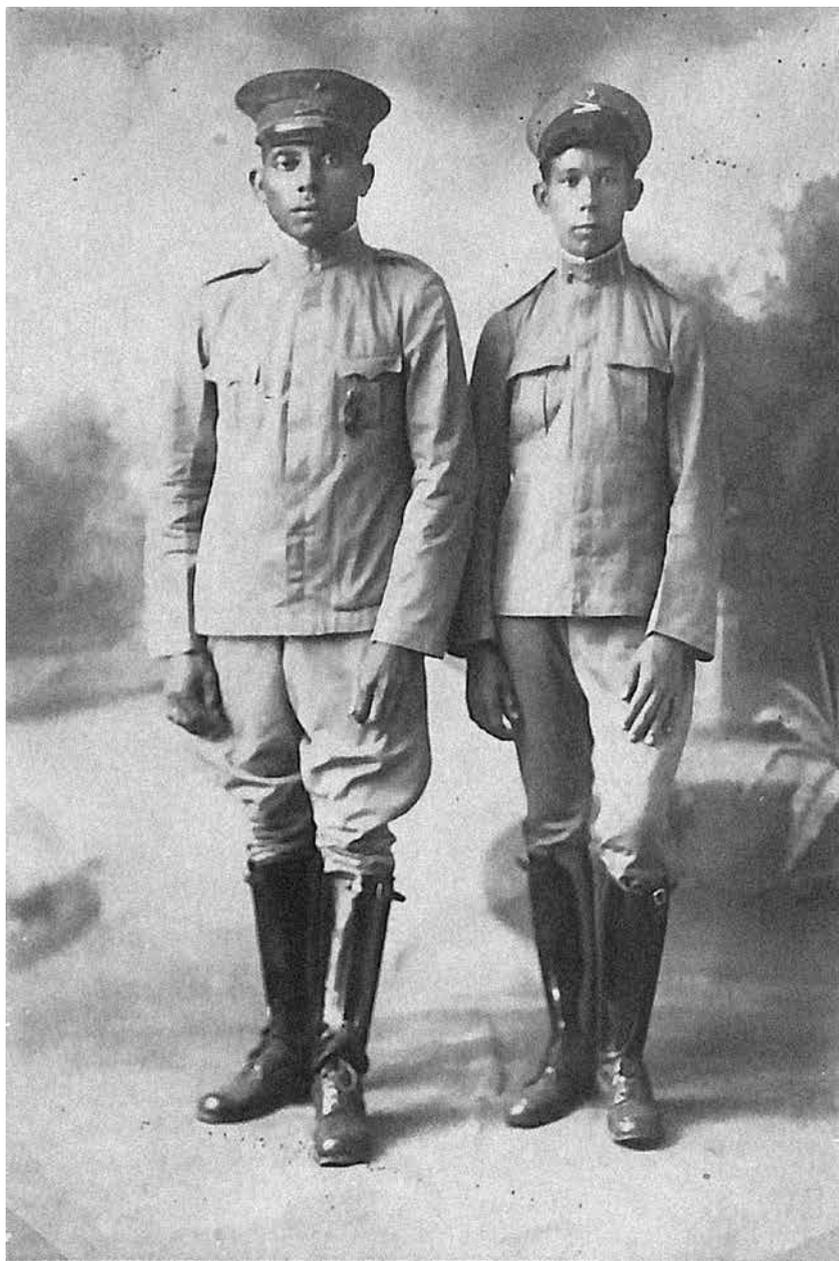
Começou alinhavando uns arrazoados discretos sobre a fundação da cidade. Para seu próprio espanto o artigo agradou. De tão elogiado ganhou foros de historiador emérito. Foi a conta. Criou asas, tirou o pé do lado. E foi transcrevendo aquelas laudas todas, às quais dava um cunho de resenha histórica, pois, burro, nada o era, matreiro sim. Virou poço de sabedoria histórica da terra alheia. Os diplomas estavam aí para atestar.

À despedida, levou-nos à Estação, dando braçadas no ar, aos conhecidos que passavam ao longe. Mais tarde associei seus gestos

de cordialidade aos figurões políticos em véspera de eleição. Isso mesmo. A sua memória me gravou tão forte que sempre os seus moldes se deparam no decurso da vida.

Obsequiou-me com um cartuxo de amêndoas marroquinas. Essas de licor dentro. Quase me arrebentei de alegria. Balas caríssimas e saborosas. Voltei feliz, o trem embalando-me, os cabelos balançando ao vento, como a princesa Magalona dos reinos encantados.

Enquanto meu pai, que nem recebera um gesto de saudades para transmiti-lo à Ludgera, Cherubina e Sebastiana, repetia consigo: Safardana... Safardana... Sacripanta...



Soldados anônimos fardados.
Acervo Família Rodrigues

Figuras Anônimas

Apresentação

Suíse Monteiro Leon Bordest

Da crônica “*Manuel e Hermógenes*”, Dunga Rodrigues ressalta estes dois personagens de sua convivência na infância.

Nas casas cuiabanas havia o antigo costume de acolher pessoas de níveis socioeconômicos inferiores, as quais permaneciam por longos anos ou até mesmo a vida toda junto às famílias. Eram conhecidas como “crias da casa”.

A expressão “crias da casa” (expressão racista) era usada em linguagem corriqueira no meio cuiabano, referindo-se a pessoas socialmente desfavorecidas que eram acolhidas no seio das famílias. Geralmente, eram filhas de mães solteiras que se empregavam nas casas de família como “criadas”, daí seus filhos chamados de “crias”, fazendo as vezes de empregadas ou simplesmente para servir de companhia aos seus patrões. Entre as “crias” da casa estavam também aquelas que ali permaneciam para estudar e quase sempre morando com a família até se casar.

Ao se referir a Manuel e Hermógenes, Dunga rememora personagens do seu universo de infância e os cita como “crias da casa”, que foram entregues a sua família por juízes da época, visto não terem condições de serem sustentados pela família originária. Manuel era índio e, como Hermógenes, era também inteligente e alegre, mas a vida os conduziu para o infortúnio da bebida que os teria levado à morte.

Dunga rememora suas brincadeiras de infância com Manuel e Hermógenes, considerados como irmãos, pois entre as crianças o preconceito e a discriminação geralmente inexistem. Dunga comenta sobre suas vidas e destinos, mas, principalmente conduz a reflexões sobre o costume da época, quando os juízes entregavam (como mercadoria) crianças desafortunadas às famílias cuiabanas, crianças em situação de risco, como aconteceu com Manuel e Hermógenes, personagens do seu universo de infância que se tornam “crias da casa”.

Convivi com Dunga em diferentes fases de minha vida, ela, moradora da Rua 15 de Novembro, no Bairro do Porto, e eu na Avenida da FEB, mais conhecida outrora como o “Outro lado do Rio”, hoje município de Várzea Grande. Adolescente, foi ela minha professora de piano. Na década de 1970, convivemos como colegas na Escola Técnica Federal de MT (hoje CEFET), e mais tarde como confrreira no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

A casa de Dunga, como a maioria das casas antigas de Cuiabá, era ampla, tinha vários quartos e na sala o piano. Havia também bastante espaço externo e muito verde nos jardins e pomares, que eu avistava da janela da sala. Nela, moravam também suas duas tias, costureiras, que às vezes se juntavam a nós para ouvir muitos dos “causos” por ela contados após as aulas de piano.

Como ficou evidenciado no texto ora apresentado, Dunga ao rememorar fatos de dois personagens do universo de sua infância: o índio Manuel e Hermógenes, considera-os ambos inteligentes e alegres, mas que tiveram suas vidas interrompidas pelo vício da bebida.

Apesar disso, as lembranças de ambos lhe trouxeram de volta a doce alegria da infância.

Manuel e Hermógenes

Dunga Rodrigues

Antigamente, em Cuiabá, havia um costume de se encher a casa de agregados, que também se denominavam “crias” da casa.

Com a minha avó, encontrei o Manuel, que após longo tempo foi substituído pelo Hermógenes.

O Manuel era um índio dócil, inteligente e se integrou à família, sendo o meu primeiro comparsa em brincadeiras. Quando nasci ele beirava uns 10 a 14 anos.

Inteligente, aprendeu a ler e escrever e fazer as primeiras contas. Foi a sua perdição. Ao chegar a idade de servir à pátria, escreveu ao comando local, apresentando-se como reservista.

Foi o caos. Era outro Manuel. Ele próprio se estranhou.

Ao cumprir o seu tempo de caserna, visitou-nos rapidamente e comunicou que iria empregar-se numa usina de açúcar. Pobre Manuel. Lá curtiu a sua decadência.

Apareceu depois o Hermógenes. O doutor Palmiro Pimenta, desempenhando a sua função de juiz de menores, presenteou meu pai com o Hermógenes, que o meu pai, por sua vez, doou-lhe à minha avó.

Lá, ele apareceu com uma fatiota do Renato Pimenta, filho do juiz, pois o coitado nem roupa possuía.

Todo espancado, tinha escoriações pelo corpo, cabeça e, ao dormir, levantava-se sonambulando e gritando: acudam! Aí está ele que vem me bater.

E, dormindo, agarrava-se à primeira pessoa que perto lhe passava, e procurava esconder-se da imagem do pai, que bebia suas cachaças e agredia o casal de filhos.

A menina não sei com quem ficou, mas esta agonia durou pelo menos uns seis meses, manifestando-se todas as noites.

O Hermógenes era um excelente menino. Inteligente, alegre e prestimoso.

Certa vez, foi ao açougue comprar carne para minha avó. Estranhando esta a sua compra, ele explicou: Tia Dita, quando vi muitas pessoas subindo com peixe, dizendo que estava muito

bom o barato no Porto, achei vantagem a gente trocar a carne pelo peixe. E foi mesmo um bom negócio.

Companheiro de brincadeiras, ele quis apresentar um número de circo, que neste vira um palhaço fazer. Costurou uma camada de algodão, que retirara da velha almofada, e costurou a sua roupa, antes embebendo de querosene aquela maçaroca com bastante álcool.

Ao se apresentar no circo de brinquedo, no varandão da casa do meu pai, ateou fogo às costas e começou a rodar a varanda em cambalhotas. Foi a sensação, mas logo começou a gritar: estou me queimando! Não se queimou, mas perdeu queimada a roupa nova.

De outra feita, enfiou ao pescoço a armação de madeira de um banquinho de criança, para tira-lo pelos pés, contorcendo-se todo. Não o conseguiu, pois o banquinho não conseguiu descer pelos ombros e muito menos chegar aos pés. Meu pai tirou-lhe com um serrote, após muito esforço.

As artimanhas do Hermógenes eram muitas, mas um bom companheiro de brincadeiras, ele o era.

Na Revolução de Trinta, vimo-lo sentado em um ônibus que conduzia soldados até Campo Grande. Julgamos que pegasse uma carona para fazer-lhes um bota-fora até o Coxipó. Ledo engano, foi com eles até o Sul do Estado e lá ficou até dois anos após o término da Revolução.

Quando apareceu, fez-nos uma visita rápida e procurou trabalho numa usina da região. Estava completamente entregue à bebida. Foi uma pena!



Crianças na Praça do Porto, em Cuiabá.
Acervo Família Rodrigues.

Cotidiano em Cuiabá

Apresentação

Neila Maria de Souza Barreto

É com imenso prazer que apresento, neste livro, um conjunto de crônicas escritas por Dunga Rodrigues, intitulado *Cotidiano em Cuiabá*, especialmente a sublime cantiga de roda.

Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues) nasceu em Cuiabá-MT, aos 15 de julho de 1908. Os primeiros estudos foram cursados junto ao tradicional Asilo Santa Rita, como aluna externa, e em seguida na Escola Modelo Barão de Melgaço. O ensino médio foi realizado no tradicional Liceu Cuiabano. Diplomou-se em piano e harmonia pelo Conservatório Musical de Mato Grosso e pelo Conservatório Brasileiro de Música (RJ), com certificado registrado junto ao Instituto Villa Lobos. Formada contadora pela Escola Técnica de Comércio de Cuiabá, além de exímia pianista.

Em uma Cuiabá antiga, com as suas ruas de chão batido, encobertas pelo mato agreste como tapete, a população cortava longas distâncias e as crianças se divertiam de todas as formas, num imenso jardim de sonhos. Era uma cidade pacata e sem o barulho dos carros e motores. Por ali circulavam carroças, carros-de-bois, carrinheiros, cavalos, vacas, bodes, cabras e outros animais domésticos. Nela, Dunga Rodrigues desfilava com maestria, participando de inúmeros eventos promovidos pelas mais variadas camadas sociais.

Visitava as amigas, participava das festas de pobres e ricos, desde que houvesse convite, e ali presenciava fatos ou ouvia relatos sobre eles, os quais tornavam vidas em suas mãos, na forma de música, crônicas, romances, contos envoltos em críticas recheadas de humor, pois, afinal, sempre foi uma criança curiosa, inteligente e vaidosa.

Dunga era fascinada por Cuiabá. Nela andava e passeava com um olhar colado no seu reino encantado, como as calçadas altas, bicas, fontes, os poços, os bancos do Jardim, coretos, o gasômetro, as escadarias, os armadores rangentes das redes, os portões, as

cercas de arame farpado cobertas por melões de São Caetano, os trilhos do bonde, enfim, tudo povoava sua imaginação.

Assim brotavam tantas produções, inclusive, as cantigas de roda, a exemplo desta, que ela descreveu assim: *“Bom dia / Vossa Senhoria / Manda / Lero, lero, lira. Bom dia / Manda / Liro, liro lá. / Que deseja / Vossa Senhoria / Manda / Lero, lero lero / Que deseja / Vossa Senhoria / Marmota [...]”*.

As biqueiras dos calçados das crianças ficavam escalavradas de tanto jogar, de tanto brincar, de tanto *liro, lero, lá!* Mas também amarelinha, pulação de corda, malhação de Judas com limões, a subição em árvores, porque no fundo das casas cuiabanas sempre existiam imensos pomares. Em épocas de touradas, a criançada improvisava os brinquedos e se tornavam exímios toureiros. Quanta brincadeira Dunga testemunhou! Descobriu! Encantou! Lembranças da sua infância! Linda memória. Quantas recordações! Quantas saudades ali registradas. Quantos ensinamentos! Obrigada, Dunga.

Além das cantigas de roda, participou e observou as brincadeiras de *“cabra-cega”*, *o footing ao redor do coreto dos jardins* e, conseqüentemente, *“tirim/fechou balaio”*, dos quais muitos outros lugares que foram demolidos para dar lugar à *“modernização”* das cidades brasileiras. Dunga ainda testemunhou inúmeros espaços das crianças que ficaram praticamente invisíveis em nossa cidade nos tempos atuais! No entanto, procurou reconta-los para as crianças que o mundo trouxe em seu processo de renovação da espécie.

Nossas crianças! Ah! Hoje, estão carentes das memórias de Dunga Rodrigues. Mudas, lentas, olhares perdidos, encabuladas, nervosas, apáticas, não brincam mais e não cantam *“Fui no tororo/ beber água não achei”*; *Ciranda/cirandinha/ vamos todos cirandar...”*, podemos até encontrar algumas acompanhadas dos seus avós reproduzindo as mesmas cantigas em diferentes regiões de Mato Grosso, mas não como antes.

As cantigas de roda têm um grande papel para o desenvolvimento cultural e intelectual das crianças, uma vez que, além de transmitir, por meio de brincadeiras, costumes, folclore e crenças da sua cidade, inclusive, exploram o cotidiano, as vivências, as festas, a culinária e outros.

E Dunga sabia muito bem disso! E contribuiu com isso, além de doar as suas habilidosas mãos fazendo-as produzir melodias, proporcionar prazer, bem-estar e, porque não dizer, saúde às pessoas que a cercavam. Logo foi sendo conhecida pelos seus belos dotes intelectuais e musicais. Quanta beleza você nos proporcionou, Dunga!

Foi ela, assim, não apenas uma mulher, mas múltiplas mulheres com capacidade de transformar e amoldar o espaço onde viveu, deixando seus traços e marcas ao longo da história.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso – IHGMT, desde 4 de junho de 1977, ela integrou a Academia Mato-Grossense de Letras, tomando posse no dia 19 de setembro de 1984, ocupando a Cadeira nº 39, tendo, na ocasião, sido recepcionada pelo Acadêmico Antônio de Arruda, cujo discurso foi intitulado *Dunga Plural*, visto seus múltiplos talentos. Faleceu no dia 8 de janeiro de 2001, aos 93 anos de idade, na cidade litorânea de Santos-SP, lúcida, comunicativa, saudável, bem-humorada, bonita e cheia de vida, um exemplo para os contemporâneos.

O primeiro dia do ano de 1962

Dunga Rodrigues

A ideia partiu da amiga H. Achei logo que seria um derivativo para amenizar esta prisão voluntária, ou melhor, liberdade controlada que desfruto atualmente.

Dispondo de uma hora de folga por dia para as minhas escapadas, teria, para 1962, um total de 365 horas, o que, encaradas de modo global, dar-me-iam um saldo até certo ponto lisongeiro, se eu soubesse ou se souber (de modo concreto) aproveitá-las.

Para isso, devia me tornar um produto Esso – só Esso dará à vida o máximo, em poucas horas, acrescento mais.

Foi com tal disposição de espírito que penetrei os umbrais deste 1962.

O começo não foi brilhante. Um prólogo rotineiro agravado com a ausência das empregadas, duas vagabundas que me deixaram na mão logo hoje!

Resultado: levantei-me às 5 horas da manhã, fiz café, capinei o jardim (as tradicionais 200 plantinhas da estatística), reguei as plantas, varri, cozinhei em parceria com Mana. Saiu um ótimo leitão assado que mereceu um ponche de vinho tinto, laranja e limão. Passamos bem.

À tarde fui à missa das 6 e meia, após a processão.

Logo ao sair da igreja, um tipo de roupa cinza, que eu vira já na véspera, acompanhou-me. Para tirar a prova de sua persistência, comecei a subrir e descer ruas, com aquela sombra cinzenta a seguir-me.

Resolvi encetar o conhecimento para acabar com aquelas caminhadas bobas.

Chamava-se Ângelo Rodrigues (um parente remoto, por certo), espanhol de Bilbao, o que me faz recordar um lindo Banco que vi em Madri, tendo filiais em várias cidades europeias que conheci nas minhas andanças de 1958. O tal Banco a que me referi tem duas enormes quadrigas de bronze encimando o edifício. Um ornato muito pesado, mas imponente e soberbo.

Bem, voltemos ao Ângelo. Ele aqui chegou com pretensões a professor de Espanhol e literatura hispânica, material de pouca atração nesta terra, onde só se fala em compra e venda de terras.

Traços biográficos – casado e desquitado na Espanha, a ser verdade, é atualmente um brasileiro solteiro. Foi livreiro, professor de literatura e língua espanhola em Belo Horizonte. As desventuras conjugais desnortearam-no de certo modo.

Não tendo aceitação o seu artigo de ensino nesta cidade, onde ele não encontrou nem o governador, nem o diretor da D. N. R., irá o meu angelical Ângelo amanhã, às 4 horas da manhã, para Porto Velho e daí para o Amazonas ou Pará. Boa viagem.

Ângelo me acompanhou até em casa, entrou, conversou, bebeu água e saiu, dizendo que se encantara comigo, dando-me um beijo na mão.

Por um triz eu não lhe disse: Deus te abançoe. Disse mais, que se me conhecesse ainda na véspera não iria mais daqui.

Com estas consoladoras palavras, vou dormir a primeira noite do ano.

Boa noite, obrigada.

Cantares de roda

Dunga Rodrigues

As praças naturais de Cuiabá antiga, com o seu mato agreste repisado pelo palmilhar do povo cortando distâncias, serviram de palco para a garotada formar enormes rodas, nas quais meninos e meninas brincavam de roda, de mãos dadas, girando à direita e para a esquerda, ou dividindo-se em dois cordões que, frente à frente, aproximavam-se e se afastavam cantando:

Bom dia
Vossa senhoria
Manda
Lero, lero, lira
Bom dia
Manda
Liro, liro lá.

Que deseja
Vossa Senhoria
Manda
Lero, lero liro
Que deseja
vossa senhoria
marmota
Liro, liro lá

Desejo
uma de suas filhas
Manda
Lero, lero, lira
Desejo
uma de suas filhas
Manda
Liro, liro lá

Que ofício
Dareis a ela
Manda liro, liro, liro.
Que ofício
Dareis a ela
Manda liro, liro, liro

O ofício de cozinheira
Manda liro, liro, liro (bis)
Este ofício não me agrada
Manda liro, liro, liro
Este ofício não me agrada
Manda liro, liro, lá (bis)

Que ofício lhe dará brilho
Manda liro, liro, liro (bis)
Que outro ofício lhe darão
Manda tiro, tiro, lá (bis)

Este ofício, sim, lhe agrada
Manda liro, liro, liro (bis)
Este ofício, sim, lhe agrada
Manda tiro, tiro, lá

Passa então a menina ou menino requisitado para outra fileira em frente e a roda continua, até que passem todos de um lado para o outro.

As cançonetas de Eustórgio Walderley, publicadas na revista *Tico-Tico*, faziam o regalo da criançada. Eram apresentadas nas escolas públicas em datas festivas ou em seções comemorativas, e em casa de família, onde se reuniam em comemorações festivas.

Em nossa casa, eu festejava a data natalina da Olga, minha irmã e afilhada, denominando o evento de “Festa do Tatu”, porque ela era baixinha. Parecia que não iria crescer, mas para surpresa tornou-se a mais alta da família.

Esta tertúlia litero-musical era muito comum no seio das famílias cuiabanas, tanto quanto as serestas em noites de luar. A brincadeira era ao som do piano ou de qualquer outro instrumento, sem protocolo.

As pessoas apareciam como sapos (os que sapeavam, isto é, olhavam do lado de fora da casa) e eram convidadas a entrar. Estas brincadeiras tomavam também o nome de arrasta-pé.

Este ligeiro apanhado do nosso movimento musical tem apenas o mérito de registrar o temperamento de nossa gente, que até aos velórios levava um pouco do seu humorismo. Daí aqueles chistes contados sobre os nossos velórios de antanho.

Certa comadre, chorando copiosamente à beira do caixão, a morte do seu esposo, a título de consolo, sua comadre disse-lhe carinhosamente: “Comadre, enxuga estas lágrimas e trata de arrumar outro marido, para substituir o finado compadre. Repara como Sinhozinho está de olho para vosmicê.

Ah! Este não, comadre (disse a outra enxugando as lágrimas), estou de olho no compadre Cródio.

Incluímos, pois, também o velório como ato de diversão e musicalidade. Na Rua da Fé (Comandante Costa), ao falecer a dona da casa, que residia numa enorme e bem plantada chácara, com suas duas filhas, os vizinhos foram chegando para o velório munidos de violão, cavaquinho para uma noite festiva.

— Alto lá, bradou uma das filhas. Isto aqui não é casa de mãe Joana, é casa de muito respeito. Tragam apenas os seus terços para rezar por alma da finada e encerrar a questão.

Os abacaxis da profissão

Dunga Rodrigues

Para não dizer que os meus 52 anos de magistério foram um perfeito mar de rosas, cito pequenos abacaxis que, a nem dizer, me trouxeram grande utilidade para os cursos que fazia no momento.

Explico: com toda a honra e felicidade, fiz dois cursos muito importantes com uma das maiores inteligências do país, o Professor Antônio Cesário de Figueiredo Neto. Geralmente, não costumamos valorizar a prata da casa, pois eu afirmo com muito orgulho que tive a honra de estudar por muito tempo, não com a prata, mas com o ouro da casa.

Paralelamente, nas férias do Rio de Janeiro, em visita às minhas irmãs, sempre as aproveitei tirando cursos avulsos de diversas matérias. Certa vez, praticava a linguagem corrente do francês, quando este me apresentou a um seu conterrâneo que visitava o Brasil e ministrava lições de psicologia. Aproveitando a deixa, incorporei-me ao evento que denominei Lições de Psicologia de Cordel.

Nas escolas que lecionei tive de dissabor seis alunos suicidas em potencial. Até casos de reincidência.

Escrevia-lhes cartas de encomenda que empolgavam o meu professor, que gentilmente as corrigia e opinava sobre o tema e as devolvia. Foi, então, divertido, porém cansativo. Lembro-me que num certo caso de ideia suicida, esta foi revertida para um sentimento de ostentação. Lembrei-me disto ao lembrar como desvalorizamos a vida. Ao invés de valorizarmos aquilo que ela nos oferece, corremos atrás das aparências, de exibições de grandeza e poder diante do nosso semelhante, que deveria ser tratado como um irmão.

Sempre tive pena de quem desperdiça a sua vida.

Último recado

Dunga Rodrigues

Não vou morrer. Vou mudar de linguagem. A RECADOLOGIA está muito sovada. Mas, antes, quero dar os parabéns à Empresas de Ônibus que serve esta cidade e que houve por bem colocar um aviso nestes veículos “FAVOR DEIXAR A SAÍDA LIVRE”.

Só para quem navega diariamente nesta condução sente o quanto este aviso é providencial. O ônibus vai-e-vem super apinhado. Há pisoteamento, cotoveladas e empurrões. Porém, chega-se viva e bem mais barato que o taxi.

No outro dia, voltei para casa com um galo na testa, resultado de um solavanco inesperado, que levou um pedinte interno a meter-me o cotovelo com violência. Muita coisa acontece em tais viaturas. Já desmascarei um sujeito que ia metendo a mão na minha bolsa. Também, uma sacola aberta de bocarra, com notinhas à vista...

Mas, não é só mau trato que os ônibus oferecem. Você chega a receber manifestações carinhosas de solidariedade humana. Uma senhora transferiu o seu ponto de descida para me mostrar a igreja de S. Gonçalo. Fiquei tão sensibilizada, que, para não decepcioná-la, deixei-me passar por gente de fora, estranha ao lugar.

De outra feita, esquecendo o dinheiro em casa, me fez a cobradora descer pela porta de trás, para não perder a viagem. Também, sobraçando um quilo de fígado mal embrulhado, numa das mãos, e um pacote de leite na outra, tomei um banho deste líquido e de sangue, porque os pacotes se romperam.

Não gosto de ver aquela população itinerante a ajudar-me.

Com o companheiro de banco, ora aprendo uma receita de cozinha ou algum chá milagroso para qualquer doença, ou o nome de um electricista, endereço de bordadeiras, enfim, é uma gente solícita, pronta a ensinar.

É uma comunidade ambulante, agindo num verdadeiro cooperativismo.

A verdade é que se nem tudo são flores, sabem compensar os dissabores.

Ficou apenas um senão: e aqui vai o meu recado dirigido a quem de direito: ao Mobral, ao chefe de trânsito, ou ao Comandante da Polícia Militar, ou ao Chefe de Polícia da Capital, sei lá.

Excetuando alguns analfabetos que, naturalmente, não conseguem ler a recomendação, ninguém mais se posta à saída dos carros. Continuam imperturbáveis, atravancando a porta os soldados que transitam gratuitamente de ônibus. Entram e saem pela saída.

E nós, passageiros, onibistas figadais, para não sermos despencados nas sarjetas, com perigo de queda, continuamos arrancando os botões das barrigas dos soldados, para abrir passagem.

Mas... soldado é autoridade...

O homem de casaca verde

Dunga Rodrigues

Todos os dias ele descia a barranca para medir o rio com a sua régua milimétrica: 60 cm. Um dia, outro dia, mais outro descia, 59. Sucessivamente, o rio ia secando em contagem regressiva. Culpa do homem de casaca verde.

As crianças gritavam: lá vai o homem de casaca verde. Como ele não ligava, porque mal escutava, eles desistiram. Entravam no arrombado, iam pegar fruta na chácara do Sr. Corrêa.

Não era casaca, era um tipo de gala dos bailes do palácio. Quando dançava com D. Minervina, sua esposa, apenso uma contradança para fazer feio aos brilhantes da mulher que queria exibi-los a todo custo: não gosto de dançar, repetia todas as vezes a mesma coisa.

Quantos anos se foram e a mulher morreu. O gado da fazenda ele perdeu e o fraque reverdeceu com o tempo, feito as laranjeiras reverdedoras e o bolor que a idade criou.

A vista encurtou, ele não viu mais a cor do tempo. Os amigos sumiram e ninguém para avisar. Para que?

A mesa farta, banquetes verdadeiros para os chefetes e chefões políticos. Leite, coalhada, queijo, boi para churrasco viraram

comida de marmitta que a comadre da cidade lhe fornecia, com preço alto, compadresco a parte.

A sociedade da companhia de extração de borracha faliu, A SEB não estava na moda, bem que ficava bonito. Com a SEB ou sem ela, só ficaram as jóias da Minervina. A Minervina já era, ela própria, uma jóia. Não lhe deu filhos, mas nem sentiu falta. Ela era tudo. Desde que se foi, a vida desmoronou.

O mato cresceu ao redor da casa. Até os pássaros emudeceram. Foram também a coragem, a motivação, a alegria, a disposição para continuar, mas a vida não se foi. Por que Deus não lhe mandou logo a morte?

Que susto, 40 cm em uma semana. O rio está secando!!! Não me estão ouvindo?

Tragam-lhe salva-vidas, solução de óleo canforado, massagens no coração.

Foi o Casaca Verde o culpado. Nunca desceu à beira do rio e se diz fiscal, fiscal ecológico. Mas, ninguém usava esta palavra que foi lançada no Brasil na década de 70, por Gilberto Freyre. Ecologia era o verde, verdejante verdura. Verdura é alface, abóbora, morango, maxixe e quiabo. Não se chamavam legumes, tudo verdura.

Os sarãs da beira d'água estavam cada vez mais ralos, substituídos pelas hortas de couve, repolho e plantação de fumo. Pareciam repolhos os repolhos que não eram repolhos, eram plantação de fumo. De longe, à passagem da lancha, tudo virava repolho, mas era fumo.

Lá vem os cigarros de palha do Casaca Verde. Ele próprio os fazia sem cutelo, sem caramujo. Não grosava, passava tudo no cachiri. Minervina é que tinha o ofício de prepara-los. Fumo picado miudinho no cutelo e grosado com caramujo da beira da lagoa. Até reluzia de tão lisa. Parecia cetim. Tinham cinteira com faixa ao redor de cada cigarro.

Minervina está agora revivida só na caixa de jóias, que ele abre de vez em quando.

Quer saber do retrato? Estragou-se na mudança. A caixa de fotografias caiu dentro d'água, tudo se estragou.

A gargantilha de ouro é a cara dela com vestido tafetá chamalotado de mangas bufantes. Fecho os olhos e a vejo, tal qual.

Jóias francesas e alemãs vindas através de firmas comerciais conceituadas. Aquele adereço, lembrança de aniversário. O anel de noivado, Romeu e Julieta.

Um diamante fulgente junto à pedra rosada, delicada e feminina, jamais deverão ser afastadas umas das outras. A pérola foi, ficou o brilhante ou ganga bruta? Ou pó simplesmente e iria acabar pó se chatar. E se virasse bronze ou ferro?

Nunca foi herói, Heroísmo é loucura. E como foi louco esbanjando os bens na política. Toda aquela sesmaria cheinha de gado e outras messes do Pantanal. A terra pegava uma faixa desta aguada e de bom pasto, e os marrotes do firme, para onde transladaram na cheia?

E a régua milimetrada dava sinais alarmantes da baixa do rio.

Que raiva do Casaca Verde nunca ter descido a rampa e ir ver o rio.

Não viu as plantações de fumo e os sarãs crepitando para acender os tacurus.

Passinho de dançar quadrilha no caminho da roça. Como é em francês? Não chegaria jamais até a beira d'água. Não saia do largo. Levava uma vida para ir à cidade todo fim do mês. Ponto final no Tesouro do Estado, cem mil réis, dinheiro para borropea não fazer nada. Coitado, precisava comer para viver. Viver para que?

Sem Dona Minervina, tudo está morto pela metade. A alma continuava bem viva, mas ele precisava das pernas e não da alma. Não se vive bem depois que se entrega a alma ao diabo? O diabo que o carregasse também.

Que judiação desejar mal aos outros. Amai-vos uns aos outros.

Saber viver

Dunga Rodrigues

Sempre me encafiei com as inutilidades aprendidas na escola. Não todas, porém, muita coisa não me servi dela até hoje, sobrecarregam o cérebro. Coisas sem ofício algum, sem serventia.

Cheguei a manifestar desejo de abandonar a escola à procura de outra fonte de sabedoria com mais praticidade.

Aprendizado para viver era o meu objetivo. Mas, minha avó vivia dizendo: a vida só se aprende vivendo. Observe muito, observe tudo: as pessoas, os fatos, os modos, a linguagem, seus pensamentos. Tudo isso é muito útil.

E eu cada vez mais incutida de um aprendizado que me facilitasse a viver, cheguei a pensar que houvesse em algum lugar do mundo a Academia do Vem Viver.

Sempre admirei as pessoas resolutas, donas do seu destino, que não perdem tempo deplorando males passados.

Melhor aprender a viver que decorar nomes geográficos e fórmulas de química, penso eu.

Acho linda a saudade, especialmente quando transformada em poema. Mas, daí, cultivá-la com morbidez há muita diferença.

Admirei D. Mariana Leuza Moreira, matriarca de numerosa família. Tinha a sentença certa para cada circunstância, mas não era uma ditadora. Tinha a frase certa para cada ocasião em que a interpelavam. E sabia esfriar qualquer comentário inoportuno, deixando o conceito no ar. Não se comprometia jamais.

Também D. Maria Vaz, com seu ar retraído e calmo, ia educando os filhos com mansidão, sem nunca os cercear.

D. Domingas de Castro que dizia: as coisas comigo acontecem tarde. Casei-me tarde e levei um tombo com idade avançada, imobilizando o braço direito. Ela que mantinha uma correspondência volumosa, pensa que saiu se lastimando para os amigos? Nada disso, comprou uma máquina de escrever e começou a praticá-la com a mão esquerda até conseguir sucesso.

Vendia bolo e o seu francisquito tinha 3 pontas retorcidas que conseguia com um pique de tesoura. Não conseguindo manejar

mais este instrumento, modificou o feitio dos biscoitos com um talho de faca segura pelo pulso e reduziu o francisquito a duas pontas.

Eram estas mulheres que eu invejava. Sem terem cursado o ginásio sabiam viver com absoluto domínio das mais difíceis situações.

Fui lembrando-me do aforismo de minha avó: viver se aprende na própria vida, que outro dia encontrei-me em situação crítica. Uma blusa nova escapou da cordeira e ficou no andar de baixo. Ameaçava chuva e eu rezava para que o vento não a jogasse para o primeiro andar, cujo apartamento passa mês inteiro fechado, porque os inquilinos vivem em fazenda.

No dia seguinte, a minha vizinha Nancy Maria Batista Teixeira, mãe do Cristiano, um bebê lindo e saudável, um gentleman, pois só chora quando lhe atrasam a mamadeira. A Nancy devolveu-me a blusa intata.

Quando lhe expus o meu temor de perder a blusa, calma, ela respondeu: não há motivo de preocupação. Toda roupinhas do Cristiano que vai parar no primeiro andar eu a recupero de imediato, pescando-a com uma vara e anzol, maneira útil e divertida.

É isso aí, saber viver é usar a inteligência em pequenos e providenciais expedientes.

A surpresa do Nilo

Dunga Rodrigues

A vida é cheia de coisas interessantes e o viver cuiabano, até meados do século XX, propiciava-nos usufruir de todos os acontecimentos da vizinhança.

As próprias crianças se incumbiam de alardear os acontecimentos, anunciando-os de casa em casa, como a “dinheirama do vovô”, que a netinha divulgou de casa em casa pondo a mão na boca e dizendo baixinho, como se fora proibido de se ouvir.

Foi assim que a surpresa do Nilo caiu nos ouvidos dos vizinhos e estes lá estavam reunidos em frente à casa da avó do aniversariante para gerenciar a surpresa.

E foram todos os moradores da quadra que, lá em frente, se perfilaram para participar do evento.

À hora aprazada, desce o nosso homenageado, displicentemente, com as mãos no bolso e assobiando uma canção conhecida.

Despreocupação forçada, mas bem dissimulada. Sempre trauteando no assobio conhecida canção, dirigiu-se ao terreiro da frente do casarão simulando não ter se surpreendido com o povão que o aguardava no ponto de ônibus.

Sempre trauteando o assobio, foi interrompido por uma avalanche que o aguardava atrás do portão com foguetório, aplausos, música e um orador que o interpelou com veementes palavras congratulatórias.

Cessando o orador, o nosso homenageado retrucou: *Que vejo! Venho naturalmente tomar bênção de minha avó e minha mãe no dia do meu aniversário, e sou recebido com música, discurso, foguetes vivas. Bom, vou improvisar um discurso.*

E do bolso da calça retirou uma papelada que ele elaborou para responder às homenagens de que foi alvo.

Este fato foi batizado com o nome de *A surpresa do Nilo*.

Bailes

Dunga Rodrigues

Pelo menos, não tenho noção de um primeiro baile. Não se usava o *Debut*.

Eu dancei desde criança, com todos os meninos do Porto em festas familiares de aniversário, ou simplesmente pura vontade de se reunir para dançar. Além disso, havia as retretas no jardim da cidade, onde se dançava em roda do chafariz.

O pitoresco de algumas festas era o retorno.

Um baile em casa de Augusto Fontes, no alto da Rua Cândido Mariano, nos fazia (a turma do Porto) tirar os sapatos na Praça da Matriz e vir com eles nas mãos até o Porto.

Não peguei as movimentadas festas do Gurgel, Augusto Gurgel do Amaral Júnior, lá no Bosque. A caminhada de saltos altos deveria exigir maiores sacrifícios.

Em troca, os São Joãos da Prainha e do Porto exigiam malabarismos para quem viesse do Lavapés ou do Baú.

O fôlego da gente festeira de Cuiabá espantava os paus rodados.



Dunga e outros casais
dançando no Clube Feminino.
Acervo Família Rodrigues

Datas Festivas

Apresentação

Fernando Tadeu de Miranda Borges

Qualquer derrota é sempre atroz.
Uma derrota amorosa o é mais ainda.
É dor doída; dor de pneumonia, aguda, pungente...
É dor de estrepe, ferrada de arraia...
Respeitemos os sentimentos alheios.

Dunga Rodrigues

Em datas festivas, Dunga Rodrigues, cronista do cotidiano cuiabano, observadora do movimento da cidade, animadora cultural, professora de Piano e Francês, pianista, filha de Nossa Senhora Imaculada Conceição, portenha da Rua Grande (Avenida XV de Novembro), escritora de pequenas-grandes situações, guardiã de um tesouro maravilhoso de miudezas, previu numa das passagens da crônica Ano Novo, Ano Bom: “Ano Bom com diplomas e um mundo de pouca visibilidade para o futuro. Tecnologia na caverna do dragão. Ano Bom só para os outros. Tanta luta, tanta reivindicação, tanto gesto inútil”.

Ao abordar os costumes e as tradições cuiabanas e várzea-grandenses nas “algazarras” e “folias”, Dunga Rodrigues, surpreendeu-se com a transformação de Várzea Grande, que passou de cidade acanhada, tímida, dormitório e com “poucas luzes” à Cidade Industrial, fazendo uma espécie de *mea culpa* pelas brincadeiras realizadas em relação ao município vizinho, que encontra-se ligado à capital mato-grossense pela tradição e bebendo da mesma água doce e gostosa do rio Cuiabá.

Na vida, segundo Dunga Rodrigues, nenhuma viuvez deveria ser guardada na dor, mas vivida na alegria das festas da cidade, com os foguetórios, a movimentação, as músicas, os bailes, para poder esquecer as tristezas e preocupações trazidas pelo “diabo do custo de vida” e o “diabo das amarguras.” Ensino que procede diante da importância da felicidade e do bem-estar so-

cial e mental da sociedade. Nos seus escritos, o destaque de que a alegria da cidade emana do povo ao sabor do doce de caju e do licor de pequi, tendo como anfitrião o mato-grossense com uma gentileza semelhante à dos Deuses, e por isso mesmo capaz de reunir diferentes povos e culturas.

Mesmo “sem lenço” e “sem documento”, por conta de um período de acentuados afazeres domésticos, Dunga Rodrigues encontrou brechas para continuar vivenciando o dia a dia da cidade, e saudou maravilhosamente o Vigário da Paróquia de São Gonçalo, Padre Mário Otorino Panziero, pela dedicação para com a Igreja e os paroquianos, no período de 1979 a 1984, numa justa homenagem aos que chegaram de outros lugares para somar com a construção de Cuiabá, tornando-se, todas essas pessoas, cuiabanas de coração.

Sobre o antigo Jardim Alencastro de Cuiabá, Dunga Rodrigues, por gostar de retretas e das voltas no jardim aos domingos, ocasião em podia rever colegas, com a transformação do Jardim em Praça, indignou-se a ponto de chamá-lo de “Finado Jardim Alencastro”, reclamou da falta das flores, notando a descaracterização da cidade, que tanto amou em vida.

O aniversário de Cuiabá, em 1969, causou-lhe estranheza, quando comparado com as comemorações do bicentenário da cidade, em 1919, mas sentiu-se confortada com a possibilidade de a cidade vir a receber um grande presente “régio de valor inestimável”, a Universidade Federal de Mato Grosso, e o tão sonhado asfaltamento da rodovia Cuiabá-Campo Grande.

A presença do espanhol Abelardo Blanco, com sua generosidade revelada por Edna de Albuquerque Affi, que dirigiu com maestria a antiga Escola Técnica Federal de Mato Grosso, e foi uma das grandes professoras de Francês da Universidade Federal de Mato Grosso, traz para os leitores as delícias do aroma saudade, perfume da vida.

Para concluir, Dunga Rodrigues, ao anunciar a chegada de um dos muitos anos novos, onde todos parecem estar mais alegres, com a tecnologia na “caverna do dragão”, considerou difícil o estabelecimento no futuro de alguma transformação tecnológica, social e econômica. E, neste ponto, a indagação: Que dragão Dunga Rodrigues estaria anunciado como ameaça ao desenvolvimento da tecnologia?

Várzea Grande

Dunga Rodrigues

Quem te viu, que te veja?

Era uma rua apenas. Casinhas acachapadas, que cerravam as portas cedo.

Também, quem se atrevia a ir até lá, pelas sete da noite?

Uma luzinha aqui, outra além.

Ir a pé, era chão que não se acabava mais. Só a cavalo ou de carroça. Com a vida dos automóveis, virou terra dos bailes enfezados.

Foi crescendo, crescendo a terra do Fiote, de Seu Mané e do Joaquim e da prof. Marianinha.

O primeiro, político até a medula, ao filho legou a índole, o prestígio, o eleitorado e toda aquela disposição de trabalho e iniciativa do Julinho.

Seu Mané vendia leite que batizava ao atravessar o Cuiabá,

Quando o inquiriam sobre o teor aguado da mercadoria, respondia: “Foi sem querer, eu caí dentro d’água”. Donde o apelido de Mané Cai n’Água.

Deus que me perdoe, não me lembro se foi no seu latão, que vi se debatendo minúsculo lambari, nas camadas de leite. Mas que vi, eu vi.

O terceiro me fez passar o maior vexame da vida.

Procurando a casa de Joaquim Coisa Ruim para comprar linguiça, ao me deparar com um rapagão simpático, abrandei a frase:

“É aqui onde mora Seu Joaquim Diabinho?”

— Pode dizer, Joaquim Coisa Ruim, que não me zango.

Disse, num sorriso largo, palavra, nunca vi Coisa Ruim com essa cara de anjo.

D Marianinha, professora abnegada, se afeiçoara à minha irmã Estela, levava-a a passar semana em sua casa. Após uns quatro dias entre pessoas adultas, apertava a saudade da algazarra e folia entre os irmãos.

Lá vinham arrostando a poeira, na carrocinha rangendo as rodas na areia, professora e amiguinha, empunhando a sombrinha para amenizar a canícula.

Hoje, Várzea Grande é cidade – Industrializada.

Eu, que para provocar a minha aluna Maria Lúcia, situava o lugar para exemplos pejorativos, só para vê-la levantar-se com as mãos na cintura e dizer com ousadia. “Que será, hoje?!”

Festa da fraternidade

Dunga Rodrigues

Foi uma verdadeira festa da fraternidade a que se realizou no sábado e domingo últimos e D. Darcy Barros estreitou, de maneira brilhante, o seu prestígio em nossa sociedade.

Além de congregar espontaneamente pessoas de todos os rincões do Brasil, que vieram aqui deitar suas raízes, o povo, indiscriminadamente, prestigiou o acontecimento, se divertiu, se esbaldou numa festa que, no dizer de D. Arminda Müller, de há muito não se realizava aqui.

Isto porque nos recordou a euforia da Cuiabá antiga: touradas, luminárias, chegadas à beira do rio, procissões de Ano Bom e do Divino.

Lembro-me certa vez, ao chegarmos de uma procissão de Fugida da Semana Santa, a que mais congregava gente de todos os pontos da cidade, meu pai, que ficara em casa, perguntava aos que passavam: que tal? A resposta era uma só: Povo!, Povo!, Povo! Um viúvo triste, que perdera recentemente a jovem esposa, acrescentou: por que não saem todos à rua para alegrar a cidade?!!

O espírito da festa das Bandeiras foi este: alegria, muita alegria no aperto, nos esbarrões, na mistura com o povo que é o manancial desta alegria. Todos se confraternizavam lembrando a Cuiabá em que todos se conheciam: o gaúcho e o seu churrasco, os baianos e a delícia dos acarajés, os amazonenses com sua tapioca, os mineiros com suas broas, Santa Catarina com os camarões da Lagoa da Conceição, Ceará com suas redes e rendas, cariocas e suas pipas, São Paulo e o embalo das discotecas.

No âmbito internacional, a Itália e os capeletes, o Japão artístico até na decoração belíssima dos seus quitutes, a Síria na gostosura dos seus petiscos árabes.

E nós de Mato Grosso em todas, com doce de caju, licor de pequi e a gentileza dos deuses.

Repetimos a opinião do viúvo triste: deveria ser sempre assim e o povo alegre e gentil, despreocupado e feliz.

Pro diabo o custo de vida! Pro diabo as amarguras!

Saudação ao Vigário da Paróquia de São Gonçalo

Dunga Rodrigues

Senhoras e Senhores

Reverendíssimo Vigário da paróquia de S. Gonçalo.

Foi com o maior prazer que aceitei esta incumbência de saudá-lo e, ao mesmo tempo, apresentar os nossos agradecimentos pela sua gestão nesta paróquia.

Particularmente, eu estava aguardando uma oportunidade, para reparar uma grande falta cometida por ocasião da minha posse na Academia.

Involuntariamente, deixei de convidá-lo, ou melhor, não lhe entreguei o convite já subscrito. Falta imperdoável, pois considero o pároco da igreja, uma autoridade máxima da comunidade, que deve participar de todo o movimento social e familiar dos paroquianos.

Ele é o pai, o conselheiro e amigo dos fiéis de sua igreja.

Mas uma crise doméstica me baratinou.

Mandei embora a empregada e fiquei sem lenço e sem documento, abrigoando hóspedes em casa.

Neste momento reconheci a perda da minha valentia diante da vassoura e do fogão. Muitas coisas foram esquecidas.

Voltando ao meu papel de porta-voz dos paroquianos nesta solenidade, procurei melhores informes sobre o nosso operoso vigário Pe. Márcio Otorino Panziera, que de natureza rebelde se recusou a falar sobre o seu trabalho e até sobre a sua nacionalidade.

Mas, vingo-me fazendo-o sentar-se agora no banco dos réus, e evocando a cena evangélica de condenação por Pôncio Pilatos vou dizer tudo o que ele não quer ouvir, depois, lavarei as mãos!

Ele não sabia que, de há muito, a professora Elzinha, minha amiga e vizinha, me punha ao corrente de todas as suas atividades e empreendimentos.

Há outra surpresa para o Pe. Mário: é que consegui a sua biografia completa, através dos “pensamentos soltos” da autora de Joaquim Nabuco, estadista do Império, homem culto e de fina educação. Quando embaixador dos Estados Unidos, criou lá o dia das graças instituído para última quinta-feira de novembro.

Estes pensamentos ele os escreveu em francês e os publicou em Paris, foram traduzidos por sua filha Carolina.

Vejamos, pois: o Pe. Marcos se negou a dizer até aonde nasceu. Disse Joaquim Nabuco: “Assim como é impossível amar verdadeiramente a Deus sem amar o próximo, também é impossível amar verdadeiramente seu pároco sem amar seus compatriotas”.

O Pe. Mario, exercendo as suas funções religiosas em vários países como pároco ou missionário e amando com igual sentimento os seus fieis, não pertence a um lugar somente. Sua pátria, seu país se dilata numa órbita universal, abrangendo todos os cristãos que orientam as igrejas que administra, as capelas que vêm erigindo.

Segundo pensamento de Joaquim Nabuco: “A religião não procura sustar a marcha da ciência, ela é apenas o anteparo que a protege, nos lances perigosos do caminho.”

O Pe. Mário marcou a sua passagem neste lustro de 1979 a 1984 com os benefícios da ciência e do progresso. Reformou e pintou a igreja de S. Gonçalo. Ergueu a capela de Nossa Senhora de Fátima na travessa do Limoeiro. Fundou a Capela de Nossa Senhora do Bom Conselho, no Jardim Cuiabá. Construiu a capela de Domingos Sávio, na Várzea Ana Poupino. Erigiu a de S. Vicente de Paula, no bairro Verdão, e finalmente a de S. Pedro, no bairro D. Aquino.

Diz Joaquim Nabuco: “Eu imagino a alma humana como um raio de ideal desligado da substância divina enquanto guardar a lembrança da sua origem a tendência natural será tornar a seu princípio e confundir-se com ele. A forma de escravidão a que está sujeito o homem religioso é o cativo do raio que não quer deixar de ser luz”.

O nosso vigário está fielmente retratado nestas linhas, pois recebendo tantos dotes do Altíssimo é ao mesmo tempo um homem espiritual e de ação.

Sabedor de várias ciências, é diplomado em engenharia civil, mecânica, elétrica, psicólogo, conhecedor da filosofia Tomista e dos dogmas católicos, conhecedor da pintura e do trabalho de pedreiro, ele próprio participou da ampliação da escola Paroquia de S. Gonçalo, erguendo andares na sacristia para aumentar as salas de aula que agora são em número de 14, funcionando em dois turnos.

Estas classes são dotadas de quatro ventiladores em cada uma, e um bebedouro elétrico para cada sala. São todas bem iluminadas e arejadas, com as paredes forradas de azulejos azuis claros.

Forneceu uniforme aos professores desenvolvendo, assim, o espírito de economia e de igualdade.

Ergueu outro salão, onde funciona a escola e onde se realizam os acontecimentos sociais da paróquia.

Pensamento de Joaquim Nabuco: “O poeta, deve preferir o passado, o sacerdote o presente, o cientista o futuro.”

O padre Mário, como sacerdote, preferiu o presente, aumentou o número de alunos que hoje são 1.375. Pois ele sabe que neste colégio eles cultivam a passado e, como na antiga escola Grega, a vida e o caráter do mestre é a melhor fonte de ensino, porque é o exemplo mais vivo e mais eficiente.

E deste modo estará preparando bons cidadãos para o futuro, não só da pátria, como do lar e deles próprios, conseqüentemente.

Atenção para este aforisma do mesmo autor: “Recebei os outros com o mesmo espírito que ides a outros.”

Carapuça sob medida para o nosso vigário. Ele recebe, com a mesma lhanza de trato, os seus filhos espirituais, sem distinção de nível social. Para ele todos são filhos de Deus. Cultiva a bondade e a caridade a ponto de tirar o próprio agasalho para dá-lo ao próximo.

Assim é o padre Mário, que ao talento devemos acrescentar o dinamismo e a boa vontade. Isto se verifica observando a sua própria pessoa física, no andar firme e nas atitudes decisivas. E sabem por que ou de onde provêm tanta energia?

E ainda Joaquim Nabuco quem nô-lo diz: “A Cruz pode ser pesada de carregar, mas só ela equilibra o nosso andar.”

Terminando, usamos ou decalcamos mesmo conceito formulado por J. Nabuco a respeito de um dos seus mestres, o Barão de Herman Von Tarupheus, que também era um católico praticante.

Estas palavras bem definem Pe. Mário, “sua calma de filósofo, sua educação de sábio, seu inteiro esquecimento de si, sua resistência à fadiga, sua impermeabilidade ao tédio, sua modéstia absoluta, sua alegria de viver provam duas coisas: 1 – um grande espírito pode mover-se à vontade numa religião murada de todos os lados como são todas as religiões, 2 – os escritores não formam o escol intelectual da humanidade, pois o Pe. Mário com toda a sua ciência e pujança de pensamento e de ação, ainda não escreveu um livro.”

Pe. Mário Otorino Panziero, que esta despedida não seja definitiva. Leve todo o nosso reconhecimento, mas volte a esta paróquia.

Cuiabá Antiga. É meio ressabiada que uso esta expressão de certo modo também me situo como antiguidade, coisa de antanho, como um título de crônicas do Dr. José de Mesquita. Mas, agora já o escrevi, o remédio é ir em frente e lembrar aquele apoio mal-doso com o qual o cuiabano de antanho estigmatizava advenas indesejáveis: Pau rodado.

E os becos dos conterrâneos se eriçavam numa forra violenta, por vezes. O finado Jardim Alencastro, que perdeu o seu lindo chafariz da Europa, o coreto belga com a ressonante caixa acústica, os pequenos quiosques em caramanchões de jasmim e pingo de amor o gasômetro de azulejos alemão, os cômodos bancos de madeira de pés de ferro, onde o Sr. Miguel Mansur, seu Greca Pina, tinham lugar cativo das 6 às 10 enquanto durava a retreta, se transformou de vez virou um troço comum, onde há de tudo, jornais, engraxates, orelhões, quitanda, de tudo, menos flôres.

Ficaram apenas as recordações do Chafariz, sobretudo. A prova dos brios do cuiabano que não levava desaforo para casa. Lavava sua honra nas águas do Chafariz, jogando nas águas o desaforado que ousasse aventar motejos e caçadas do nosso *modus vivendi*, do nosso falar, do nosso modo de ser, até da nossa hospitalidade, que o bestunto do forasteiro de parca compreensão chegava a confundir como sintoma de medo ou covardia. Mas, o verdadeiro covarde anoitecia e não amanhecia na terra após o banho no chafariz, de certo, temeroso que depois do batisado viesse a crisma.

Cuiabá de Hoje.

Pelo menos uma vez por semana eu dou uma voltinha pela rua para reaprender a história de Cuiabá. Num desses circuitos

culturais, fui apresentada a uma senhora que ao saber que eu era nascida e talvez malcriada aqui, foi dizendo na maior exclamação: “Não, não é possível! Não é verdade, Você não tem nariz chato, não tem lábios grossos, não tem os cabelos duros!... E eu que não conhecia a etnia cuiabana?!...”

Depois me disse alguém natural de um subúrbio da Paulicéia, ora frequentando a Universidade, Cuiabá era um reduto de espanhóis, espanhóis bravos e brigões, barulhentos, fanfarrões e as vezes crueis.

Eu só achei aqui, como vestígio dessa raça, o Sr. Abelardo Blanco, que pelo visto não tinha resquício de truculência ou anarquismo. Fazia os pãezinhos sossegado em casa, mas filhos numerosos e sadios, faziam barulho, cantavam brigavam, falavam alto e descontraídos. Não davam mostra de ter em casa um pai bravo. Posso provar pelo seguinte: Havia na minha casa uma menininha linda e tagarela. Todas as vezes que ela aparecia, havia sempre biscoitinhos gostosos que a minha avó fazia e armazenava já que, não havia supermercado para comprar guloseimas, num deserto que oferece às visitas!

Naquele dia, o toque de bolinhos caseiros havia esgotado e nada havia na casa para satisfazer uma criança. Nem doce, nem capilés. A menina na idade de seus três para quatro anos, vendo que nada lhe ofereciam, pediu um copo d’água. Bebeu um gole e devolveu o copo. Após cinco minutos o mesmo pedido, um gole ingerido e o copo devolvido. Este gesto se repetiu por mais vezes e finalmente a garota resolveu dar uma direta. “Olha, disse ela, eu tenho um amigo, o seu Abelardo Amalelo (esqueceu-se da cor), todas as vezes que vou a casa dele ele me dá bolachinha!”

A moralidade é a seguinte: se o Sr. Abelardo Blanco fosse descendente desta turba salerada que a historiadora diz ter habitado Cuiabá, teria a amizade desta encantadora meninazinha, que é hoje dona Edna Albuquerque Affi?

Esta lição não pude ingeri-la!

Aniversário de Cuiabá, 1969

Dunga Rodrigues

Vamos deixar de lado pessoas e acontecimentos para fazermos as sociais da cidade.

É justo que se dê um balanço neste ano festivo de Cuiabá.

Foguetório da meia-noite de 31 de 1968, fê-lo dar pressurose, relembrando as comemorações da província, rojões e tiros de canhão.

O gostinho pelos ruídos continua. Somos loucos por foguetório: as girândolas continuam a encerrar as procissões.

O Carnaval não foi de aniversário porque todos os carnavais aqui mandam brasa. Não escolhem data, são todos animadíssimos. A juventude que o diga.

A parada do 8 de abril representou um esforço coletivo para que tudo brilhasse e saísse às mil maravilhas. E Cuiabá garrida soprou bolão de vela com o parabéns e o Hino Nacional.

Bastante emocionante. Autoridades prestigiaram, e o povo andando de lá para cá.

Pena que a festa do Espírito Santo, tão nosso, tão característico, não reproduzisse as pompas de outros anos. Não havia touradas e a moderna geração não pode apreciar como era emocionante incentivar aos gritos os capinhas à sanha dos touros. Fazer o curro para namorar e jantar no botequim.

São Benedito, a revide, veio estourando. Foi bem uma festa cuiabana, de comes e bebes a fatar.

A mais alegre, porém, das comemorações foi a Festa da Cerveja. Procuramos uma ligação com o espírito cuiabano, deste fato do espírito puramente germânico e só achamos o parentesco com a tendência de "matar o bicho" matando o calor. Foi linda como a freuleim Laurita.

Em comemorações culturais, tudo muito apagadinho. Diferente do bicentenário com a série de conferências literárias de alto valor, e a criação da Academia e do Instituto Histórico.

Mas, houve um presente régio de valor inestimável, a Universidade Federal. Aí está para que se ilustrem a mente, sem deformar os corações.

Levas promissoras têm chegado à terrinha para implantar colônias e benfeitorias. Levas de homens cultos daqui saíram para melhorar o país e devolver-lhe a tranquilidade e paz. Também colecionar velharias, como um entrave do nosso futuro.

Fazer troca é o que nos prometem.

E, bem pensando, entregaremos de coração todas estas velharias por aquilo que aspiramos e temos direito: o asfaltamento da rodovia Cuiabá-Campo Grande. E a universidade que bem merecemos.

Salve 8 de Abril

Dunga Rodrigues

Eu conhecia o Porto de cabo a rabo.

Mesmo estudando no grupo da cidade, as minhas amizades, no bairro, eram inúmeras.

Algumas não chegavam a ser amizade. Resumiam-se num entra e sai nas casas, mor das vezes por conveniência.

Eu sabia quando o pé de pitombas, no Alice, amadurecia e lá estava de folia no quintal da casa, que ficava na entrada do Arsenal de Guerra.

A pitangueira da Gija avermelhava em setembro. Nesse mês eu não saía de lá sob qualquer pretexto, ou sem motivo, eu varava a casa. Por muito favor, dava um bom dia sem destinação e ia direto derriçar as pitangas. Mangas e cajus eu tinha em casa num fartão, não fazia cair.

Mas maracujá, bem amarelo e docinho, só na casa de dona Zinha. Dona, coisa nenhuma. Mulher de vida fácil, como diziam então. Só porque tinha um filho do médico que tratou ou levou á sepultura seu finado marido.

Viúva ela o era, mas vai daí, o doutor continuou a cuidar dos seus achaques, com tanto carinho, que lhe pôs um filho na barriga. Foi o bastante, para a vizinhança toda lhe torcer o nariz.

Eu fora proibida, pelo abalizado conselho das tias, de por os pés na sua casa. Pela porta da rua, eu não entrava. Mas dava uma volta comprida pelo Beco do Sovaco para despistar o acesso à casa

pelo arrombado dos fundos. Não era bem um arrombado. Um carcomido no muro deixava espalhar pela rua de trás um galho frondoso de goiabeira. Parecia uma escadinha. Era só colocar os pés, um por um e dar impulso, que você já estava lá perto do quarto de tralhas, que ficavas no oitão da casa. Dentro, encontrava-se Dona Zinha, bem vestida, bem penteada, um crochezinho movimentando os dedos e aquele perfume discreto de violetas, tão em voga na época, mas suave e gostoso. Que não tinha cara de puta, com o perdão da expressão, não tinha mesmo.

Tão madame, no seu ar de recato, não deixava nem cinzeiros espalhados, com pontas de cigarro do doutor, para marcar sua presença. Tudo limpinho, sem nenhum sintoma de homem.

Ahm! Até ia me esquecendo da Judith.

O nosso conhecimento surgiu por causa dos pés de ateira que se enfileiravam no jardimzinho central da casa.

A sua mãe os regava sempre com uma mistura de cal, água e outra coisa qualquer, da qual mantinha segredo. Sei lá! As atas da Judith eram mais saborosas que de qualquer outra parte. Até hoje me dá águas na boca a sua lembrança. Para não perder as pinhas eu estava lá constantemente. E a nossa amizade, com base na fruta, frutificou pela vida afora.

Judith me fazia confidências sobre as suas aspirações, sonhos e acontecimentos de família. Foi assim, que um dia que a encontrei com um brilho especial nos olhos.

De longe foi dizendo: “Tenho uma novidade. Arranjei um namorado!”

Tempos *buenos* aqueles. Para se descobrir algum, tinha-se que revirar monturo, como dizia a própria.

A rapaziada ia estudar fora e só voltava de noivado firmado ou já de casamento consumado. Ficava um rebotalho, que se dava uns ares de importância descabida.

— Ainda não é bem um namorado, estou preparando a sua figura, aperfeiçoando-lhe a aparência. É filho de seu Petroff, aquele da família que chegou do calcanhar do Judas. E com o tempo virou Pedrão. O filho Petroff abrazeleirou em Petroffinho ou Pedrinho.

— Está ainda muito chucro, continuou ela. É pior que os nossos caipiras; quando fala, não encara a gente.

No pescoço, tem duas listrinhas pretas, que desconfio ser sujeira.

Dei-lhe de presente um sabonete de rosas, desse que era próprio para o rosto e tutiço. Quanto mais se esfrega mais cheira. “Ganhei-os na quermesse e me lembrei de você, disse para disfarçar”.

Eu cá comigo, com essa profilaxia toda, é capaz de ele se escafeder de entrada.

Mas, nada. No outro dia ela lhe deu uma escova de dentes. Diga-se de passagem; estes ele os tinha verdes e limosos.

A pasta vinha junto a um pente. E foi a segunda lição da limpeza pessoal.

— Sabe, disse ela um dia, que ele já se habituou comer com talher?

A primeira vez que se sentou à mesa, em minha casa, ele espetava a colher na carne, que parecia ter de enverga-la.

— Ótimos progressos você tem conseguido, mas as roupas do Petrofinho parecem de sentenciado. Um pano grosso listrado. Aliás, a vida dos Petroffes era um amontoado de objetos e pessoas, na maior promiscuidade.

Seu Petroff, pai, fazia um pouco de tudo. Soldava painéis, consertava fechaduras, torneiras e colocava meia-sola nos sapatos.

A oficina era um misto de sala de jantar e cozinha; no galpão onde se alojaram, pelos rumos da Costa Campos.

Quem ia demandar um serviço, podia bispar o que a mulher cozinhava num caldeirão de grãos amarelos; misturados com feijão. Só que era uma comida diferente do nosso trivial, constituído de arroz, feijão, carne frita e ensopada. Como legumes: banana, mandioca, abóbora, e também a infalível farofa cuiabana. Tudo feito em separado.

Eu catava os sapatos velhos da casa, para meia-sola, a fim de descobrir o que continha aquele caldeirão. Seria milho ou tremoço que eu conheci no Rio. Era só espichar o pescoço para divulgar a mistura de carocinhos amarelos, que a filharada devorava avidamente, quando chegava da rua, cumprindo a tarefa das vendas de peneiras.

Pois, não é que seu Petroff aprendera aqui, de cara, a fazer esteira de periperi e peneira de bambu, concorrendo com os pre-

dos da Cadeia Pública, que tiveram assim o seu comércio único invadido e usurpado?

Houve protestos, os presos fizeram representação, mas o seu Petroff só largou o afazer quando conseguiu comprar, ou melhor, instalar uma olaria.

Neste meio tempo Petroffinho foi afinando de porte e de maneiras, graças à Judith, que lhe fez, pelas mãos do irmão, um corte de cabelo apresentável, unhas aparadas e limpas, os pés dentro de neolins branquinhos, camisa passada a ferro, assim já tomando um aspecto de boa serventia.

Ele não era propriamente um herege, mas já a esperava na porta da igreja aos domingos. E todos podiam apreciar o crescente progresso, pelas mãos da Judith, em quem saiu do nada, por assim dizer.

Tudo conseguido na maciota, o Petroffinho, de tribufu esmolambado, foi tomando cara de gente. De moço ajambrado, vira um quase pelinha.

Até o falar engrulento e estropiado, na mistura de português com estranha pronunciado aos tropicões com ataque de gagueira, foi-se aplainando, alisando como se uma compressora desse o sumiço nos empecilhos da sua língua.

Cangote limpo, colarinho alvejado, quem diria, seu Pedrinho?! Quem te viu, te veja agora.

Judith se embonecava aos domingos para dar voltas no jardim da cidade, ao lado de Pedrinho, que atraía olhares de través, de curiosidade, ou cobiça.

Judith, nos trinquês, boleava a bolsa, nervosamente. Sabia que, por dentro, as outras moças se perguntavam

— Arranjou hein?! E eu que perdi essa boca! Por cima é loiro e de olhos azuis! Caiu do céu por descuido, juro.

Só eu, sua amiga íntima, com raízes num pé de ateira, conhecia a mão de obra que a pobre tivera para lustrar, por assim dizer, essa ganga bruta que lhe caíra às mãos.

Namoro firme, seis meses de peleja para conseguir a obra-prima de uma transformação radical, deu para afetar a cabeça de Judith, que se orgulhava querendo exhibir a sua criação.

Escreveu para Auriceli, em Corumbá, sua amiga de Grupo Escolar, convidando-a para uma visita à Cuiabá.

Uma boa época de passeios extemporâneos. A Semana Santa se prolongava com o feriado de 8 de Abril, deixando ainda uma segunda-feira enforcada. Dia assim, nunca se trabalhava. Todos emendavam o descanso; facultado por conta própria.

A amiga, mais que depressa, aceitou o convite ao pé da letra; vindo passar os dias mais expressivos da Quaresma, espichados até o aniversário da cidade, 8 de abril.

Beijocas e abraços de chegada. Uma redinha bem cuiabana, com nhéque... nhéque no armador. Bolo de arroz, bolo de queijo, pacu frito, doce de caju, licor de pequi, numa matança de saudades sem fim.

Os passeios eram poucos. Os carros, na maioria particulares. Recorreram a carroça para ir a uma chácara mais próxima. O resto era a pé mesmo que se ia, alta madrugada lá pelas praias do rio acima.

Não sei como o Pedrinho pudera driblar seu Petroff e coadjuvar nas homenagens da Judith à simpática hóspede, tendendo para a bonitinha, falando leve e fluente, diferindo da Judith, que se expressava pesado, muitos tchá... tchá... tchá. Também era o único senão que eu descobria nesta santa criatura. Ela se derretia, em agrados, para com todos.

Claro, houve grandes exceções e concessões: voltas no Jardim Alencastro permitidas só aos domingos e muito raramente às quintas, se tornaram diárias em louvor da estimada visitante, cumulada de mimos, tanto por parte da amiga, como do namorado desta que se revelou, para surpresa de todos, num agradável cavalheiro, chegando até a contar anedotas, meio estropiadas, na verdade, pelo seu linguajar claudicante. Porém, via-se nitidamente um esforço para divertir a amiga corumbaense da sua namorada.

Assim passaram-se os atos religiosos da procissão Fugida, de Encontro, culminando com o belíssimo sermão de D. Aquino Corrêa, cheio de figuras da pura linguística e de imagens poéticas. Como ele só sabia unir o simples requintado e o belo expressivo.

O Lavapés, a Via Sacra da Paixão e Morte, A procissão de Enterro, a alegria do sábado de Aleluia, com malhação de Judas, o baile no Clube Feminino.

O Domingo de Ressureição é de Piquenique no Bandeira, almoço de piraputanga com pirão de farinha de mandioca.

A segunda-feira enforcada foi para curtir ressaca. O baile de sábado, que viu a barra do dia surgir e passeio de dia inteiro, deu para quebrar os costados. Mesmo assim, puderam ir ao aniversário da vizinha que, por falta de uma vitrola, deu para dar um jogo de prendas.

Interessante: ninguém prestou maior atenção às solitudes do Pedrinho. Cada vez que gritava: “Minha direita está vazia” e perguntavam: “Quem senta?” Ele chamava Auriceli. Excesso de gentileza, seu Pedrinho.

Dia 8 de Abril, aniversário da cidade. Alvorada no Quartel da Polícia. Desfile dos batalhões da Polícia e 16 B.C. em frente do palanque erguido na Praça da Matriz. Seguiam-se as escolas públicas e particulares. Alunos em uniformes de gala, devidamente engomados. Mas, uniforme de gala só tinha o Colégio dos Padres, que trocavam o diário por uma farda branca muito bonita e alinhada.

Esta data assinalou também o almoço interessante de despedida da interessante corumbaense, macarronada, leitão com farofa de manteiga, tutu de feijão, arroz de forno, os pratos de resistência de um banquete caseiro. À noite, a infalível volta no jardim, para ouvir a banda de 16 B.C. diante da qual o mestre Portela empunhava a batuta com entusiasmo a marcar as peças de um programa escolhido a dedo, patriótico e bem comemorativo.

Curioso, nessa noite Pedrinho ficou de se encontrar com a turma lá na cidade. Tinha uns afazeres, iria depois. Dito e feito. Lá pelas oito horas, empertigado, num traje caprichado, super-penteado, um artista de cinema, aparece no portão em frente da Câmara Municipal! O coração de Judith disse um oh! Por dentro, que a fez estremecer.

— Que pedaço de mau caminho! refletiu.

A boca de Judith chegou aos ouvidos, abrindo-se em um sorriso. Sorriso que se fechou logo, num ritmo amargo ao perceber as passadas do Pedrinho se aproximando tomando o lado da Auriceli.

Desnecessário dizer que as pernas da Judith tremeram. Abalo que dominou o corpo inteiro, como se ela toda fosse cair. Um nó na garganta embargava-lhe a fala. Se abrisse a boca e dissesse

alguma coisa, se arreventaria em lágrimas. Aquela enjoeira e dor na boca no estômago, precedida de um calafrio, que o amor mal correspondido provoca. Cobrou todas as forças para manter um sorriso amarelo até o final da retreta.

Pretextou um calo doído para se sentar, feito autômata, vendo o povo rodar, rodando cada vez mais forte; com a sua cabeça a girar em tanta velocidade, que as pessoas nem tinham mais formas humanas. Eram figuras esvoaçantes, numa rapidez incrível que passavam diante de seus olhos e no meio delas aparecia o novo par – Auriceli e Pedrinho, já de mãos dadas, num avanço de atitude usado em Corumbá, porém muito adiantada para os nossos costumes.

A terrível dor de cotovelo durou até o dia seguinte; o da partida da visitante. Muito alegre, alvoroçada, sem se dar conta do papelão, ou melhor, da angústia causada à amiga, retornou a visitante curtindo a paisagem bucólica do pantanal, se defendendo dos mosquitos que invadiam o vaporzinho.

Qualquer derrota é sempre atroz. Uma derrota amorosa o é mais ainda. É dor doída; dor de pneumonia, aguda, pungente... É dor de estrepe, ferrada de arraia...

Respeitemos os sentimentos alheios.

Ao desenrolar do tempo, Pedrinho acabou arranjando emprego subalterno, na mesa de Rendas, na dita Cidade Branca. E para lá se mudou. O casamento se realizou com a devida pompa e a presença do casal Petroff escanhoado e limpo.

Judith curtia ainda as mágoas, quando recebeu o convite. Falta de educação, até. Fato consumado, irremediável, o jeito era partir para outra. Felizmente, as indagações se arrefeceram diante da situação, em respeito à perdedora que conquistara estima verdadeira das pessoas que a conheciam. Algum tempo passou, tempão.

Outro pretendente surgiu, desta vez, espontaneamente, aspirando a mão de Judith.

Dito o sim, houve o noivado e casório, sem entusiasmo, mais por conveniência, só para não ficar titia.

Também o sargento Ozório não tinha constrangimento de derramar banhas por todos os lados. De farda, ressaltava meio aquela obesidade toda. Enfim, era um marido.

Sei lá. O desgaste do dia a dia, a falta de estímulo para manter a chama do amor, se é que este havia, a chegada dos filhos, cada barrigada acompanhada de enjôos, tornando-a cada vez mais relaxada, levou aquele casamento, não a um fracasso total, mas uma situação de condescendência indiferente.

Com a reforma, sumiu o último resquício de uma boa aparência a ser apresentada por Ozório. Bebia, não brigava, mas roncava como um porco, indiferente a tudo. Mal entrouxado, mas nem tirava os restos de comida dos cantos da boca, após as refeições. Era apenas uma triste figura de pai.

Judith também entregou os pontos. Os cabelos escorruptichados amarrados atrás da orelha. Quanto à roupa, saia de um, blusa de outra. Ainda bem que cuidava da educação dos filhos. Ajudava-os nas tarefas e só ela se preocupava em que eles fossem alguém na vida.

Foi naquele 08 de abril que seu filho mais novo, muito estudioso e aplicado, abrindo o caderno disse: - “Mãe, veja, fiz sozinho a composição que a professora mandou eu fazer e ler: Salve, salve 08 de Abril!

— Cala boca, menino desgramado, por causa desta data que és filho disso aí, um pai que não mereces.

Acompanhou o desabafo com um olhar, onde se misturava a raiva, o desespero e desilusão dirigido ao Ozório, que roncava na cadeira preguiçosa.

Ano Novo, Ano Bom

Dunga Rodrigues

Ano novo da inconsciência e da germinação.

Ano bom, vestido de anjinho, resplendor de pingo d’água, coração confrangido com medo das gôndolas finais da procissão. Alentado nos olhos gulosos a esperar da bandeja multicor dos cartuchos de papel de seda franjado, cheios de balas carameladas, porque o alfenim foi o japonês que trouxe depois.

Ano novo da primeira vaidade feminina.

Vestido de organdi bordado, sapatos de verniz apertados. Os pés crescendo dia a dia, que suplício para os calos e que gostosura: os outros até acharam bonito, porque os garotos continuavam a preferir o ano bom da pelada, na área fronteira, pés no chão e camisa atirada fora. Que suplício ao chegar tarde com puxões de orelha, que gostosura de liberdade infantil.

Ano novo de aperturas, de doença, morte, luto.

Ano bom. Bom, nada, de problemas com a guerra devastando longe, e as consequências explodindo tão próximas.

Ano novo sem novidades. Repetições desinteressadas, ausências, saudades, lembranças. Igualzinho como todos os dias.

Ano novo de realidades, matando S. Jorge e o dragão na lua, trocando-os por seres exóticos. A aranha metálica e dois entes espaciais. E desta lonjura, nós outros vendo tudinho, tão nítido e tão perto. Foi-se utopia, fincaram a bandeira da vitória.

Ano novo do peru recheado com farofa de azeitona, ou pelo menos galinha de molho pardo. Porque o presunto só foi aparecendo quando ficamos snobes, perdendo a consciência verde amarela e ganhando paladar estrangeiro. E foi-nos engolfando em *scotch*, *coca*, *moet* e *chandon* para brindar o Ano Bom, no Clube, na boate.

Ano Novo, Ano Atávico correndo descalços na praia, atirando flores a Iemanjá.

Ano Bom com diplomas e um mundo de pouca visibilidade para o futuro. Tecnologia na caverna do dragão.

Ano Bom só para os outros, Tanta luta, tanta reivindicação tanto gesto inútil.

Um ano a mais que chega sempre abrasa os corações que palpitam por algo diferente, algo melhor. E o adulto que espera cair-lhe aos braços o presente que na infância Papai Noel lhe negou.



Capa da obra *Roteiro de Lendas* (1984), de Dunga Rodrigues

Universo Mítico

Apresentação

Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa

O debruçar estudioso de Dunga Rodrigues alcançou também os campos do folclore, do mítico, das tradições como manifestações ricas e vivas do condensado cultural mato-grossense. Certamente, como Câmara Cascudo (1971), reconhecia essas áreas do conhecimento como “ciência do povo”.

Nas paisagens da terra em que nasceu Dunga Rodrigues vivem gentes, animais, coisas e vegetais encantados: Saci, bruxa, figueira encantada, Minhocão da boca do Pari, Neguinho d’água, Lobisomem, Pai do mato, Pé de garrafa, carroça mal assombrada e tantos outros. Tem até ribeirão que chora por ter sido testemunha das crueldades dos tempos da escravidão. Suas águas se tornaram barrentas de tanto lavarem feridas dos escravos açoitados. Ainda hoje, vultos negros maltrapilhos andam na redondeza (RODRIGUES, 1984).

No universo mítico de Dunga Rodrigues, a linha tênue da fronteira entre factual e ficcional, delinea fragmentos de vida de seus personagens, histórias, paisagens, elementos culturais mato-grossenses. Pelo conjunto de sua obra, sob orientadas lentes da percepção mítica, torna-se possível vislumbrar aspectos identitários, memória coletiva, costumes, a constituir modos de viver das gentes da cidade de Cuiabá, do Mato Grosso, do Brasil.

Assim, um “equipamento intelectual e afetivo”, termo cunhado por Antônio Cândido (2011, p. 177), acha-se presente na escrita de Dunga Rodrigues ao abordar seu “*Roteiro de lendas*”, nome de um de seus livros que discorre sobre diversas manifestações do conto fabuloso. O caminhar sobre ou entre as linhas da escrita de “*Causos e lendas da nossa terra*” e “*Piraputangas*”, escritas em cadernos de brochura, conduz o leitor a viagens que delineiam aventuras vividas por personagens fictícios que transitam em espaços versados por caminheiros atemporais.

Em “*Causos e lendas da nossa terra*”, os personagens se achegam, pouco a pouco. Adultos e crianças, não indígenas e indígenas, figuraram a trama que entremeia espaços do campo e da cidade. Contudo, são duas crianças indígenas das etnias Boe-Bororo e Guató que tomam, do início ao fim, cada uma das unidades das ações da peça. O “Guatozinho”, de pouca fala, ressabiado, esperto, e o “Bororinho”, catequisado por salesianos, conhecedor das letras dos brasileiros e praticante da linguagem dos assobios empregada por sua etnia.

O universo mítico contido em “*Causos e lendas da nossa terra*” enlaça os personagens da narrativa em um entrecruzamento de saberes. Mas, é o saber venatório, a sagacidade, a destreza de lidar com a natureza que causam espanto tanto entre os personagens não indígenas como no leitor. Os meninos Bororo e Guató se destacam por serem conhecedores de práticas resultantes de transmissão oral ou de hábitos inveterados, arraigados em um conjunto de testemunhos, exposto na narrativa.

Barão de Melgaço, Passagem da Conceição, Beco da Polícia, Usina Maravilha, localizada na margem direita do rio Cuiabá, fabricante de açúcar, álcool e aguardente, e o quintal da casa das crianças, à beira do rio, compõem os cenários que enaltecem o saber regional, componente central no conjunto da obra de Dunga Rodrigues. Depois das tantas peripécias das crianças Bororo e Guató, a autora, possivelmente uma das personagens, “tia Dunga”, desvela o potencial do conto na regulação social e a importância de se conhecer os saberes desta terra, ao afirmar que “nós queremos é descobrir aquilo que ignoramos, por nunca termos visto”.

Em “*Piraputangas*”, Dunga Rodrigues esculpe, em versos, a existência fluvial da sua cidade. Dessa vez, as histórias de sua terra natal chegam em composição poética. Rio Acima, Rio Abaixo vê-se, a lufada, a pororoca, a lua pendurada no céu, a espelhar-se nas águas. O pescador, que não teme a borrasca, conduz sua canoa de casca munido de anzol, rede e fisga, ao sair ao encontro da piraputanga. Mas, a silenciosa noite prateada tem seus mistérios, seus perigos. Neguinho d’Água o abordará se estiver desgostando a mãe natureza. Minhocão da boca do Pari? Conheceu-o em

enfrentamento, quando a compaixão o impediu de tirar a vida da serpente gigante.

O universo mítico de Dunga Rodrigues testemunha seu apreço ao reconhecimento dos usos e costumes da população regional, com ênfase nos povos indígenas, ribeirinhos e afrodescendentes. Esses escritos demonstram que a autora ambicionou alargar a discussão sobre a diversidade epistemológica, não adotando uma natureza hierárquica entre os conhecimentos científico e empírico.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, ciência do povo: pesquisas na cultura popular do Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

RODRIGUES, Dunga. *Cuiabá: roteiro de lendas*. Cuiabá: EdUFMT, 1984.

Causos e lendas da nossa terra

Dunga Rodrigues

I

Para surpresa de todos, ouviram um baque dentro d'água. Seria um peixe gigante? Uma capivara?

Logo dois braços se movimentaram com rapidez e em largas nadadas um indiozinho alcançou a embarcação.

— Que deseja você? Perguntaram com gestos os dois viajantes.

— Quero uma carona para junto ao Melgaço, onde vou visitar um amigo, o índio Bororo.

— Seja bem vindo! Responderam contentíssimo, contando com esse curioso companheiro.

— Até.

O Guatozinho caiu n'água feito peixe. Pegou a zinga e ajudou a desviar o barco do perigo,

— À direita, à esquerda, gritavam os meninos. O comandante e o Gauatozinho iam manobrando o timão.

Guatozinho aproveitou a deixa, com uma faquinha fabricou um pequeno arpão e físgava os peixes pelas costas sem perder um.

— Que índio arteiro, não é Dri? — disse a Bica. — Vou experimentar manobrar esta lança que ele usou. — Mas Guatozinho já estava noutra, subiu no mastro e procurava vislumbrar na redondeza a aldeia onde morava o amigo. Aproximou-se a hora da chegada.

No meio da dança o Guatozinho que sumira por encanto, reapareceu segurando pela mão o amigo Bororinho. E os dois ensaiaram uma dança cheia de passos 2 volteios. Com dois galhos secos nas mãos imitavam o arco e flecha, como se estivessem apontando para o inimigo.

Mas eles são dois novos amigos agora. exclamaram aplaudindo, os pequenos bailarinos indígenas.

Os índios quiseram dar uma exibição de suas habilidades. Pularam dentro d'água e mergulharam. Quando emergiam traziam em cada mão um peixe e na boca, presa entre os dentes um sopra-fogo.

Então o Adriano disse para sua irmã: “É, eles não sabem ler e escrever como nós, mas têm tanta destreza para fazer outras

coisas, que dá inveja para qualquer um !! Bororinho quis mostrar que fora catequisado pelos salesianos, leu em voz alta uma placa fncada na beira do rio – “Usina Maravilha”.

Onde ficariam alojados os dois indiozinhos?

Nós estamos habituados a morar na Oca (casa de índio), lá na Taba (aldeia de índio)

Vamos ficar lá no quintal, onde armaremos a nossa barraca e ficaremos mais a vontade.

Um passeio no Quintal

Mas, onde estariam Guatozinho e Bororinho?

A barraca estava armada, mas os dois indiozinhos haviam sumido.

Ficaram com saudades de suas matas, ao verem o quintal e se mandaram, disse a Bica.

Nisto ouviram um assobio agudo que vinha do alto. Olharam para cima. Lá no topo da mangueira mais alta estavam os dois a fazer micagens para os dois. Então eles se animaram também para subir.

Guatozinho falava pouco. Era muito ressabiado. Mas entendia tudo e quis mostrar que também poderia inventar um passeio diferente e aéreo, embora ele não conhecesse ainda o avião. Começou a percorrer o quintal, pulando de galho em galho. De uma árvore pulava noutra até chegar no fundo do quintal. Quando terminou e desceu à terra foi saudado com muitas palmas.

Foi a vez de Bororinho mostrar sua aptidão. Mergulhou num lugar bem fundo e de lá voltou à tona trazendo uma pepita de ouro; que deu gentilmente à Fabiana.

— Bravo! Disse ela, muito obrigada. Farei um pedentil para meu cordão.

Não se incomode conosco, tia Dunga, nós temos os nossos costumes e já comemos uma caça. Achamos um galo de campina, dando sopa no quintal.

— Deus do céu! Vocês caçaram a galinha Garnizé da dona Maria, minha vizinha!

Muito ágeis os dois indiozinhos seguraram num cipó, deram uns gritinhos e num forte impulsos passaram para a outra mar-

gem do rio, deixando todos boquiabertos. Pois não é que a Laura conseguiu fazer o mesmo?

— Temos um Tarzã de saia na família, gritaram todos.

Guatazinho e Bororozinho nunca se deixaram ficar para trás. Sumiram por alguns minutos e retornaram com favos de mel e os ovos de perdizes.

Foi quando todos prenderam a respiração no meio daquele imenso chuveiro branco, um ponto escuro vinha desabando no meio das águas. Era Guatozinho que descia num salto espetacular cachoeira abaixo. Ao cair dentro da água explodiu um jato de respingos.

— Como conseguiu isto, Guatozinho? Perguntaram todos que resolveram descer para cumprimenta-lo.

— Índio pegar num fio d'água e salta naturalmente.

Passagem da Conceição

Socorro! Estou tremendo de medo, disse a Fabiana. Estou vendo com estes olhos que a terra irá comer o negrinho d'água em pessoa sentado naquela pedra e abanando o chapéu para mim. Socorro! Estou com medo!

— Veja maninha, é o Benedito. Ele atravessou o rio nas costas dos dois indiozinhos e foi sentar-se ali para te dar medo. O chapéu é do cortador de capim que está ali no meio do verde rindo de você.

Bororinho estava devendo uma das suas, porque a última façanha coube ao amigo ao descer a cachoeira seguro num fio d'água.

— Vou aproveitar este combustível para aprontar o nosso almoço. Limpou uma matrincham bem carnuda, temperou-a, envolveu-a em folha de bananeira, fazendo uma fogueirinha em cima. Eles iriam comer um peixe assado à moda da tribo. E como estava gostosa, depois de pronta.

— Nem é preciso dizer que os 3 amigos: Guatazinho, Bororozinho e Benedito desde cedo estavam a postos para se unir ao grupo.

1 – Os três amigos, mal puzeram os pés na porteira, sumiram dentro do mato.

2 – Nisto ouviram latidos de cachorro vindos de dentro do mato e urro de onça, que deveria estar por perto.

As pernas das crianças tremeram como vara verde. Vamos ser comidos agorinha mesmo. E continuou o rumor de passos pesados, em folhas secas.

— Deixem de bobagem, disse o Seu Antônio. Aqui nunca pareceu bicho feroz. Não será hoje que vocês verão uma onça braba pela frente! E se adentrou pelo mato para desvendar o mistério. Venham ver! Venham ver, crianças, o que está acontecendo.

Para amedronta-los, Bororizinho latia como cão, acuando um animal. Guatazinho recolhia toda a força para urrar como onça. E o Benedito mexia com o mato, como se algum animal estivesse andando e aproximando cada vez mais da presa.

Andanças Pitorescas

Quando os dois índios ouviram falar sobre os seus antepassados, quebraram galhos de árvores plantadas ao longo da rua e começaram a simular um combate a arco e flecha. Eles também queriam demonstrar que sabiam a arte da luta pela vida e tinham as suas tradições.

Benedito só abelhudava e torcia para o que estava vitorioso.

Quando os três amigos viram que não iriam ganhar cartuchos de balas, foram cercar o moleque das bandejas para tomar satisfações. Houve um sussurro no Beco da Polícia, em frente à Igreja, que os quatro contendores só não foram parar no xilindró porque eram menores. Levaram um puxão de orelhas para largarem e foram dormir com boas palavras de conselho.

Esses passeios e estas visitas não nos interessam. Sabemos de cor e salteado sobre o passado. O nosso ensino é todo baseado nas tradições, isto é nos usos e costumes das nossas tribos. Acho que vocês, nossos amiguinhos e outros brasileiros, deveriam fazer o mesmo.

É muito certo que agora aproveitem o tempo para conhecer um pouco da história desta terra.

Nós queremos é descobrir aquilo que ignoramos, por nunca termos visto.

Vamos tomar um sorvete e saber como se faz o gelo. Vamos aprender a guiar um automóvel. Queremos falar ao telefone, saber como se produz a luz elétrica, como funciona um relógio, como se evita uma epidemia. Queremos ver a televisão e ir ao cinema e vamos voltar ao Rastreador de satélites para aprender coisas sobre aquela geringonça.

Benedito, que mora no mato e não tem muitas oportunidades de conhecer muitas coisas, aderiu aos dois, que se despediram e mergulharam nas ruas de suas curiosidades.

Piraputangas

Dunga Rodrigues

Piraputanga rainha
Viu à frente da lufada
Rezavam a ladainha
Numa noite enluarada

Negrinho d'água valente
Tirou-lhe um dia o chapéu
Com ramadas deu no reio
Êta gente que não mente

Eh! Eh! Eh! Eh
Pescador do Rio Acima
Não tem medo de borrasca
Ele não respeita clima
Na sua canoa de casca.

Desce sobre cachoeira
Desafia a pororoca
Com ele não tem barreira
Perigo (no rio) é potoca.

Enfrentou o Minhocão
Que vive lá no Pary
Não o matou a compaixão
Todo mundo diz: Eu ví!

Eh! Eh! Eh! Eh
Pescador do Rio Abaixo
Com anzol, com rede e fisga
Para o azeite usa o tacho
Papeando em roda amiga



Vista dos casarios de Cuiabá,
primeira metade século XX.
Acervo Família Rodrigues.

Casas Cuiabanas

Apresentação

Gabriel de Mattos

Dunga Rodrigues nos brinda com um passeio pela cidade de Cuiabá na segunda metade do século XX. Seu olhar e seu interesse se debruçam sobre as casas daquele centro da cidade, já bicentenária, hoje histórico justamente por guardar referências dos anos anteriores e posteriores a esse passeio.

A casa e a cidade sempre estiveram na área de interesse dos intelectuais brasileiros, sobretudo após o clássico *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, em 1932. Falar sobre a cidade, suas ruas e casas marcantes, seus largos, esquinas e praças, sempre tocou qualquer sensibilidade mais desenvolvida. O passeio de Dunga nos revela, e dá nome e sobrenome, àquelas casas que sempre trazem entalhadas na memória histórias dos que lá viveram e cresceram. Algumas continuam através de heranças que mantêm o sobrenome, mas atropela nomes; algumas contam de famílias numerosas, outras, como o Palácio das Águias, deixam de “ser família”...

O passeio de Dunga é breve, nada que se aprofunde como o *Roteiro Histórico e Sentimental* de Rubens de Mendonça, ou seus *Ruas de Cuiabá* e *Igrejas e sobrados de Cuiabá*. Ou mesmo o inventário dos *Sobrados e Casas Senhoriais* de Lenine Povoas.

Dunga passeia pela cidade, *flaneur*, contando os casos por trás das fachadas, grande contadora de casos que é. Mas faz isso rapidamente, talvez organizando a *memória*, essa senhora que embaralha as cartas da lembrança, para um posterior desenvolvimento.

As casas dessa época traziam referências dos mestres construtores estrangeiros que por aqui passavam (como os italianos da Casa Orlando), mas eram adaptadas pelo bom senso em relação ao clima peculiar. Era sofrida a necessidade de manter as casas sem afastamento em relação à rua; aliás, sem casas alinhadas dos dois lados não era nem *rua*, era estrada, caminho, passagem, daí a referência especial à casa de Seo Pompeo, com afastamento frontal.

Época de concentração e acúmulo, as casas de moradia eram acomodadas ao lado ou em cima do empreendimento comercial, numa celebração do trabalho árduo. *Trabalho e Constância* era o mote de uma dessas casas, que vendia de botões e colchetes até máquinas agrícolas e galões de gasolina.

Dunga já registra as primeiras demolições “injustificadas” que começam nessa época, chegando ao surto construtivo caótico dos anos 1970. Professora moderna, personalidade antenada com as vanguardas de seu tempo, Dunga chegou a assistir o tão esperado progresso chegar à sua tranquila Cuiabá, cobrando um preço caro àquelas casas que eram demolidas para dar lugar a “sedes de banco e edifícios altos”.

Assistiu e entendeu, por isso continuou a contar as histórias por trás das fachadas daquelas casas.

Obrigado, Dunga!

Casas cuiabanas

Dunga Rodrigues

De um modo geral se postavam na beira da rua.

Teto – A princípio (século XX) telhado de ½ água com beiral, quase sempre de 2 festões de telhas.

Até os anos de 1950 havia em Cuiabá uma casa excepcional acabamento de 4 festonês, (beiral), também chamado popularmente de cachorro). Pertencia às professoras Campos, Galega, Celina, Dini, Isabel e Estela, na Rua Joaquim Murtinho.

Infelizmente foi transformada essa fachada tão rara, digna de ser preservada, pois não se tem notícia de outras, nem mesmo em Olinda, nem nas cidades históricas de Minas, nem em todo o Brasil.

Outra residência especial foi a da viúva D. Candinha, na Rua 13 de Junho, quase em frente da Igreja Presbiteriana, sendo depois residência do farmacêutico Manuel Soares de Campos. Tinha a frente toda recoberta de lindos azulejos alemães, com motivos florais, em alto relevo.

Desapareceu pela década de 50. A Loja de Gabriel Francisco de Matos, um prédio assobradado, na esquina da Rua 13 com a Avenida Ponce, tinha uma janela apenas pintada, seguindo o estilo de outras verdadeiras. Este prédio era conjugado a um sobradinho estreito, encimado por uma água furtada.

A casa de Batista de Almeida, Seu Batistinha, com sala de frente, corredor, mais três salas de frente, se prolongava com um preciso terraço em cima de depósitos e armazéns. Era encimada por platibandas.

Nesta mesma rua, formando esquina com o Beco do Candeeiro, o sobrado da Casa Eufrosina, em cuja parte inferior se instalava o comércio mais fino da cidade e em cima a parte residencial.

Mais além, a Casa Avelino de Siqueira conjugando aos fundos com um sobradinho onde se alojava a numerosa família. Possuía janelões ovais de grade de ferro trabalhado, platibandas com pinhas.

Na Rua Pedro Celestino, Rua de Cima, foi antes de ser demolida residência da família Alcindo de Siqueira, possuía platibanda com bustos no estilo grego e em relevo.

A casa de Francisco Lucas de Barros, o Chico Lucas na rua próxima à Lagoa, limpeza e ordem impecáveis, ao lado da Loja.

A casa de família ao lado, seu corredor torto, em diagonal quase. Encimada por platibanda, diferindo da loja e do sobradinho, com beisóis de telha.

Aliás, era costume a casa de negócios postar-se ao lado da morada familiar, por exemplo o sobrado comercial do Sr. José Viegas de Brito era do lado do seu lar familiar. Casa senhorial em plano elevado com entrada de escadaria, com janelas laterais abrindo-se para este corredor. Situa-se ainda hoje na Rua 13 de Junho. Não chegava a ser sobrado, mas as janelas se situavam num plano elevado.

Aliás, o sobrado sempre foi dístico de alta hierarquia.

Em frente a estas casas, postava-se a do Comendador Manuel Nunes Ribeiro, casarão de muitas janelas, o corredor separando a loja ao lado e aos fundos o quintal que atingia a Prainha, com um vasto coqueiral.

A casa Mansur, com a família instalada na parte superior do sobrado e a loja na parte inferior plantada na rua (Rua de Baixo)

Na mesma rua, esquina com a Voluntários da Pátria, Loja e casa familiar, assobradados do sr. Rafael Verlangieri. Depois da propriedade do seu filho Rafaelito.

Ainda na Rua de Baixo, o sobradão verde da Casa Orlando do Sr. Vicente Orlando, até hoje, sentinela altaneiro, ainda que mal cuidado, do período áureo da Borracha. É verde com molduras salientes pintadas de branco.

Na Avenida Coronel Duarte, antiga Rua da Praínha, o Palácio das Águias, assim posteriormente apelidado, era um sobrado senhorial, com enormes janelões de grade, próximo à descida do Rosário, mais tarde transformado em bordel.

Na Rua Joaquim Murtinho, a maioria das casas tinha janelas de treliça ao invés de persianas.

No bairro do Lavapés a casa de Seu Pompeu, muito divertido, pela alacridade dos seus numerosos filhos, uma das raras, afastadas da rua, apresentava na frente uma varanda aberta, tipo alpendre.

A tradicional casa de Nhonhô de Manduca, na Rua do Campo, atual Barão de Melgaço com as suas janelas de frente, até hoje, se conserva altaneira, desafiando as febre das demolições. Estende-se até a outra rua, num imenso quintal.

O sobradão da Rua de Cima (Pedro Celestino), já no começo da Mandioca, praça Gov. Conde de Azambuja onde, até a metade do século, aproximadamente, D. Bernardina Ricch mantinha um colégio para moças de sociedade, onde, além do estudo tradicional, aprendiam música.

A casa de Dona Marianinha Ponce, viuva Generoso Ponce, 8 janelões de frente, com sacadas de grade francesa, no local onde se ergue o prédio da Caixa Econômica Federal, na Rua do Campo (Barão de Melgaço).

Esta casa possuía vasta área interna, precedendo outras dependências da casa.

O sobrado de Seu Peixoto foi das filhas amistosas Alice e Adalgisa – com 2 frentes para a Rua 15 e o Beco de Gé – Janelões de grade.



Grupo de artistas fantasiadas.
Acervo Familia Rodrigues

Teatro

Nileide Souza Dourado

Apresentação

Sabemos que *Dunga Rodrigues*, a culturalista cuiabana, mulher comprometida com os elementos das artes e da cultura popular mato-grossense amava o *teatro* – e através deste texto ela experimenta diversas maneiras de teatralizar sua memória, criando uma série de elementos provocadores de lembranças - como ela própria revela a partir da encenação de suas lembranças, o seu primeiro contato com o teatro aconteceu aos 4 anos de idade, e que à época já se empolgava com os relatos contagiosos narrados por sua *tia Doli* sobre determinados personagens das peças assistidas por ela. *Dunga Rodrigues* recorda bem de uma dessas lembranças – quando um determinado artista se caracterizou enquanto um *ilusionista* que cantava com voz de soprano e tenor, de fala em falsete (contratenores), fazia o uso de indumentárias ora femininas, ora masculinas, pessoa ágil, versátil que segundo *Dunga Rodrigues* e a *tia Doli* parecia *palestrar com a própria sombra*.

De seus relatos é sabido o estabelecimento de sua convivência enorme com a dramaturgia, vez que grande parte dos membros de sua família, como o pai, irmãos, tios e tias, tinham um *pé dentro do teatro*, dos palcos, tabladros, arenas, varadas fossem atores, diretores, roteiristas e expectadores, enfim, todos experimentavam o prazer do debate, do conhecimento, das artes e do trabalho corporal.

No âmbito familiar, o destaque vem para o genitor de *Dunga Rodrigues*, o grande intelectual de Mato Grosso, o militar, político, cronista e escritor *Firmo José Rodrigues* (Firmo Rodrigues), autor de várias peças e esquetes, como *O Recruta*, peça de curta duração (cômica), produzida para apresentação em teatro, cinema e rádio. Já as principais crônicas do autor, *Firmo Rodrigues* encontram-se em *Figuras e coisas da nossa terra* e, em, *as Anotações de um diário de viagem*. Percebe-se, portanto, que a criatividade e a memória histórica das artes em Cuiabá brotaram do olhar, da mente e boca dessa escritora através de vários rostos, de iniciantes, aprendizes e contadores de causos, que de forma épico-lírica, ela em seu texto faz reproduzir em nossas mentes todos esses espetáculos e representações enunciados.

Dunga Rodrigues nos mostra que foi uma expectadora fanática do teatro e que nunca perdia, em Cuiabá ou onde estivesse, os espetáculos em cartaz, buscava sempre por uma boa representação teatral, seja nas apresentações de pequenos grupos - *teatros domésticos* e o *teatrinho infantil*, habitual em casa de familiares por reunirem as crianças da vizinhança para fazer teatrinho – recorda dos ensaios em sua casa de comédias de livros de teatro infantil de Viriato Correa, para passar a noite de Natal e esperar a Missa do Galo, e no aniversário da irmã Olga com a *Festa do Tatu* - seu apelido. Veja que nessas porções de memória, de pequenos papéis, ela costura uma história de vidas inteiras.

E, como bem diz a narradora em seu texto, gostava de frequentar as grandes salas em busca também dos glamorosos espetáculos das grandes *revistas* (gênero popular no Brasil, a partir do século XIX). Sabe-se que as revistas constituíam uma crítica à política do governo e aos cenários urbanos da época. Destaca também a nossa palestrante de última hora, as grandes companhias de teatro, como a *Companhia Alzira Leão* que visitou Cuiabá seguidamente, a *Companhia Procópio Ferreira*, que visitou por duas vezes a Capital, dando uma série de 8 a 10 espetáculos, já então no recém-reinaugurado *Cine Teatro Cuiabá*, construído no governo de Júlio Strübing Müller. Lembra ainda, com alegria a inauguração do *Teatro Universitário* - Universidade Federal de Mato Grosso - com a peça *Macunaima* - estrelada por Tônia Carrero, o qual tem possibilitado constantes visitas e contatos de conhecidos.

Da visão de *Dunga Rodrigues*, não ficaram de fora os espetáculos nos vários e bons *Circos*, lugares avaliados por terem ótimos elencos teatrais e com uma programação extensa de peças, com destaque para o *Circo Garcia e o Bocute* e, ainda, nessa linha de entretenimento *Dunga Rodrigues* aponta os espetáculos de *cantos* e a *ventriloquia com bonecos* que atuavam trajando *uniforme de marinheiro*.

De acordo com sua narrativa, o povo cuiabano sempre foi apreciador de teatro e representações, o que pode ser constatado nos estudos do cronista setecentista *José Barbosa de Sá* (1975)² “que no ano de 1729 já ocorria a representação das primeiras peças teatrais

2 SÁ, José Barbosa de. *Relações das Povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*. Cuiabá: UFMT, 1975.

na Vila de Cuiabá, que se intensificaram, fazendo-se recorrentes por todo o século XVIII e início do XIX". Isso vem reforçar a fala da narradora, ao mostrar a expansão da dramaturgia por toda Cuiabá, principalmente nas escolas, colégios, asilos, igrejas, praças para comemorar datas cívicas, religiosas e temáticas populares, familiares, guerras, histórias de princesas, masmorras, torres, entre outras.

Em face ao discurso de *Dunga Rodrigues*, o palco também se abre em Cuiabá para os intelectuais, professores, religiosos, militares, escritores e musicistas cuiabanos, entre as revistas encenadas por Zulmira Canavarros, coadjuvada por seu esposo Danglars Canavarros, encontramos *Progresso na Zona*, seguida dos versos de Franklin Cassiano e talvez Indalécio Proença, musicados por Zulmira foram *A luz elétrica; O dínamo*, entre outras, em cujos palcos, o pano descia debaixo de aclamações delirantes e aplausivas. Outras peças de conteúdo relevante foram encenadas e produzidas pelos autores cuiabanos como *A Cidade e os Dois Caipiras* (Firmo Rodrigues); *Uma festa de São João na Fazenda do Coronel Eusébio*, musicada por esta foram: *Trio Liró, Minha Casinha, Arrependido, A Partida e Eu*, entre outras...

Lembra *Dunga Rodrigues* que a figura de proa do teatro amador cuiabano foi, sem dúvida, a professora Zulmira Canavarros, com os seus musicais, direção de espetáculos, que desde a segunda década dos noventa, até poucos meses antes do seu falecimento, vinha prestando o seu apoio quer na direção dos espetáculos, ensaiando, compondo músicas, confeccionando roupas. O entretenimento na cidade naquela época era de uma riqueza esplendorosa, havia um grande público apreciador e comprometido com as artes e a cultura popular mato-grossense.

Em memória de si, a narradora nos permite perceber não apenas as impressões imediatas passadas por sua narrativa no presente texto, visto que também detectarmos histórias luminosas e dignas de serem registradas, configurando a sua história de vida que, além de permanecer na memória de si, pode também sobreviver, por intermédio desse registro, na de outros.

O teatro que eu vi³

Dunga Rodrigues

Desde a idade de 4 anos tive contato com o teatro, mas este apanhado não tem nenhuma sequência histórica. São lembranças que me afloraram a mente e eu fui anotando apressadamente pela exiguidade do tempo que me concederam e atualmente não me preocupei em ordená-las por vários contratempos.

Um deles é que aproveito minhas férias fora de Cuiabá, o seu palco de acontecimentos para recondiçioná-las.

Bem cedo, em tenra idade, empolgava-me o relato de minha tia Doli sobre um artista que apareceu nesta cidade no começo do século e parecia chamar-se Frégoli, ou Fredoli.

Era um misto de prestigitador, ilusionista que cantava com voz de soprano e tenor.

Falava em falsete, imitando as mulheres e o palco se apresentava ora com indumentárias femininas, ora masculinas, trocando de roupa com uma rapidez incrível, coisa se segundos, pois, mal sumia dos bastidores surgia imediatamente do outro lado do palco encarnando outro personagem, com o qual chegava a dialogar.

Parecia, segundo a informante, palestrar com a própria sombra.

Quando eu tinha 4 para 5 anos, o meu tio Mandinho, Armando José Rodrigues, levava-me ao teatro em casa de D. Dozinha, bisavó de Maria Canavarros, onde havia um palco bem construído.

Segundo a Maria Canavarros seria no sobradão da Rua de Cima, onde depois foi residência da Professora Bernardina Rich.

As moças que se apresentavam me agradavam muito com biscoitos e balas, mas eu dormia mal começava o espetáculo.

Lembro-me apenas das moças no palco, vestido até o pé, como era a moda de então, se movimentando. Vestiam quase sempre branco, ou azul, ou cor-de-rosa. Às vezes tinham uma flor no decote e abanavam leques.

3 De uma palestra de última hora, realizada pelo Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal, sob a chefia do Prof. Carlos Rosa.

Na volta, meu tio me carregava ao colo, a pé, da cidade ao porto, porque naquela época não havia condução motorizada. E os bondes, de haviam, costumavam se recolher cedo (8 a 10 horas da noite).

A justificativa deste sacrifício é que meu tio namorava uma das participantes do teatro, com quem, mais tarde veio a se casar.

Depois, mais tarde, frequentei os espetáculos da Companhia Alzira Leão, que visitou Cuiabá duas vezes. Ela se instalava no barracão coberto de zinco onde funcionava o cinema da cidade. Atualmente funciona a sede do BEMAT, no prédio erigido para o Grande Hotel de Mato Grosso, pelo Interventor Júlio Strübing Müller.

Das peças que vi, lembro-me: a *Morgadinha dos Canaviais* e a *Cabana do Pai Tomás*, ainda várias revistas.

Numa das revistas guardo o nome de uma atriz jovem e simpática, que não era bonita, mas cantava bem e era muito aplaudida, chamada Electra Cabral. Vestia quase sempre seda vermelha.

Uma de suas canções era o Serapico:

Ai que rico
Sarapico tico
Será manganito
Serapicotão

Ai que bom
Será manganão
Seraticotipo
Serapicotão

Talvez seja um fado português. Ela também cantava Juriti, uma canção muito bonita.

Quando ela acabava de cantar, os rapazes que se sentavam no primeiro camarote acenavam-lhe os seus palhetas (chapéus de palha) e flores. Ela entregava os chapéus com um bonito sorriso.

A Companhia Procópio Ferreira visitou por duas vezes Cuiabá, dando uma série de 8 a 10 espetáculos, já então no recém-reinaugurado Cine Teatro Cuiabá construído no governo de Júlio Strübing Müller e arrendado pelo cavalheiro Francisco Laraya.

Além disto, vários e bons circos anualmente apareciam nesta cidade e todos com um elenco teatral e um programa extenso de peças. Entre os últimos destacaram o Circo Garcia e o Bocute.

Na década de 30 e 40, Batista Júnior, pai de Linda e Dirceinha Batista, visitou várias vezes esta cidade com espetáculos de ventriloquia e canto. Dos seus bonecos, Chiquinho, o menor, vestido à marinheira, era mais indiscreto, provocando os políticos locais.

O povo cuiabano sempre foi adaptado de teatro e representações. E muitas pessoas se reuniam para ensaiar qualquer tipo de peça que sempre alcançasse sucesso.

No Bairro do Porto, no casarão da esquina, que limitava a Praça da Bandeira (em frente à igreja São Gonçalo), onde começa a Avenida D. Aquino (hoje 15 de Novembro), em frente à loja Feguri, houve um cinema e espetáculos teatrais de propriedade do Professor Feliciano Galdino, que também era diretor de cena.

A tela, quando se tratava de cinema, o palco era armado na ponta da varanda. O engraçado, os ruídos vinham após a alusão dos personagens.

Por exemplo, na Tomada da Bastilha, um dramalhão, quando diziam “ouço o troar dos canhões”, o ruído vinha muito tempo depois.

Lembro-me de que, com o mesmo tio Armando, que tinha amizade com todo o mando, frequentei outras peças do mestre Feliciano em outra casa situada no Lavra-Pau (Rua 13 de Junho).

No Colégio dos Padres (Liceu São Gonçalo), no Asilo Santa Rita e no Colégio Santa Catarina havia teatro para comemorar datas cívicas e religiosas, com a característica de que no espetáculo das freiras os homens maridos e senhores e castelões estavam sempre numa caçada ou na guerra.

Enquanto no Colégio dos Padres as castelãs, princesas e duquesas estavam presas numa torre, em masmorras, ou viajando.

Quero anotar que esta mentalidade perdura. Constatei ao assistir em Roma (1984), quando das comemorações da fundação salesiana. Apenas mulheres participavam da peça, cujo tema era uma jovem de família nobre que abraçara a carreira de bailarina, depois se regenerou, tornando-se uma religiosa.

Um dos excelentes atores do Colégio dos Padres era o João Bosco de Aquino Corrêa, irmão caçula de D. Aquino, que vi representar muitas vezes. Lembra-me aqui o seguinte episódio. Quando minhas irmãs eram meninas, ficavam sempre a par dessas representações pelo primo Geraldo, colega dos atores.

Perfilavam-se nas primeiras cadeiras, combinadas para um grito geral quando o ator fosse ferido à bala, o que era habitual.

Havia sempre duas primas retardatárias que no momento preciso se afogavam de rir e só conseguiam soltar o grito momentos após o estampido.

Na igreja de São Gonçalo, Maricota (Maria da Conceição) e seu irmão Paulino eram o espetáculo. Ela levava as suas representações também à Santa Casa, para distrair as irmãs enfermeiras e alguns doentes.

Um dos cantos favoritos era o Mustafá, em que ela vestia por cima do vestido branco uma casaca surrada, que diziam ter pertencido ao Desembargador Luís da Costa Ribeiro.

Era hábito, em casa de família, reunirem-se as crianças da vizinhança para fazer teatrinho.

Em minha casa ensaiavam-se comédias de livros de teatro infantil de Viriato Corrêa, ou de histórias de Eustórgio Vanderley com suas canções e monólogos para passar a noite de Natal e esperar a Missa do Galo.

Meu pai, Firmo Rodrigues, escreveu várias peças e esquetes, dos quais possuo *O Recruta*. O tema é um rapaz sorteado para o serviço militar, ficando na iminência de partir para a guerra. Sua mãe, nhá Cotuta, não se conformava com o fato.

O papel de mãe foi desempenhado por D. Izabel Vaz de Figueiredo Mendes. E o recruta foi o general Francisco Carlos Bueno Deschamps.

Despois, estas comemorações natalinas foram transferidas para o dia 11 de outubro, aniversário da minha irmã Olga, com o nome de Festa do Tatu, porque ela era muito pequenina e o seu apelido era Tatu.

Este teatrinho contava com a presença assídua da vizinhança, entre outros o coronel Albuquerque, de traje completo, paletó, colete, gravata e chatilaine de ouro e brilhantes. Sua senhora, D.

Nhanhá, de roupa de tafetá e joias, e também os comandantes do 16º B.C. que residiam no quartel, antigo Arsenal de Guerra, no Porto.

Os personagens do meu teatrinho eram: Lucídio e Ivo de Arruda (que se tornaram generais), sua irmã Irene (Naná) de Arruda, Isabel e Leocádia Figueiredo, minhas irmãs Estela, Helena e Olga, as primas Lélia, Maria Rita, Air Addôr, Newton, meu irmão, Lourdes Zorrón Marques, Mariinha e Olguinha Teixeira, Bidu Pedroso da Costa e outros.

Também em casa da família de Benedito Leite de Figueiredo havia teatrinho reunindo crianças, e a da família de Joaquim Pinto de Oliveira, moradores em casas geminadas.

Certa vez, uma avó se incomodou com a neta que, em outra casa, recitava os versos que lhe couberam, repetindo sem cessar: *“debaixo dos laranjais...”*, *debaixo dos laranjais...* e não conseguia ir em frente. Então, a avó do outro lado disse: *“vamos tirar essa meni-na debaixo dos laranjais”*, e gritou a continuação da poesia. Assim, lembrada, prosseguiu a sua parte no teatrinho.

Na casa do Sr. Tarcilo de Queiroz, com uma prole de seis filhas e um filho, havia teatrinho. Moradores do Bairro do Mundéu, com amiguinhos da vizinhança, catavam os lençóis de cama para pano de boca do palco armado no fundo do quintal.

Outra família que também cultivava o teatro doméstico era a do Sr. Teodoro do Espírito Santo. Moradores do Mundeuzinho, na proximidade do Chafariz, reuniam os coleguinhas dos filhos, em periódicas representações.

Certa vez, o pai de um dos pequenos atores, empolgado com a performance do filho, pedia bis com veemência, gritando: *“arrepete... arrepete! A gurizada assistente, que frequentava o Liceu, engrossava o coro dizendo: arrepete! E todas as vezes que se anunciava lá um teatrinho, comentavam: Hoje tem arrepete? Tem sim senhor!*

Aliás, houve teatrais que ficaram célebres no teatro dos amadores. Minhas tias repetiam sempre uma frase dita no antigo Teatro Amor à Arte. Numa cena dramática, uma senhora, falecida a pouco (1982), estragou a emoção dizendo: *Jorge, meu Jorge, o que foi que te assucedeu?*

O Sr. Luíz Miguel Ahy ensaiava peças que eram levadas em Cuiabá, Várzea Grande e outras localidades. O interessante é que o teatro do Luiz tinha um quê de programa de rádio no qual o animador era o sargento Faria.

Havia sempre um jogo de prendas conhecido como “*Bento que Bento*”. E quase todos os presentes ganhavam prêmios.

Como diretor da Escola Normal Pedro Celestino, o professor Nilo Póvoas promovia representações com os seus alunos desta escola e do Liceu Cuiabano.

Entre os seus artistas sempre figuravam Creusa Proença, Olga Rodrigues, Raul Santos Costa, José Del Barco e Roberto Nunes da Cunha.

Dona Alina Tocantins, como diretora da Escola Modelo Barão de Melgaço, promovia constantes representações teatrais. Tomavam parte, entre outras, as meninas: Helena Cândia, Nely Affi, Yolanda de Arruda, Dalva Hans, Clélia e Aidyl Costa Marques. Firmo Rodrigues escreveu várias peças teatrais para D. Alina Tocantins.

Os números de dança eram ensaiados por uma professora chilena diplomada em balé e por D. Alicinha Bianchi.

Como educadora e incentivadora das artes não podemos deixar de citar o nome da professora Bernadina Rich, que até a década de 30 mantinha um colégio no sobradão da Rua de Cima, ensinando também música e promovendo teatrinho em datas festivas.

A figura de proa do teatro amador cuiabano é sem dúvida a professora Zulmira Canavarros, que desde a segunda década, até poucos meses antes do seu falecimento, vinha prestando o seu apoio quer na direção dos espetáculos, ensaiando, compondo músicas, confeccionando roupas, enfim, era um faz de tudo no campo teatral.

Além de peças de autores nacionais, escritores locais lançavam revistas, gênero muito popular, pois constituíam críticas aos costumes locais e fatos ocorridos na época. Dentre os autores cuiabanos citamos: Indalécio, Proença, Franklin Cassiano e Firmo José Rodrigues. O Dr. Leônidas Mendes atuava também como ensaiador.

Na década de vinte, participavam como artistas da Zulmira as senhoritas: Maria Bastos, Balbina Garcia, Maria Alzira Alderet, Ma-

ria Rita de Oliveira, seu irmão geólogo Antônio Lopes. Mais tarde se incorporaram ao elenco Tote Garcia e Luís Duarte de Figueiredo.

Entre as revistas encenadas por D. Zulmira, coadjuvada por seu esposo Danglars Canavarros, encontramos *Progresso na Zona*. Os versos de Franklin Cassiano e talvez Indalécio Proença, também musicados por D. Zulmira, que ela chamou de parte surgeril, foram os seguintes: 1) *A luz elétrica* – cantada por Divone Addôr, 2) *O dínamo* – cantos Gastão Cunha. Nota-se que os dois se encontraram no palco e, ao se abraçarem, a luz se acendeu, formando todo o vestido da Divone, que era cheio de lâmpadas. 3) *O Largo da Matriz*, sobe um céu estrelado e uma das estrelas era Maria Rita Oliveira, que cantava uma serenata. 4) *Canção do Caipira e Coro*, 5) *O Jardim Alencastro*, 6) O Jardim Ipiranga, 7) O Jardim do Porto, 8) *Canção do Lar*, 9) *Desafio entre dois Caipiras*, 10) *Serenata ao Luar*, o rosto da cantora aparecia dentro da lua, ao alto, 11) *O Telefona*, 12) *A Imprensa*, citando os jornais da época: O Estado de Mato Grosso, A Cruz, O Defensor da Liberdade, como era chamado o Jornal Republicano, A Gazeta Oficial, A Revista A Violeta, órgão feminista, e a União, que se batia pelo proletariado.

Estes versos talvez pertençam a Franklin Cassiano da Silva, ou a Ulisses Cuiabano, entretanto, toda música pertence a Guilhermina Canavarros.

Apresentamos, com o devido consentimento da família Franklin Cassiano da Silva, a Revista em dois atos *Quero ir lá pro mato*, com as seguintes músicas de Zulmira Canavarros: 1) *Coro das casadoiras* 2) *Boa Noite, minha gente* 3) *Era um sonho de ilusão* 4) *Ah! Polina! Polina!* 5) *Mulatinha* 6) *Ninguém entende ninguém* 7) *Arrepentido* 8) *Canto de Penetras* 9) *A Copeira* 10) *Os Ladrões* 11) *A Moda* 12) *Feio* 13) *Esta Cidade* 14) *Canto da Coruja* 15) *Os Caipiras* 16) *O Casal de Primos* 17) *O Viúvo* 18) *A Costureira* 19) *A Barquinha* 20) *Que Saudade* 21) *A Primavera*.

Estas canções são uma crítica ao personagem da Revista.

Também, apresentamos de Firmo José Rodrigues *A Cidade e os Dois Caipiras*, comédia em um ato, cujos personagens principais são: Brás Carneiro, 20 anos, e Zeferino, 60 anos. O cenário é uma sala ou uma praça e compõe-se de vários quadros.

Esta peça foi decalcada por mim, Dunga Rodrigues, atualizando-a no governo Pedro Pedrossian pois, como sempre acontecia, as Revistas constituíam uma crítica à política do governo e a fatos urbanos da época.

Esta peça foi levada na Escola Técnica Federal e na TV Centro América. Os personagens principais foram representados pelos alunos daquela escola: João Bosco e Ailão, ótimos artistas. Colaborou também a *Escola de Samba Deixa Cair* e seus passistas.

Continuando, citamos outras peças teatrais: do Professor José Antônio, *Uma festa de São João na Fazenda do Coronel Eusébio*, musicada por D. Zulmira Canavarros, com os seguintes cantos: Almira, Canto da Fogueira, Minha Viola, Canta o Caboclo, Canta o Jacaré.

A representação desta peça e outras Revistas ocorreu com maior frequência entre os anos de 1924 e 1930.

D. Zulmira Canavarros também fez excelente arranjo da peça em quatro atos extraída do livro *O Samburá*, de Cornélio Pires, que foi levada a cena pela primeira vez em Cuiabá no dia 6 de janeiro de 1930, e pela segunda vez em dezembro de 1935, no Cine Parisiense, então de propriedade do Sr. Jerônimo Pécora, cuja representação foi em benefício da Liga Pró-Lázarus, tendo como patrocinadoras as Sras. Ormindá Pécora e Luiza de Carvalho Addôr.

O elenco foi o seguinte: Nhô Gomes – Tote Garcia, Nha Dona – Air Addôr, Lurdica – Julieta Gomes, Nhô Jerônimo – Hugo Addôr, Lucídio – José Bastos, Zé Geleia – Luís De Lamônica, Peregrino – Manolito Palma, D. Vinha – Nhanha Addôr, Maneco – Benedito Figueiredo, Germano – Generoso Ponce.

Além destes, Esbaide Badre tocou sanfona e Odílio Silva tocou violão.

Quer me parecer que esta peça também tomou o nome de *Vítimas do Progresso*, e as músicas compostas por D. Zulmira Canavarros foram estas: *Trio Liró*, *Minha Casinha*, *Arrependido*, *A Partida* e *Eu*.

A comédia de Júlio Dantas *Rosas de Todo Ano* foi representada em Cuiabá, pela primeira vez, em 1907. Depois, ela se repetiu nos seguintes espetáculos datados de 1912, 1913, 1914 e 1922. Ignoramos o seu elenco.

Franklin Cassiano da Silva compôs o dueto *Seu Malaquias e Zeferino*, com as seguintes músicas de D. Zulmira Canavarros: *Por que te encontrei?*, Banda do Espírito Santo, *Desafio Caipira*.

De 1930 a 1943 foram encenadas em Cuiabá as seguintes peças: *Um pouco de tudo*, Revista em dois atos. Como sempre, as figuras centrais eram dois caipiras comentando as novidades da cidade e alfinetando os políticos locais.

A 9 de julho de 1945 foi apresentada, pela primeira vez em Cuiabá a comédia *Cala boca. Etelvina*. Os atores amadores e seus personagens foram: Vigário – Dr. Leônidas Ferreira Mendes, Adeline – Milton Azevedo, Macário – Douglas Canavarros (Esposo de D. Zulmira Andrade Canavarros), Nestor – Dr. Alberto Addôr, Manoel – João Pinheiro, Etelvina – Ana da Costa Pinheiro, Emília – Maria Estever, Maria – Maria Canavarros. E na direção da peça o Dr. Gervásio Leite.

Estes amadores encenaram ainda [...] *do Céu*, comédia em 3 atos, de Mário Rodrigues, *A Noiva Ideal*, de Lenine Neves, e *Novos e Velhos*, comédia de Rangel Lira.

Com grande sucesso foi encenada *Flores e Sombra*, tendo em seu elenco Ênio Póvoas, Crescêncio Monteiro da Silva, João Pinheiro, Elza Duarte Monteiro, Ana Pinheiro, Luiza Elza do Carmo e outras.

Também com grande sucesso foi levada a peça *Feia*, onde a protagonista principal, desempenhada por Cecília, brilhou de maneira total, merecendo louvações do público e da imprensa.

Outras pelas encenadas por D. Zulmira Canavarros tiveram como protagonistas Helena Deschamps Rodrigues e Air Novis.

O Dr. Floriano Lemos, médico carioca, levou no Cine Teatro uma peça, tipo Revista musicada por D. Zulmira. Uma sequência representando os meses do ano, em que D. Maria Bastos era novembro, Maria da Cunha fevereiro. Também as estações do ano em que Maria Izabel Figueiredo, depois Vilá, era o inverno, Sinhá, sua irmã, a primavera, vestindo um traje branco plissado e todo adornado de pingos de amor. Elza, outra irmã, era o verão, vestia azul, com um grande leque da mesma cor. E Zaira Cunha cantou o outono, vestia verde, enfeitada de parreira e cachos de uvas e um cestinho frutas e chapéu.

O Professor Gercy Jacob, como professor e diretor do Liceu Cuiabano e proprietário da Rádio A Voz D'Oeste, promoveu várias peças artísticas, entre as quais levou à cena a comédia *Amigos da Paz*, tendo Helena Deschamps Rodrigues no papel principal e como outros artistas Air Addôr, Jaíra Monteiro, Maria Santos Costa, Nei Cuiabano, José Ragaciano, de Lima, Olga Deschamps Rodrigues, Generoso Ponce de Arruda, Renato e Hugo Addôr. A antiga Faculdade de Direito organizou um elenco que foi levado ao Recife, num congresso teatral, mas por motivo de programação, o grupo não se apresentou.

A peça *Cuiabá em Revista*, de autoria de Franklin Cassiano da Silva, com música de D. Zulmira de Andrade Canavarros, teve os seguintes protagonistas: os irmãos Antônio e Gabriel Lopes, geógrafo, Lindolfo e Maria Rita de Oliveira, Conceição Loureiro, Gastão e Zaira Cunha, Tote Garcia, Luís Duarte de Figueiredo Botelho, Yolanda e Divone Addôr e Maria Bastos.

Esta peça foi ensaiada pelo marido de Alzira Leão. O casal se separou e a artista que dava o nome para a companhia seguiu com o elenco para o Rio de Janeiro, ficando o cônjuge por algum tempo em Cuiabá., após a separação.

Na época atual, dois esforçados dirigentes de grupos teatrais têm conseguido com peças de suas autorias captando principalmente os costumes e folclore locais: Luiz Carlos Ribeiro e Glorinha Albuês. Esta alcançou muito sucesso com a sua peça *Rio Abaixo, Rio Acima*, levando-a a representar na cidade do Rio de Janeiro.

Hoje, com a construção do Teatro Universitário, inaugurado com *Macunaima*, estrelada por Tônia Carrero, temos constantemente visita de conhecidos.

Uma apresentação

Dunga Rodrigues

Qualquer dia, vou enfileirar as atividades que desempenhei na vida.

Se bem ou mal, eu as desempenhei, não sei. É certo que todas me deixaram uma recordação agradável e algumas hilariantes.

Certa vez, no anfiteatro da Universidade Federal de Mato Grosso, eu deveria apresentar o programa e os artistas que participariam do evento.

Eu entraria de um lado do palco, após um rapaz, do outro lado, ter anunciado o número intitulado “Programa Impresso”.

Ao levantar o pano, para minha surpresa, aparece um rapaz elegantíssimo que, sem dizer nada, faz um gesto para que eu entrasse no palco.

Pensei, este rapaz não fazia parte do programa. Deve ser algum cantor de fora que encaixaram de última hora. Retribui-lhe o gesto para que ele entrasse. Ele, gentilmente, dando um passo na outra extremidade insistia no gesto para que eu adentrasse. E eu pensava repetindo o gesto para que ele aparecesse. Como posso entrar sem saber quem eu deveria anunciar?

E nestes gestos de recíprocas gentilezas foi nos aproximando um do outro quando, ao reconhecê-lo soltei uma exclamação: Ah, é você malandro? Pois outro não era senão o próprio jovem que deveria contracenar comigo, dizendo pelo programa o título do número sobre o qual eu deveria dizer qualquer coisa para elucidar o programa.

Ele era naturalmente bonito, mas caprichara tanto com a indumentária que na minha visão classifiquei-o logo de algum artista desconhecido que aparecia ofuscando com a sua pessoa.

Todas as vezes que entro num palco, vem-me aquela visão de elegância e a custo consigo reprimir uma boa gargalhada.

Já imaginaram nós dois, velhos conhecidos e ensaiados, a fazermos salamaleques um para o outro?



Dunga lendo um discurso.
Acervo Família Rodrigues.

Discursos

A missão civilizadora de Dunga Rodrigues

Eduardo Mahon

“Cada sapo gaba a sua lagoa”, foi assim que Dunga Rodrigues inicia sua oração às alunas do conservatório musical. Se arriscássemos resumir a geração literária da autora, nenhuma outra frase seria mais adequada. Maria Benedita Deschamps Rodrigues inventou-se como “Dunga”, isto é, uma personagem que encarnava a estirpe da cuiabania de quatro costados. O sentimento regionalista, infundido nos contemporâneos pelo arcebispo-poeta D. Aquino, continuou ecoando no imaginário da intelectualidade mato-grossense, reciclando-se ao longo do tempo em estilos diversos, mas conservando a temática autorreferente.

A epígrafe usada por Dunga é paradigmática. Porque os sapos vivem no brejo. E o brejo, no caso, é Mato Grosso. A sensação de isolamento, esquecimento e de atraso é a tônica colonial que se perpetuou nos relatos históricos de vários viajantes que registraram um território inculto e belo. Com muita competência, a escritora captou a imagem alagadiça que não apenas remete às águas que formam os charcos pantaneiros, como também reforçou o imaginário de atolamento cultural no qual vivia o estado, abandonado à própria sorte pelo litoral moderno e civilizado. Pelo menos foi esse o conceito constituído pela trinca Aquino-Mesquita-Virgílio, fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras.

Dunga cumpria o “programa” literário proposto por D. Aquino: manter o conservadorismo estético e fomentar a mensagem do progresso material. A “missão civilizadora” citada pela autora é um eco da primeira geração de escritores que abandonou as imagens de um Parnaso estrangeiro dos poetas que publicavam nos periódicos da época para se entranhar das cores, cheiros e sabores mato-grossenses. Tratava-se de uma estratégia de “integração”

por meio da contribuição imagética à brasilidade que se buscava desde os primeiros românticos brasileiros. Não é por outra razão que, num dos muitos exercícios memorialistas, a autora registra em tom confessional:

Muito cedo conheci as poesias de Olavo Bilac. Nelas escutei todo o amor pátrio que em mim floresceu e criou raízes profundas, agarrativas e inalteráveis ao decorrer da vida.

No caso de Mato Grosso, em que pese as reiteradas referências à bravura dos povos indígenas aniquilados pelo processo de interiorização colonial, foi o bandeirante paulista quem inspirou uma lendária origem racial da “cuiabania”. Dunga representava essa tradição, uma tradição inventada pela intelectualidade nortista que lutava por fixar em Cuiabá o centro cultural, político e econômico do estado, a despeito do crescimento acelerado das cidades sulistas. Confrontada com a chegada dos trilhos até Campo Grande, alçada a capital do novo estado desmembrado, os contemporâneos de Dunga arrogaram-se ferrenhamente na defesa da ameaçada nobiliarquia cuiabana.

Fosse pela fluência no francês, fosse pela destreza no piano, o memorialismo engajado da autora configurou-se não mais que uma extensão ideológica do movimento que começara no primeiro quarto do século XX. De Dunga emanavam muitas mensagens ambivalentes: para os de dentro, lamentava o barbarismo cultural contra o qual lutava, exortando o povo ao refinamento civilizatório; para os de fora, recomendava moderação na chegada por meio de uma integração subordinada às tradições locais. Quem se adaptava, era aceito na tribo. Os recalcitrantes eram hostilizados com as tiradas pernósticas da engenhosidade cuiabana.

Ainda que apoiassem a política getulista de interiorização brasileira, o ressentimento marcou os intelectuais e políticos da geração de Dunga. Do baú dos neologismos locais, sacaram o “pau-rodado” com o qual alcunhavam o migrante, tomado como invasor. Não por outra razão, a crônica memorialista constituiu o estilo predominante da prosa cuiabana, preocupada com narrativas ensimesmadas. Contar “causos” e render homenagens às figuras marcantes da cuiabania era fundamental para contrabalançar a decadência nortista. Na medida em que se comemorava

o progresso da Marcha para o Oeste, lamentava-se o idílio de um passado provinciano.

Na verdade, era essa a reação intelectual pautada numa ideologia conservadora que não logrou se reinventar no tempo. Contudo, não deixava de ser a exortação às “coisas de antanho” e aos “varões cuiabanos” uma espécie de senha para abrir as portas das instituições culturais de maior prestígio que legitimavam, timbravam e imortalizavam os intelectuais que seguissem a catecismo da cuiabanidade.

Essas imagens paradoxais emitidas por Dunga são dignas de estudo. Uma mulher que defendia a emancipação feminina, mas que destacava entre os múltiplos trabalhos do Grêmio Júlia Lopes, a escola de prendas domésticas. Uma refinada intelectual que professava o piano clássico, mas que publicava receitas de bolo de arroz e biscoitos de polvilho. Uma professora de sobrenome afrancesado, mas que incorporou o apelido regionalista, cuiabanizando-se de corpo e alma. Pode-se dizer que Dunga, a seu modo, espelhou-se em Leverger, o paradigma civilizatório que inspirou a elite cuiabana da geração de Aquino.

Marphysa, por exemplo, uma obra de referência em meio a tão raros romances escritos em Mato Grosso durante a terça parte do século XX, é a história de uma donzela de tradicional família cuiabana enganada por um forasteiro golpista. Noutras palavras, o enredo reflete a trajetória de uma região deflorada pela ambição do pau-rodado, elemento estranho às tradições cuiabananas que quer roubar da terra as riquezas para evadir-se em seguida. A escritora vivia em meio a desejos conflitantes de progresso e tradição, de desenvolvimento e conservação, de modernidade e passadismo.

Nesse difícil equilíbrio, Dunga trabalhou intensamente por um futuro impossível. É como se desejasse que o estado crescesse loteado em pequenos quintais, onde o povo desfrutasse de mangas e cajus enquanto trafegava pelas avenidas. É como se quisesse uma cidade urbanizada por ribeirinhos que tomavam a fresca do fim de tarde nas cadeiras de balanço em frente às casas de adobe. A modernidade da geração de Dunga Rodrigues era conjugada no condicional: progresso sem mudança; modernidade sem tecnolo-

gia e, se possível, integração nacional sem gente de fora. Enfim, era uma receita de omelete sem quebrar os ovos.

Muito embora possamos estabelecer pontes entre a produção de Dunga e o meio político e cultural a que ela se filiou, é essencial que destaquemos o talento dessa grande mulher. Nossa escritora não apenas reforçou convenções locais, mas também as desafiou. Escrever um romance era, em si, um enfrentamento intelectual num meio marcadamente patriarcal. Manter-se solteira e financeiramente independente foi um exemplo maior do que os discursos que exaltavam os deveres do lar. A picardia com a qual vergastava os costumes locais era a pior crítica contra o bairrismo que pretendia notabilizar. Em resumo, Dunga subverteu o velho adágio do “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. No caso dela, o corajoso exemplo de emancipação desdizia a própria mentalidade catequizada pelos cânones de sua época.

Dunga não vivia apenas de gabar a sua lagoa. Na prática, espelhou o melhor e o pior dos sapos que coaxavam o regionalismo mato-grossense. O telúrico das águas, a força da miscigenação, a ludicidade da paisagem, a catalogação de lendas confrontava-se com a solidão do isolamento, o ressentimento pelas derrotas geopolíticas e, mais do que tudo, a frustração do provincianismo. Nos textos da autora, é possível vê-la como caça e caçadora, espelho e reflexo, num misto de orgulho e preconceito. Pelos livros foi respeitada. Além deles, foi amada. Hoje em dia, Dunga é simplesmente reconhecida. O que de melhor uma escritora poderia esperar do tempo?

Discursos dirigido aos Missionários Salesianos

Dunga Rodrigues

Reverendíssimos Missionários

Recebemos, como uma distinção ímpar, esta honrosa incumbência de agradecer aos sacerdotes que nos trouxeram a dádiva de uma convivência religiosa nestes dias de verdadeira renovação da fé cristã, na piedosa paróquia de S. Gonçalo.

A movimentada freguesia do padre Antônio.

Estas cerimônias, todo este movimento religioso, enfim, os acolhemos como benção especial, como um presente de suma relevância para a formação e a consolidação espirituais de todos os paroquianos.

Revigoroamento essencial, sobretudo nesta fase da nossa vida profana cujos pecados se estendem por toda a civilização da humanidade.

Pois, enquanto a tecnologia avança, enquanto os costumes se transformam e se deterioram, a igreja se nos apresenta inabalável, firme a nos apontar o caminho da redenção.

Com isto, entretanto, não queremos dizer que ela não se movimente, ou se coloque à margem do progresso.

Muito pelo contrário, sem querermos nos referir às desagradáveis ocorrências, dentro da própria igreja, que não afetou felizmente integridade dos seus dogmas, ela ai está, mais próxima do povo, mais à mão, sempre pronta a aconselhar e a socorrer os desventurados, os necessitados.

Foi com os grandes acontecimentos históricos do fim do século XVII e início do século XIX, hoje com o surgimento da máquina, que se vislumbravam os sinais da primeira tomada de conta da nova posição da igreja.

Deram-nos as atuais diretrizes a Encíclica *Rerum Novarum* e *Populorum Progressio*.

Acompanhando a evolução do mundo, na sua profunda missão civilizadora, ela analisa, julga e condena os erros de todas as inova-

ções quer sociais, políticas e mesmo tecnológicas, conservando-se incólume através dos séculos.

E se alguém julga que estas prodigiosas descobertas científicas de nossos dias, se evidenciam em detrimento da fé, ouçam o que afirma apenas um, dos mais notáveis sábios de nossos dias.

É ele Wernher Von Braun.

“No nosso mundo moderno, muitas pessoas pensam que a ciência tornou, de certo modo, essas ideias, como a imortalidade da alma desatualizada e fora da moda.

Creio, no entanto, que a ciência trouxe verdadeira surpresa para os céticos.

A ciência nos diz, por exemplo, que na natureza nem mesmo a menor partícula pode desaparecer sem deixar vestígio.

(E termina) – Pense um momento sobre isto: Ora, se Deus aplica esse princípio fundamental às partes mais diminutas e insignificantes do seu universo, não parece lógico presumir que Ele o aplica também à obra-prima de sua criação, a alma humana?”

O papel social da igreja, pois, em nossos dias é de uma importância vital.

Os soldados desta campanha, os nossos cruzados da era moderna, sois vós, por excelência, abnegados missionários.

Vós, cujo invulgar dinamismo é uma graça do próprio Cristo, para manterdes sempre aceso no mundo, o círio da fé no coração de toda a criatura.

Muitas graças vos damos, pois pelo gesto que tivestes, renunciando às justas férias para um proveitosa visita aos católicos do Porto.

Por todos os paroquianos ou não paroquianos o nosso muito obrigado do mais profundo do coração.

Discurso pronunciado em 1947, por ocasião da posse da nova diretoria do Grêmio Literário Júlia Lopes, em nome da presidente eleita Maria de Lourdes de Oliveira

Dunga Rodrigues

Contou-me, pessoa de reconhecida atuação nesta agremiação que, certa vez, para se esquivar a manifestações e prebendas a que a obrigava um alto posto de que se investira, mudara a rota de sua viagem, e num Pégaso de Aço passou ao largo ou melhor do alto da cidade onde era festivamente esperada.

Trazida pelas mãos desta mesma pessoa ao honroso cargo de Diretora deste Grêmio, quis imitar lhe o exemplo e numa fuga tão rápida e confortável, quanto dispendiosa, que nos proporcionam essas companhias aéreas, fui esconder-me em Corumbá, esperando que o meu nome fosse esquecido e outro ilustre o substituísse.

Depois, refleti: E embora Napoleão o afirme, eu o contesto: nem no amor a fuga é uma vitória. E para me penitenciar deste ato de covardia aqui me tendes pronta a assumir o termo de compromisso desta Associação que, por contar 31 anos de proveitosa existência, mui digna seria de melhor destino.

A data 26 de novembro de 1916 assinala no calendário intelectual mato-grossense um acontecimento de extraordinário relevo, cabendo-lhe a láurea de primar nesse movimento associativo donde surgiu o Grêmio Júlia Lopes. Dois anos após o Instituto Histórico e cinco anos mais tarde a Academia de Letras.

Uma plêiade de jovens inteligentes, num feito precursor, congregou-se sob o patrocínio de uma escritora ilustre, de peregrina inteligência, sólida cultura e espírito de ação e de trabalho.

Esta sociedade, portadora de um nome tão altamente dotado, destinava-se a elevar o nível da cultura feminina, impulsionar as iniciativas artísticas e literárias e a defender direitos e cargos públicos que ainda não haviam sido outorgados à mulher.

Hoje, após seis lustros de sua fundação, ao lançarmos um olhar retrospectivo nesse transcurso, tão longe de ser tapetado de rosas como o devera, mas eivado de dificuldades e empecilhos a que estão sujeitas as agremiações dessa natureza, vamos com júbilo concretizadas, senão todas, mas o melhor de suas aspirações e cumpridos fielmente os itens de seu programa.

Assim, na data da sua fundação, a mulher cuiabana, que se limitava apenas à missão de educadora, tem hoje a esfera de sua atividade ampliada e ela vai emprestar aos diversos ramos da administração pública o brilho de uma inteligência ilustrada por uma cultura bem orientada, que uma educação mais desenvolvida lhe proporcionou.

A Escola Normal, fundada pelo seu Patrono, o Cel. Pedro Celestino, que foi o propagador mais desvelado e carinhoso da instrução em Mato Grosso, a Escola Normal, que foi o maior baluarte da cultura feminina, contribuiu grandemente para o surto de elevação espiritual de que se achavam penetradas as nossas consórcias fundadoras. E, como resultante, vemo-las ocupando sem em nada os desmerecer, cargos de alta responsabilidade disputando os primeiros lugares nos concursos a empregos federais e, duas delas, Maria de Arruda Müller e Ana Luiza Prado Bastos, elevadas ao cenáculo de nossas letras, ombreando-se com os luminares da intelectualidade mato-grossense.

E, digamos de um modo frisante, sem prejuízo ou descuro do seu lar, como assustadoramente pensava um destes espíritos contrários ao desenvolvimento intelectual da mulher, a ponto de inquerir de nossa redatora “que papel o marido passaria a desempenhar, quando isto casualmente se desse?

Pelo órgão “*A Violeta*”, cujo esteio é a Sra. Maria Dimpina Lobo Duarte, vem trabalhando pela vitória de todas as ideias úteis e profícuas ventiladas pelo nosso governo ou por iniciativa de particulares.

Em 1921, apontando o exemplo da Rainha Elizabeth da Bélgica, que nas eleições de 24 de abril desse ano dava às urnas o primeiro voto de eleitora feminina, concitava a nossa revista a pretensão desse direito a todas as mulheres brasileiras, tão dignas quanto a rainha belga, de participar como um cidadão na escolha de seus representantes.

E assim, a todo o passo à frente dado pelo progresso feminino era registrado entusiasticamente nas suas colunas. Em 1923 louva o Sr. Aurelino Leal, interventor federal no Estado do Rio, que nomeou D. Alba Benna de Souza a 1ª Tabeliã no Brasil.

E já colaborando nos festejos comemorativos da data bicentenária de Cuiabá, já ofertando ao Tiro de Guerra Batista das Neves uma rica bandeira e já à extinção do Tiro 623, reclamando que se conservasse e se recolhesse à Biblioteca Pública, como recordação histórica esse pendão auriverde dava exemplo de amor e culto pelas causas pátrias.

Os problemas palpitantes do nosso Estado, suas estradas, suas vias públicas, o zelo pelos recantos que embelezam a nossa cidade, são trazidos à baila pelo trabalho inestimável da nossa cronista que era dantes auxiliada pela mui veneranda D. Bernardina Rich, cujo nome se perpetuou na história deste Grêmio, de tal modo a ele se vinculou pela sua operosidade e devotamento.

O feito, porém, de maior vulto conseguido vitoriosamente pelos esforços do Grêmio é, sem dúvida, a criação da Escola Doméstica D. Júlia, hoje em crescente atividade.

Participou sempre dos seus anseios a criação de um Curso Profissional Feminino. Em 1919, conseguiu que o município, na gestão de Alexandre Addôr, fundasse a Escola Profissional Feminina, onde era ministrado com capricho, sob a proficiente direção de D. Elvira Rueda, o ensino de confecção de roupas, trabalhos manuais, incluindo remendos e consertos, além de um curso complementar onde as alunas adquiriam conhecimentos de português, aritmética, geografia e história. Como o seu funcionamento redundasse em ônus para os cofres da Prefeitura, que não conseguiu mantê-la, esta Escola não progrediu dois anos.

Aproveitando-se de um auxílio da Legião Brasileira de Assistência e de um belo gesto de Filinto de Almeida, que doou ao governo CR\$ 10.000,00, fundou-se em novembro de 1946 a Escola Doméstica D. Júlia que se acha funcionando provisoriamente. O trigésimo aniversário da primeira reunião deste sodalício foi, pois, sobejamente comemorado.

Na exposição realizada em julho do corrente ano, puderam se admirar os trabalhos das alunas que frequentavam os seus cursos

de costura, arte culinária e puericultura, a par de outras noções úteis da vida prática e social.

Deixar que se estiole e feneça por falta da seiva uma planta mediana, com tanto esforço e persistência, seria egoísmo, seria demonstrar um indiferentismo que não é da nossa índole.

Convenhamos em defender este novo arremesso que conseguiu tornar-se realidade, e já ali vai bem oportuno e frutífero, incrementemos o número de nossas consócias, tão diminuto pelo vultoso do empreendimento que se impuseram.

Não tenho uma plataforma de governo e, se promettesse algo, se delineassem programas, seria alardear méritos que não possuo, e com o dizer de Montesquieu: “desenchavida coisa é o louvor, quando recai no lugar donde parte”.

É somente contando com a boa vontade e o espírito de colaboração de nossa sociedade, que sempre acolheu com simpatia todas as iniciativas deste Grêmio, que eu espero não deixar passar em branco este período em que fui distinguida com a sua chefia.

Agradeço desvanecida as palavras honradas com que me saudou a gentil representação da Escola Doméstica, e os mesmos sentimentos me assistem ao agradecer as consócias que me demonstraram tão lisonjeira preferência.

Discurso pronunciado no lançamento do livro *Cuiabá ao longo de 100 anos*, em parceria com Maria de Arruda Müller

Dunga Rodrigues

Digníssimas Autoridades.

Senhoras e Senhores.

A finalidade da nossa presença neste cenáculo é apresentar os nossos agradecimentos (meus e de D. Maria Ponce de Arruda Müller) à Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso na pessoa do seu presidente Ari Wojcik e também ao Senai pelo apoio dado ao nosso trabalho "*Cuiabá ao longo de Cem anos*", que hoje o recebemos transformado em livro.

Não é compêndio didático, pois não pretendemos em nenhum momento ditar normas ou conhecimentos científicos e pedagógicos. Nem, tampouco, ditar conselhos ou exibir erudição.

É apenas um apanhado de lembranças da nossa terra que, após a penetração do Centro-Oeste, com a plantação de Brasília, deu uma guinada violenta nos seus hábitos e costumes, avolumando-se a sua população com adventícios que para cá trouxeram os seus hábitos, a sua história e as suas tradições populares, demonstrando beneficentemente o amor às suas raízes.

Resolvemos, então, dar uma voltinha ao passado: D. Maria Müller se ateve mais aos sócio beneficentes durante o longo período em que se projetou como primeira dama do Estado na década de quarenta.

Eu escolhi o dia a dia. Aquela vivência que dava ao nosso meio características de uma só família, com seus disque-disques apimentados, mas possuída de um sentimento de solidariedade comvente, nos quadros difíceis que a atingiram.

Na realidade, aos advenas mal informados que, ressabiados, aqui aportaram após uma longa viagem, vencendo baixios à zinga e lutando contra a correnteza do nosso rio, surpreendia-lhes

não encontrar aqui apenas uma aldeia com índios e onças. Tal supunham.

Tudo lhes era inesperado: a nossa tralha cadeira, móveis e utensílios domésticos, tecidos, livros, até revistas recebíamos de além-mar.

Lembra-nos a *Illustrazione* – revista italiana que meu pai assinava, através da qual conheci toda a arte renascentista europeia.

Os magnatas da borracha se permitiam gastos nababescos e, como todos se frequentam, íamos tomando conhecimento dos progressos de uma civilização, cujo alcance o Rio da Prata nos facilitava.

E, para confirmar o conceito de Terra Agarrativa, que fez um bretão cuiabanizar e se tornar um herói nacional, transcrevemos no livro o depoimento de um médico carioca, o Dr. Floriano Lemos, que sentiu na pele os fluidos encantados desta terra, jamais a esquecendo, sempre a recorda-la na nos seus artigos publicados no *Correio da Manhã* da então capital da República. As suas referências a esta cidade são de uma ternura ímpar, oferecendo às autoridades que compõem a mesa alguns exemplares.

Finalizando, agradecemos, cordialmente, uma vez mais ao Dr. Ari Wojcik esta oportunidade de vermos registrado em livro este tributo desprezioso, porém muito sincero à nossa muito amada Cuiabá.

Discurso de posse na Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira 39)⁴

Dunga Rodrigues

Impressionou-me ao tê-lo às mãos, numa Revista da Academia Brasileira de Letras, o discurso de posse de Machado de Assis, quando do seu ingresso entre os imortais.

As suas palavras simples, porém escorreitas, como seu próprio modo de se expressar, evitava frases introdutórias do discurso com desvanecimentos de modéstia e escusas pelos eventuais deméritos.

Adorei. Sempre vi com maus olhos os lances de modéstia. Acho este sentimento muito com ares de vaidade camuflada. Interiormente, disse: “Quando me vir em tais circunstâncias usarei de empréstimo estas mesma palavras”.

Naquele já longínquo período do quarto ano do grupo escolar, jamais sonharia estar hoje em situação idêntica a do grande mestre da literatura.

E, sinceramente, não sentindo modéstia alguma. Ao contrário, estou invadida de de um grande reconhecimento e prazer, pois sei que apenas a amizade, um dos melhores e sublimes dotes cultivados pelo homem, sentimento a que mais prezo, me trouxeram a este recinto.

E repetindo as palavras do mesmo Machado “as homenagens não se deve procura-las, entretanto, ela nos vêm ao encalço, será despautério recusá-las”. Pois, estou aqui entre os escritores da minha terra para fazer o meu auto de fé.

Antônio Tolentino de Almeida

É o meu patrono, dono da Cadeira n. 39 que venho a ocupar.

Como recordação pessoal, pouco tenho a acrescentar ao que se conhece da vida do poeta.

Estabelecido em Santo Antônio do Rio Abaixo, hoje Santo Antônio do Leverger, uma vila isolada e distante de Cuiabá, pela precariedade de comunicação, ouvi, entretanto, meus tios

4 Este discurso foi retirado da Revista da AML de 1985, p. 111 a 130.

Armando e Leonídio declamarem os seus versos e falarem dele com simpatia. Suponho terem sido amigos.

Uma curiosidade na vida de Tolentino: morreu na mesma data do seu nascimento.

Veio ao mundo na cidade de Rosário Oeste, no dia 24 de janeiro de 1876 e faleceu em Santo Antônio no dia 24 de janeiro de 1938, quando completava 62 anos de idade.

A sua poesia acompanha os lances épicos da nossa história e dos seus versos se depreende um acendrado amor à Pátria, nas rimas exaltadas de sentimentos de louvor e respeito aos nossos heróis, e de repulsa ao inimigo.

Antônio João

O selvagismo hediondo, tão contrário
Às leis de humanidade, a mais remota,
Envolveu Urbietta num sudário
Que filtra lama que jamais se esgota

Quinze bravos somente não temeram
Três centenas de vândalos sem alma,
Pela Pátria querida pereceram,
Conquistando de mártires a palma.

Descrevendo a retirada da Laguna, da qual também participou o meu avô Bento José Rodrigues no verdor dos seus 16 anos.

Retirada da Laguna

Dois anos já de travessia ousada!
Muitos findaram na cruel jornada
Até Miranda, que alarmada está.
Dali por diante surge o horror da guerra,
As privações por inimigas terras...
(referindo-se ao capitão Camisão)
O valoroso lutador prossegue
Na rota perigosa, sempre entregue
A mil cogitações que n'alma tem

É seu plano atirar-se para o norte
Da inimiga nação, porém a sorte
Não o deixa avançar, passar além.
(e quando o cólera morbus dizima a coluna_
Mais um quadro horroroso, e ele é triste
Que não sei comparar e nem se existe
Ou se existiu no mundo cena tal
É forçoso o abandono dos coléricos.
Todos vós que admirais casos homéricos
Dizei-me se existe a este igual?

Cantando a memória do general Melo, o Bravo, trazendo
os fugitivos de Corumbá, quando da invasão paraguaia:

Quando do Paraguai a fuga intensa
Totalmente invadida Corumbá,
Famílias e famílias sem detença
Prestes partiram para Cuiabá

Mas foi uma viagem acidentada, no maior desconforto, arros-
tando o temor de se lhe deparar o inimigo, que vinha farejando
as pegadas. Continua:

Quantos dias de agruras nas campanhas
Vendo a foice da morte sempre perto
Não mourejou entre visões estranhas
Aquela gente por um rumo incerto?

E agora, a retomada de Corumbá:

Quando António Maria, o insigne comandante
Da nobre missão, sobre as águas descia
De bordo, um grave adeus, mandava confiante
À gente que ficava e os lençóis sacudia.
Aproxima-se o instante... oh! Corumbá, desperta
Do horrível pesadelo em que te vês perdida!

Não muito tardará que te vejas deserta
Da malsinada gente, a nossos pés, sem vida

.....

Quando o sangue cessou de avermelhar a terra
E vibrava o clarim a nota triunfal,
Quadro sinistro viu-se uma tela que encerra
Visões que teve Dante em seu livro imortal.

Não se esqueceu do combate do Alegre, quando, vitoriosos, retornaram aos lares, heróis da retomada de Corumbá e foram atacados de surpresa por contingentes paraguaios, tendo, porém, rechaçado com denodo a golpe vil.

Nestes versos relata o encontro de dois vapores desiguais em capacidade, mas destacando o nosso pela bravura de seus tripulantes:

É o Salto de Guaira, que possante
Tem por fim abordar Antônio João.
O canhoeiro estronda retumbante
Toda mosquetaria sibilante
D'água e de terra ecoa na amplidão

A Rusga, movimento que veio denegrir a nossa história, é contada por Tolentino que, repudiando, espera olvidemos este crime nefando:

Não sei como apagar esta nódoa horrorosa
Feita de sangue e fel, das páginas da história.
Dos séculos, mais tarde, a esponja poderosa
No-la virá tirar do livro da memória.
Pinta-nos a Primeira Guerra e louva os seus heróis.

Fala do bandeirante denodado, menciona o Riacho do Ipiranga, onde surgiu a nossa Independência, enaltece Benjamin Constant, enfim ele nos conta toda a história pátria em linguagem estuante de civismo.

À propósito, os seus poemas são dignos de serem editados e divulgados, principalmente entre os jovens, hoje mais preocupados com problemas de outros países, ignorando quase sempre o panorama político, econômico e histórico de sua própria terra.

Ele próprio, numa visão profética do futuro desta terra, que hoje vemos expandir-se num progresso acelerado, exorta os moços:

Quando estas virgens e colossais florestas
Se fizerem dos homens conhecidas
E o caboclo acordar das moles sestas
Chorando as horas que passou perdidas.

.....

Certo serei para as nações do mundo
O paraíso por ninguém sonhado
O tesouro mais amplo e mais profundo
O celeiro maior, mais desejado

.....

Avante! avante! com as asas cautas
Em busca da glória, ó mocidade!
Pois sereis os sublimes argonautas
Do velo de ouro da felicidade.

A atualidade dos seis versos em português castiço, fluente e expressivo, fez-lhe tecer louvores ao escritor Monteiro Lobato, ao visitar Cuiabá.

Antônio Tolentino lhe obsequia com um soneto, no cruel demonstra, como sempre o seu gênio cavalheiresco e expressivo. Estes versos assim terminam:

Temos aqui o que desejas e amas:
Um povo que se esforça, em cujas veias
Corre o teu sangue com as mesmas chamas
Contempla as nossa natureza e pensa...
Depois leva as flores às mãos cheias,
No ouvido, a voz de gratidão imensa!

É Machado quem no-lo diz: um país forte se afirma por si mesmo, não necessita que o proclamem. Entretanto, a adolescência sempre alerta aos ideais inflamatórios, clama por algo que lhe incentive este potencial latente de sentimentos que, tanto podem ter caráter cívico, como religioso, social ou científico ou artístico.

Tomo um exemplo pessoal. Muito cedo conheci as poesias de Olavo Bilac. Nelas escutei todo o amor pátrio que em mim

floresceu e criou raízes profundas, agarrativas e inalteráveis ao decorrer da vida, a ponto de sempre estar citando extaziada com o seu estuante amor pátrio.

Até causando espanto por, em tenra idade, ter folheado livros tão licenciosos, como a sua coletânea de versos. Perplexa fiquei eu que até hoje procuro descobrir libertinagem em seus versos.

Pois, exatamente, fui encontrar da poesia de Antônio Tolentino dedicada a Olavo Bilac, palavras que poderíamos até atribuir ao próprio Tolentino, pela semelhança de inspiração de ambos ao se referirem constantemente ao nosso oásis:

Nos peitos juvenis desperta o pátrio e o santo
Nunca apagado amor à terra brasileira
Com teu verbo que prende, arrasta e inflama tanto.
Verás, após o afã da luta gloriosa
Tremular, respeitada, aos ventos, a bandeira
Da Pátria, que sonhaste ativa e poderosa.

Antônio Tolentino, poeta e jornalista, frequentou a Faculdade de Direito de São Paulo, mas não completou o curso, regressando à sua terra natal. Exerceu as funções de Promotor Público na cidade de Santo Antônio do Rio Abaixo. Também trabalhou como advogado provisionado.

Cognominado pelo acadêmico Ulisses Cuiabano “O poeta das ilusões”, publicou as seguintes obras:

Em 1910, *Ilusões Douradas*; ainda em 1910, a *Índia Rosa*. Em 1920 o poema *A retirada da Laguna*. Em 1937 editou *Romeiros do Ideal*.

Em *Romeiros do Ideal* tem-se uma coletânea de sextilhas épicas, sonetos e outros versos, que apelidou de *Ilusões Fanadas*, prefaciada pelo desembargador e poeta Olegário de Barros.

Foi casado com D. Rosalina, musa que fora buscar no município de Poconé, tendo um filho único, Dalmácio, que foi casado com D. Catarina Serra Mendes de Almeida, falecida prematuramente ao dar a luz ao que seria o seu primeiro neto.

O poeta cantou em versos esta perda, chamando-a minha nora, filha estremeçada, anjo, santa: *Aos céus subistes por brilhantes sendas, tendo por guia o seu filhinho*. Hoje, o túmulo de ambos é coberto de velas e flores votivas, por graças obtidas com a sua intercessão.

Meu ilustre antecessor, primeiro ocupante da Cadeira 39: Antônio Cesário de Figueiredo Neto, nascido a 30 de outubro de 1902, em Cuiabá, Mato Grosso. Seus pais: João Lourenço de Figueiredo e D. Francisca Isabel de Figueiredo. Foi casado com a minha amiga Célia Nunes de Barros Figueiredo, pais da professora Ana Lúcia de Figueiredo Dal'Torto.

Estudou o ginásio no Liceu Cuiabano, onde o seu destaque nas aulas de Latim mereceu do conceituado professor Januário Rondon a seguinte lisonjeira observação: *Agora já posso dizer que tenho um professor para me substituir a altura.*

Cursou a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, mas a abandonou no 2º ano, para se tornar autodidata.

Nos tópicos de sua vida profissional destacamos a sua atuação como:

– Catedrático de Psicologia Educacional, na Escola Normal Pedro Celestino; catedrático de Língua Portuguesa no Liceu Cuiabano; professor de Latim no Liceu Cuiabano; Professor de Literatura Portuguesa e de Literatura Brasileira na Faculdade de Ciências e Letras de Campinas, na Universidade Católica de São Paulo; professor de Língua Portuguesa, Latim e Francês do Ginásio Brasil; professor de Espanhol do Liceu Cuiabano e professor de Linguística na Universidade Federal de Mato Grosso. Nesta universidade proferiu ainda a conferência sobre Camões, durante a Semana Camoniana.

Entre os seus trabalhos publicados destacamos: *O étimo do preto*, (Linguística); *Uma Etimologia Incerta do Verbo Deixar* (Linguística). Sobre este último trabalho, em 1936, publicou no *Jornal do Comércio*, Serafim Neto, considerado o maior filólogo brasileiro, as seguintes palavras: *O Étimo da palavra deixar já estava escrita por mim este verbete, quando no Jornal do Comércio, de 19 de junho de 1936, publicou o Sr. Cesário Neto, de Cuiabá, erudito artigo em que chega às mesmas conclusões que eu. No suculento artigo, mostrou o Sr. Cesário que, em Gil Vicente já se emparelhavam as duas vozes: LEIXAR e DEIXAR. É preciso lembrar, como o fez o Sr. Cesário, a influência do grego.*

Cesário Neto publicou ainda: *Infinito pessoal e impessoal*, saído a lume em 1919, aos 17 anos de idade; *Na pista do rocinante*, crítica literária onde rebateu com veemência e invulgar talento as invectivas de Luís Murat contra o inatacável Machado de Assis;

Do cruzamento sintático na Língua Portuguesa, Folologia; O topônimo Barra do Bugres (uma nótula filológica); Formação de Palavras (Filologia); O Sentido Linguístico e Social de Camões (Linguística).

Publicou também outros vários trabalhos em revistas brasileiras e estrangeiras, principalmente da Alemanha Ocidental, com as quais correspondia.

Recebeu as seguintes agraciações: adoção, pela PUC do Rio Grande do Sul da obra *O Sentido Linguístico e Social de Camões* como texto de estudo do curso de pós-graduação em Linguística e Letras.

Recebeu o título de Grande Educador conferido pelos licenciados do curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso.

Como veem, torna-se difícil vencer os meus escrúpulos literários para vir ocupar a Cadeira do ilustre e sábio ausente.

Não terei a pretensão de a personalidade do Professor Cesário Neto em nenhuma destas facetas: o cientista do vernáculo, o autodidata, o filólogo e o filósofo, o homem de letras. Enfim, sinto carecer de autoridade para abalizar tão alto expoente da nossa cultura.

Prefiro recordá-lo como amigo, em cujas palestras familiares pode-se-ia haurir uma lição de vida.

Estudando com ele durante quatro anos consecutivos, as nossas aulas se prolongavam casa a dentro, em serões sempre proveitosos.

Pelo seu currículo, notamos a versatilidade dos seus conhecimentos que se avantajam não só pela abrangência como pela profundidade, pois, desde jovem o Professor Cesário apresentou demonstrações evidentes de uma inteligência privilegiada e invulgar.

Ao apresentar à apreciação do grande filólogo Mário Barreto a sua tese à cadeira de Português do nosso magistério, as palavras elogiosas ouvidas foram as seguintes: *Esta é uma tese de professor e não para professor*. Esta mesma tese, segundo depoimento do coronel Paulo Trajano da Silva, então aluno da Escola Militar de Rezende, foi discutida e elogiada em aula pelo insigne professor Mário Barreto.

Comentava-se a parcimônia de seus escritos. Chegava-se a aventar certo temor de se cometer erros.

Quanta ironia. Isto prova o desconhecimento total de sua capacidade.

O professor Cesário Neto podia dissecar um pensamento filosófico na linguagem mais burilada e precisa, em questão de segundos.

O que ele evitava, sim, era o lugar comum, as repetições, o ineditismo já divulgado. Aliás, sobre isto sempre comentava a grande falta de conhecimento dos clássicos nacionais e estrangeiros relegados pela juventude, como passadismo inócuo. Muitas vezes apontava ele ideias repetitivas que os outros escritores já haviam divulgado sobejamente.

Na verdade, quem lê *Bernardes*, na sua Nova Floresta encontra aí todas as situações sociais analisadas e ponderadas. Em *Les caracteres*, de La Bruyere, encontramos a alma humana esmerilhadas em todos os seus escaninhos, e em Montagne toda a filosofia de um pensador arguto e honesto.

Montagne... estou a ouvi-lo explicar a função do “i” em missão de abrandamento, junto ao vocábulo “gn”.

Era assim, poliglota, conhecendo e falando corretamente o francês inglês, alemão e espanhol, as palavras não lhe ofereciam segredos. Sabia decompô-las e perscrutar-lhes a origem.

Não simulava fingida modéstia, mas repetia em convicta dedução, o seu dever, mencionando a pequena bagagem de saber de que dispunha: *Diante da brevidade da vida, equacionando-a com a enorme massa de conhecimentos já comprovados, precisaríamos de muitas existências para armazenarmos. relativa sabedoria.* E completava: *A modéstia do sábio não é qualidade, é condição.*

Comedimento – Lembram-nos as suas observações diante dos discursos laudatórios muito prolongados: *Devemos ser breves e concisos nas alocações. Normalmente nos empolgamos com a nossa própria vaidade, que, por breves instantes, nos transformam em centro de atenção e tripudiamos sobre a paciência dos ouvintes, distendendo a nossa parlenda por tempo indefinido.*

Gongorismo – também condenava o prolixismo, as excessivas metáforas, inversões e antíteses, o esmerar na escolha das palavras pouco usadas e os termos complicados. Isto, dizia, parece um artifício precário para esconder a pobreza das ideias.

Amigo, sem restrições era ao mesmo tempo o mestre sem ambições materiais. Conversava e ensinava sem o perceber.

Lembra-nos detalhes de sua palestra *Metodologia – Ensinar é organizar, arranjar, constituir, formar as bases. Sobre tudo as bases, sem as quais tudo vem a ruir.*

Vaidade – Assim costumava a dizer quando se lhe deparavam indivíduos excessivamente ufanos do próprio saber: *Se as pessoas se inflammassem na proporção de suas vaidades, elas estariam se atritando, esbarrando-se umas as outras para se locomover.*

Profecia - Quando da Revolução de 1964: *Hoje estão todos eufóricos. Daqui a vinte anos estar-se-ão debatendo para se livrar de um regime de caráter permanente.*

Foi assim o homem que, no cotidiano, deixava vislumbrar o sutil biógrafo de Machado de Assis, quando com ardores de um amigo devotado e leitor assíduo e perolustador de sua obra, o defendeu com veemência e capacidade invulgar, dos apodos inescrupulosos e ofensivos do escritor Luís Murat. Defendeu-o com todas as armas do seu brilhante talento, mas ressaltou: *Não escrevo por ódio ou demolição.*

Na verdade, escreveu com ardor, como a defender um amigo do peito. Foi aí que defendeu magistralmente o que o outro não sabia discernir: a diferença entre o humor e a sátira: *A sátira é imediata, visando a aspectos sociais, fatos ou indivíduo; o humor atinge a humanidade toda, nas suas misérias irreversíveis e dolorosas. A sátira pode ofender a um interesse limitado no tempo. O humor é eterno porque a dor é eterna.*

Outros pensamentos sábios afloram na *Pista do Rocinante*. E termina ensinando o Sr. Murat a ler e a compreender Machado de Assis: *Não queiramos penetrar na obra de Machado de Assis como quem vai espáreecer a um jardim florido ou a uma horta de couves e de repolhos; não, as suas páginas profundas são antes aquela SELVA SELGAGGIA, cujos troncos têm raízes seculares nas grandes dores humanas, e cujos frutos nos saberão ao misto de doçura e travor, que palpita em tudo que é humano.*

Lastimamos não nos ter deixado mais obras que o seu talento nos poderia legar.

Trabalhou por mais de quarenta anos uma ideias inéditas sobre importante situação linguística. O enorme acervo de apontamentos parecia oprimir e desafiar a sua saúde, fazendo-o adiar sempre a consecução deste trabalho. Parece caber-nos um pouco de culpa por essa omissão, não o forçando com convite para conferências,

conseguindo, desta forma, que, pelo menos o trabalho ficasse esquematizado ou resumido.

Estou aventando esta culpa porque há cerca de um ano a Universidade Federal de Mato Grosso importou um conferencista que parecia querer abordar este mesmo assunto. Porém, de maneira titubeante, parecendo tatear, meio perdido, ao passo que deixamos escapar um cientista do tema. Tão próximo o tivemos e não soubemos aproveitá-lo. Não conseguimos reverenciar o santo da casa.

Agora, o meu receptor: Ant3nio de Arruda.

Somos unidos por laços de parentesco. No entanto, qualquer elogio a sua pessoa se torna distante de favoritismo, pois sua personalidade 3 sobejamente conhecida em todo o brilhantismo de suas facetas, e se harmoniza em conson3ncia com a figura do nosso ilustre antecessor, que acabamos de focalizar.

Como principal bandeira desta minha candidatura, n3o lhe devo apenas agradecimentos, devo-lhe admiraç3o. Com ele tenho pelo menos um ponto em comum: estudamos o gin3sial no mesmo Liceu Cuiabano e, ao terminarmos o curso, nos ingressamos num concurso para o Minist3rio da Fazenda.

Num tempo de favoritismos pol3ticos acentuados, fomos os 3nicos a n3o ser nomeados. Eu ainda tive a curiosidade de ver minha classificaç3o, um dos 3ltimos lugares. Obtida aqui em Cuiab3, recuada para um honroso quarto lugar na classificaç3o feita no Rio de Janeiro.

Mas, cremos ambos termos lucrado. Eu, por ter abraçado o magist3rio, uma profiss3o na qual me integrei plenamente; Ant3nio de Arruda por ter seguido uma trajet3ria pontilhada com as marcas indel3veis do seu talento, cultura e erudiç3o.

Nem sempre temos oportunidade de divulgar as nobre atividades da pessoa. Faço-o neste momento, porque talvez muitos ignorem os honrosos t3tulos de que 3 portador.

Ant3nio de Arruda formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem o Curso Superior de Guerra na ESG, e do Col3gio Interamericano de Defesa, feito em Washington.

Entre os seus variados cargos e comiss3es, destacamos: exercendo a carreira jur3dica, chegou a desembargador e presidente do Tribunal de Justiça, membro e vice-presidente do Conselho

Regional da Ordem dos Advogados de Mato Grosso, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, onde chegou a presidente.

Na Escola Superior de Guerra, António de Arruda foi Chefe da Divisão de Assuntos Psicossociais e da Divisão de Assuntos Políticos, sendo atualmente membro da Junta Consultiva da Escola. Entre outras, recebeu as seguintes condecorações: Medalha Clóvis Beviláqua, Medalha do Pacificador, Medalhas do Mérito Militar, Mérito Aeronáutico, Mérito Tamandaré, Medalha Santos Dumont, Medalha de Serviços Distintos Prestados à Magistratura, Medalha Comemorativa do Vigésimo aniversário da ESG. Foi o primeiro a receber a Medalha Cordeiro de Farias, recentemente criada na ESG (juntamente com o Almirante José Maria do Amaral).

António de Arruda publicou os livros: *História Superior de Guerra: história de sua doutrina*, 2ª edição, *Vultos Eminentíssimos de Mato Grosso*. Publicou também inúmeros trabalhos nos *Anais Forenses de Mato Grosso*, na *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, na *Revista dos Tribunais*, na *Revista do Serviço Público de Brasília*, na *Revista de Segurança e Desenvolvimento*, do Rio de Janeiro, na *Revista do Clube Militar*, também do Rio de Janeiro, na *Defesa Nacional* e na *Revista da Escola Superior de Guerra*.

Como veem, sinto-me, por assim dizer, esmagada e inibida por duas potências culturais.

Aqui, então, reconheço como são fortes os laços de simpatia e estima: eles me acalentam e ao mesmo tempo amedrontam, pois só a eles devo o ser guindada a estes píncaros. Muito obrigada.

Quero deixar, agora, uma lembrança de saudade ao meu amigo e eminente poeta Rosário Congro, cujo centenário de nascimento se comemorou no dia 11 do presente mês.

Meu auto de fé

De como relutei para aceitar o novo e honroso investimento, do qual tomo compromisso hoje. Para corroborar o que afirmo, devo remontar às minhas primeiras letras.

A primeira composição que apresentei no colégio valeram-me muitas lágrimas de decepção. Era uma descrição de carnaval.

Aos seis anos eu assistira, no Rio de Janeiro, o desfile dos carros alegóricos das grandes sociedades carnavalesca desta capital: os Fenianos, os Democráticos, os Tenentes dos Diabos. Guardei aquela imagem feérica de borboletas movendo as asas, elefantes descomunais trazendo nos costados cadeiras prateadas, onde se sentavam belas moças resplandecentes de lantejoulas e, entre nuvens de pluma, acenavam para a multidão. Dragões dourados, balões milicóres, uma festa inusitada de som e de luzes.

Na primeira oportunidade, eu me esbaldei, descrevendo a noite encantada a que presenciara não fazia muito.

Ao término da leitura, as colegas se entreolharam. Uma voz mais audaciosa gritou: É cópia de *jornal*!. Um riso coletivo de mofa, era o consentimento geral. Como bofetada gélida veio a sentença da professora: *Isto é um PLÁGIO!* Esta afirmativa veio acompanhada da explicação desta palavra, nova para mim. Foi assim que conheci o plágio.

Sem encontrar apoio, rompi em soluços. Eu não havia plagiado, eu assistira a tudo aquilo.

Mas... naquele tempo, os alunos não costumavam contestar o professor...

Bem verdade que os meus trabalhos agradavam e eu comecei a ser solicitada pelas colegas a fazer composições semelhantes, que negociava em troca de punhados de arazás, dos arbustos que vicejavam aos pés da imagem de Notre Dame de Lourdes, no pátio do colégio.

Ao me transferir para a Escola Modelo, a negociata continuou, porém, desta vez, as composições era trocadas por uma fita contendo cinco balas de queimada de Corinta, limpas, saborosas e douradinhas.

Eu me esbaldava, pois cheguei a ter uma freguesia de dez a doze redações diárias. Fui até apresentada a outras turmas, do quinto ao terceiro ano, como empreiteira de composições, permutando com fita de queimada de rapadura.

Explico: a minha merenda era pão com manteiga, considerada a mais sadia da época, e o dinheiro disponível era apenas para as passagens de ônibus. Esta prática valeu-me a familiaridade no trato com os sinônimos e antônimos, para diferenciar cada página.

Saindo das solicitações estomacais, passei a utilizar as imagens pictóricas. Em repouso, após uma queda, ou uma convalescência de gripe, via-me condenada a vagar pelas paisagens da telha-vã onde borrões de umidade faziam surgir um mundo de povoado de gnomos, gigantes e fadas e castelos encantados.

Nas tarefas escolares, muitas vezes me servi das paisagens, das cavernas, dos campos que via nas telhas. Era assim que me ocupava mais tarde, quando lutei e quebrei o braço, ou por outra circunstância qualquer me senti forçada a parar para me deitar e olhar o teto. Depois, comecei a escrever e a guardar para mim mesma.

Ensaiei os primeiros passos das minhas publicações no jornalzinho do colégio, "*A Chrysallida*". Ousei enviar alguns artigos para a revista "*A Violeta*" e alguns jornais da terra. Muito timidamente escondendo-me sob pseudônimos.

Um acontecimento inesperado, ao invés de provocar revolta, graças a Deus, fez-me transformar em pessoa corajosa e audaz: vi cinco dos meus primeiros trabalhos plagiados ostensivamente por pessoas bastante idôneas.

Isto foi um impulso a que não me envergonhasse daquilo que escrevia para matar o tempo. As paternidades ilustres que adotaram os meus escritos deram-me ânimo para não ocultar mais o que eu rabiscava.

Esta atividade que adquiri primeiro por reflexos condicionados, segundo a opinião de um médico da família, se prolongou pelo lazer forçado, que se afinava muito bem com a minha estrutura psicogenética.

Para cada convalescença, um punhado de escritos.

Comprovado o meu comodismo para catar inspiração, acompanhava os ângulos que se estendiam à minha vista. Os parâmetros desta visão se comprimiam num horizonte próximo. Aliás, esta preguiça inata nunca me deixou usar certa prática de abordar causas mais contundentes, de urgência e prementes.

Pois, alguém que uma arte ou habilidade se utiliza para expressar-se, em essência, a arte da palavra escrita ou falada, deverá utilizá-la para salvaguardar os ideais humanitários e práticos, por excelência.

O que fiz até agora? Passei colhendo o pitoresco, o frívolo, o satírico acontecido diante dos meus olhos. Nem me dava ao trabalho de caminhar até a cidade. Não saí do Porto, pois era só debruçar à janela, via Maria Sapa no seu barraco de latas de querosene à beira da lagoa em frente da minha casa, à sombra de uma caneleira que, ao vento da tarde se expandia em cheiro forte, que as minhas tias repudiavam. Mais além, touceiras de cascudo e de tinge-língua, montinhos de quartzos, rebrilhantes ao sol, que arrancávamos com as mãos para escorar as folhas das portas.

Muito enfeitado, onde à tardinha as meninas brincavam de roda e os rapazinhos jogavam bolas rústicas, feitas de seringa bruta. O Porto era um reino maravilhoso, farto de motivações que me alimentavam a mente fantasiosa de adolescente, as quais eu completava com o poema:

Onde o corpo não vai, projeta-se o olhar
Onde para o olhar, prossegue o pensamento
(Múcio Teixeira)

Porém, escrever não é isto. Usar da pena para fixar memórias, remover arquivos, reviver história é muito pouco.

Escrever é compromisso. Escrever é vigiar, é sofrer, gritar, protestar, denunciar, servir à pátria e à humanidade.

Eu, apenas preguiçosamente, tenho servido a mim mesma para um lazer pessoal. Quem desenvolve a pena com certa facilidade deve engajar-se nos acontecimentos, comprometer-se com o desenrolar dos fatos, aplaudir ou defender, porém, ser um militante das letras.

Escrever é ter sido um candoreiro, como o foi da abolição Castro Alves.

É viver os dramas da pátria, como Garcia Lorca.

Cervantes foi um privilegiado. Bem poucos como ele poderão vangloriar-se de ter abalado uma instituição com um livro que é mais de filosofia que sátira, mais verdade que romanesco. É epopeia! D. Quixote destruiu a fase medieval.

Mas, escrever é isto: uma única voz, mesmo titubeante, tem que se levantar quando virmos a pátria tripudiada em desmandos. É preciso coragem e destemor, mas, ao meu ver, escrever é isto.

Qual a minha conduta até agora? Poderei reparar ainda esta inatividade?

Sinto-me, ao empossar-me desta Cadeira investida de sérios compromissos. Vamos à luta!

Sempre pus a fé na juventude, nela confiando, considerando-a arauto e guardião dos mais nobres ideais. Mas, poderemos confiar nos jovens que fogem dos seus deveres, esquivando-se da realidade, indo afogar-se em subterfúgios prejudiciais que lhes minam o corpo e o espírito?

Um corpo doente poderá ter raciocínios saudáveis? Terá energia física para ler e interpretar obras de envergadura literária e social? Ou, pelo menos, esboçar gestos positivos de defesa e de conquista?

E aqui faço um apelo à nossa juventude estudantil; abandonem as greves contraproducentes de restaurante e do feijão bichado e se interessem mais pelos nossos problemas humanos e ecológicos.

Numa viagem rápida pelo Velho Mundo, no ano passado, tive a oportunidade de verificar uma renovação de interesse da juventude pelos problemas políticos e sociais. Na Grécia, diante da Universidade de Atenas, numerosos estudantes exigiam providências pela falta de vagas nos colégios e escassez de empregos reinante no país. Em Roma e Milão, grupos de estudantes distribuíam panfletos; uns contradizendo os líderes sindicais, outros contestando a Rússia, com suas pretensões de domínio do mundo ocidental.

Praza aos céus que os nossos jovens também se tornem imbuídos destes mesmos interesses e tenham, como os heróis do meu patrono Antônio Tolentino de Almeida, este acendrado e puro patriotismo.

A única resolução que vos posso oferecer, em retribuição a esta honra que me conferis, é tomar aqui, diante de vós, o compromisso de luta e ação. Esquecer o desânimo, o desencanto, a inércia.

Com a saúde que Deus me concedeu, espero renascer cada dia e estar em atividade na coluna da frente. Eu prometo, eu cumprirei, acatando as palavras de Vieira:

Se servirdes à vossa pátria e ela vos foi ingrata, fizestes o que devíeis e ela o que costuma

Discurso pronunciado por Dunga Rodrigues na formatura das alunas do Conservatório Mato Grosso

Cada sapo gaba a sua lagoa

Chegou a vez de falar de mim mesma e das minhas colegas do Conservatório Mato Grosso, cuja diretora é a Sra. Dalva Lúcia Silva Duarte.

Aliás, nós apertamos mutuamente as mãos pelo, não digo por modéstia, sucesso, mas pelo esforço das nossas alunas, nos dois recitais de sábado e domingo últimos, passo a dirigir a palavra a estas, em particular as minhas, em geral a todas.

Caríssimas: ouvi com carinho, desde a iniciante Tatiane à mui compenetrada Ofélia, que faz longa caminhada noturna, de Barra do Garças até Cuiabá, para receber aulas.

A todas vocês, nos seus lindos vestidos novos, ouvi com respeito e uma certa peninha. Mãozinhas trêmulas, algumas se benziam ao levantar-se para dirigir ao piano, dedinhos incertos, a princípio, tornando-se aos poucos seguros e enérgicos, quando retomavam o fôlego. Mas todas tão responsáveis que dava gosto. Pois, hoje, o cultivo da responsabilidade está sendo bastante desleixado. E esta qualidade é bem mais importante que qualquer dote artístico.

Algumas executantes, dotadas de ouvido absoluto, pararam indecisas ao ferir a primeira nota. Recomeçaram, tornaram a parar depois, como quem joga com a sorte, continuaram a tocar até o fim.

Vocês não erraram, nem tampouco fizeram feio. Pelo contrário: deram uma demonstração incrível de audição musical apurada.

Na realidade, o piano estava com algumas teclas desafinadas, o que as perturbou bastante.

Minha pequenina Mirela: você que se levantou mostrando preocupada, os dedinhos às vezes que errava, você não errou. Você procurava os sons exatos naquela nota desafinada.

Aqui, uma palavra mais a todas as participantes. Continuem responsáveis assim. Esta qualidade será muito válida e solicitada



Como escritora, Dunga Rodrigues oferece poesia, música, lendas, contos, crônicas, receitas culinárias, entre outros gêneros. São materialidades discursivas focalizadas por memórias, descritas por Eclea Bosi (2003), como ficção. A alegria, a jovialidade, o bom humor e uma sagaz ironia escorrem das veias de suas produções, proporcionando deliciosas viagens pelos becos da cidade, pelos quintais arborizados das casas geminadas, pelas vivências e intimidades dos habitantes do bairro do Porto, por histórias recheadas de humor, de musicalidade, de política, e, sobretudo, das teclas do piano que, muitas vezes, ressoaram homenagens aos seus conterrâneos. (Prefácio. Maria Elizabete Nascimento de Oliveira, 2020)



SECEL
Secretaria de
Estado de Cultura,
Esporte e Lazer



Governo de
**Mato
Grosso**

em todas as contingências da vida. Será cada vez mais útil a todas vocês, em quaisquer profissões que abracem.

Agora, a verdade.

Piano não é divertimento, não é moleza. É mão de obra. Desgaste de estivador nas horas árduas de estudo, operação de Zerbini: só transplantar para a ponta dos dedos o coração na hora da interpretação: dedicação integral, desinteresse materno, mesmo nos grandes artistas. O piano não devolve riqueza.

Receitar o estudo deste instrumento como higiene mental é pura ingenuidade,

Neste caso, comprem um minicassete e façam munição musical nas casas do gênero.